Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Letras

DE *MENINO DE ENGENHO* A *L'ENFANT DE LA PLANTATION*: OS CAMINHOS DAS TRADUÇÕES FRANCESAS DA OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO

Flora Marina Figueiredo Ajala

João Pessoa – Paraíba
2016

Flora Marina Figueiredo Ajala

DE *MENINO DE ENGENHO* A *L'ENFANT DE LA PLANTATION*: OS CAMINHOS DAS TRADUÇÕES FRANCESAS DA OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Literatura e Cultura. Linha de Pesquisa: Tradução e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Marta Pragana Dantas

João Pessoa - Paraíba

2016

A312d Ajala, Flora Marina Figueiredo.
De Menino de Engenho a L'Enfant de La Plantation: os caminhos das traduções francesas da obra de José Lins do Rego / Flora Marina Figueiredo Ajala.- João Pessoa, 2016.
167f. : il.
Orientadora: Marta Pragana Dantas
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL
1. Rego, José Lins do, 1901-1957. 2. Literatura e cultura. 3. Tradução e cultura. 4. Estudos descritivos - tradução. 5. Menino de Engenho. 6. L'Enfant de La Plantation.

UFPB/BC CDU: 82(043)

Flora Marina Figueiredo Ajala

De *Menino de engenho* a *L'Enfant de la plantation*: os caminhos das traduções francesas da obra de José Lins do Rego

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da Profª Drª Marta Pragana Dantas.
Data da aprovação: 26/08/2016

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marta Pragana Dantas – UFPB/PPGL

(Presidente da Banca examinadora)

Profa. Dra. Marie-Hélène Catherine Torres – UFSC/PGET

(Examinadora externa)

Profa. Dra. Wiebke Röben de Alencar Xavier – UFPB/PPGL

(Examinadora interna)

DEDICATÓRIA

Aos meus avós Nestor (*in memoriam*), Ruth e Analcy (*in memoriam*);

À minha mãe Lílian e ao meu pai Lourimar;

Aos meus irmãos, Vinícius, Caellum, Brisa, Mariah e Vida.

AGRADECIMENTOS

Ao Autor e Consumador da minha fé. "O teu amor é melhor do que a vida!".

À minha avó Ruth, por todo amor, paciência e cuidado. Obrigada por acreditar e me sustentar em todo o tempo. Não tenho como retribuir tudo o que você fez e continua fazendo por mim.

À minha mãe Lílian, pelo amor, pela compreensão nos dias difíceis e por todos os mimos durante essa jornada.

Ao meu tio Nestor Jr., pelos conselhos, livros e pelo tempo dedicado para estimular esse trabalho.

À minha tia Rudgy, pela presença indispensável, por todo amor e cuidado.

Ao meu primo Rodolfo, pela disposição e prontidão em me ajudar com o inglês.

À professora e orientadora Marta Pragana Dantas, por me orientar sempre com dedicação, pelo incentivo e companhia durante a temporada em Paris. Obrigada pela paciência e pelas leituras.

Aos professores que participaram da banca de qualificação, Roberto Carlos de Assis e Wiebke Röben de Alencar Xavier, pelas sugestões enriquecedoras.

À amada família francesa, Georges, Patrícia, Emilye e Jo-Natan, pela hospitalidade e por me deixar fazer parte desse lar. Obrigada por todos os momentos compartilhados durante minha estadia. Entre risos e lágrimas, encontrei muito amor! Nunca me esquecerei.

Aos queridos Gerson Borges e Cinha Luz, pelo amor, em palavras e (or)ações, em um momento tão difícil.

À Paula Salnot, pela oportunidade de estagiar na editora, pela recepção em Paris, pelas histórias compartilhadas e por mais uma entrevista concedida.

Aos funcionários do Museu José Lins do Rego, Maria do Carmo de B. P. Diniz, Waldeck da Paz Gomes de Silva, Dilermando Athayde Júnior e Mirabeau de Menezes Pontes, pela atenção, ajuda e disposição durante minha pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio concedido.

À Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) por todo auxílio e atenção.

« Tout ce qui touche aux livres est magique »

Blaise Cendrars, « *Bourlinguer* »

RESUMO

O presente trabalho investiga os caminhos das duas traduções francesas *L'Enfant de la plantation* (1953 e 2013), do romance *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego, e se insere nos Estudos Descritivos da Tradução. O estudo se apoia, mais precisamente, na abordagem sociológica da tradução, a partir das contribuições de Pierre Bourdieu (1971, 1983, 1991, 1996, 2002, 2013), Pascale Casanova (2002a, 2002b), Johan Heilbron e Gisèle Sapiro (2009), bem como na perspectiva das transferências culturais, a partir das contribuições de Michel Espagne (2012, 2013) e Diana Cooper-Richet (2013). Tem por objetivo compreender o ato de traduzir e os processos implicados nessas traduções francesas. Partindo da identificação das operações sociais (Bourdieu) e entendendo-as como parte do processo de transferência cultural (Espagne), realizamos o estudo dos contextos e dos intermediários das traduções francesas e nos deparamos com processos e caminhos distintos. Com isso, pudemos confirmar a importância dos estudos descritivos para compreender a atividade tradutória para além da perspectiva textual e através das relações sociais, pudemos ainda onstatar as mudanças ocorridas tanto no espaço literário francês em relação ao lugar ocupado pela literatura brasileira, quanto nos dois processos de tradução do romance do escritor paraibano.

Palavras-chave: Estudos Descritivos da Tradução. José Lins do Rego. *Menino de engenho*. *L'Enfant de la plantation*.

RÉSUMÉ

Cette étude examine les trajectoires des deux traductions françaises *L'Enfant de la plantation* (1953 et 2013), du roman *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego, et s'insère dans les Études Descriptives de la Traduction. Plus précisément, elle s'appuie sur l'approche sociologique de la traduction, à partir des contributions de Pierre Bourdieu (1971, 1983, 1991, 1996, 2002, 2013), Pascale Casanova (2002a, 2002b), Johan Heilbron et Gisèle Sapiro (2009), ainsi que du point de vue des transferts culturels, à partir des contributions de Michel Espagne (2012, 2013) et Diana Cooper-Richet (2013). L'étude a pour objectif comprendre l'acte de traduire et les processus impliqués dans ces traductions françaises. À partir de l'identification des opérations sociales (Bourdieu) envisagées en tant que partie du processus de transfert culturel, nous avons mené l'étude des contextes et des intermédiaires des deux traductions françaises, tout en tenant compte des processus et des trajectoires différents. Ainsi, nous avons pu confirmer l'importance des études descriptives pour comprendre l'activité traductive au-delà de la perspective textuelle et à travers les relations sociales; en plus, nous avons pu constater les changements survenus dans l'espace littéraire français liés à la place de la littérature brésilienne, de même que dans les deux processus de traduction du roman de l'écrivain paraïbanais.

Mots-clés : Études Descriptives de la Traduction. José Lins do Rego. *Menino de engenho*. *L'Enfant de la plantation*.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Número de traduções de obras literárias brasileiras na França e de bolsas concedidas pela FBN (1991-1999)	**54**
Quadro 2	Número de traduções de obras literárias brasileiras na França e de bolsas concedidas pela FBN (2000-2015)	**57**
Quadro 3	Romances de José Lins do Rego publicados por ano	**74**
Quadro 4	Trecho de *Menino de engenho* publicado no Brasil e em Portugal	**85**
Quadro 5	Tradução da correspondência enviada em 22 de agosto de 1952	**100**
Quadro 6	Tradução da correspondência enviada em 4 de setembro de 1952	**102**
Quadro 7	Transcrição do bilhete enviado em 7 de agosto de 1952	**112**

LISTA DE TABELA

Tabela 1 Obras traduzidas de José Lins do Rego traduzidas por ano **75**

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Número de traduções da literatura brasileira na França (1823 - 2015) **48**

Gráfico 2 Número de traduções publicadas por períodos **89**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

1 A TRADUÇÃO LITERÁRIA NAS TROCAS CULTURAIS 18

2 BREVE PANORAMA DA LITERATURA BRASILEIRA TRADUZIDA NA FRANÇA: INTERMEDIÁRIOS E OBRAS 31

2.1 Intermediários da literatura brasileira 31

2.1.1 Século XIX 31

2.1.2 Século XX 34

2.2 Obras literárias brasileiras traduzidas na França 47

3 A TRAJETÓRIA DE JOSÉ LINS DO REGO E OS INTERMEDIÁRIOS DE SUA OBRA . 62

3.1 Os anos de formação de José Lins do Rego 63

3.1.1 O romancista 66

3.2 O percurso editorial 71

3.2.1 A livraria José Olympio Editora 72

3.3 José Lins e suas relações no exterior: intermediários e traduções 74

4 CONTEXTO, INTERMEDIÁRIOS E OPERAÇÕES SOCIAIS NAS TRADUÇÕES DE *MENINO DE ENGENHO* 91

4.1 Os momentos históricos das traduções de 1953 e 2013 91

4.2 *L'Enfant de la plantation*, 1953: Operações sociais e intermediários implicados na tradução 96

4.2.1 Intermediários 98

4.2.2 Outros intermediários 110

4.3 *L'Enfant de la plantation*, 2013: Operações sociais e intermediários implicados na tradução 114

4.3.1 Intermediários 117

4.3.2 Outros intermediários 120

CONSIDERAÇÕES FINAIS 123

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 128

APÊNDICES 135

ANEXOS 140

INTRODUÇÃO

A tradução, para além da conhecida função comunicativa e das questões linguísticas implicadas, é uma atividade que está imersa em questões políticas, culturais, ideológicas e econômicas. O estudo dessa atividade é amplo e possibilita diferentes abordagens. O termo Estudos da Tradução foi proposto pelo teórico James Holmes e compreende o estudo da tradução como um todo (literária ou não-literária; dublagem; legendagem; etc), pesquisas e desenvolvimentos teóricos, bem como as considerações tanto sobre a formação de tradutores quanto sobre as práticas tradutórias.

O presente trabalho, tendo por objeto estudar as duas traduções francesas (1953 e 2013) do romance *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego, encontra-se inserido nos Estudos da Tradução. Afora as constantes pesquisas na abordagem linguística do texto, a tradução literária pode ser estudada através dos Estudos Descritivos da Tradução. A perspectiva descritiva visa à compreensão dos processos e dos atores implicados em uma tradução e dos fluxos das traduções. Nessa perspectiva, segundo José Lambert (2011, p. 186),

> [a] tradução se torna assunto de estudo; procura-se saber quem produz as traduções, para que público, com o auxílio de que textos, em que gêneros, em que línguas e linguagem, segundo que registros e esquemas literários, em função de que modos literários, morais, linguísticos, políticos; e ademais, em função de que concepção de tradução.

Desse modo, a tradução é compreendida a partir das condições sociais e das relações que a propiciam, ultrapassando (sem, contudo, excluir) a questão das escolhas tradutórias e da materialização do livro. Inseridos nessa abordagem teórica dos Estudos Descritivos da Tradução, os teóricos Itamar Even-Zohar e Gideon Toury, com a teoria dos polissistemas, entendem determinada cultura como um sistema composto por subsistemas e que interage com outros sistemas (no polissistema de uma cultura, encontra-se o sistema literário e, neste, a literatura traduzida). Também dentro dessa abordagem, José Lambert e Hendrik Van Gorp (2011) propõem um modelo para descrever as traduções, a partir de um esquema desenvolvido por Lambert e Lefevere em 1978. Essa perspectiva teórica tem como objetivo esclarecer aspectos da produção e da recepção das traduções.

Nosso interesse em investigar os caminhos que o romance *Menino de engenho* percorreu até as duas publicações francesas surgiu após termos desenvolvido, a partir do modelo de descrição de traduções de Lambert e Van Gorp (2011), o estudo monográfico intitulado "*Menino de engenho (José Lins do Rego) na França: um estudo descritivo-comparativo de duas traduções*"[1]. Nesse estudo, analisei as escolhas tradutórias das duas edições francesas, verificando as implicações e o significado delas para a obra traduzida, bem como o contexto histórico e cultural em que se encontravam inseridas.

Inserido, portanto, nos Estudos Descritivos da Tradução o presente trabalho consiste na investigação dos caminhos percorridos pelas duas traduções francesas da obra *Menino de engenho*, ambas publicadas sob o título *L'Enfant de la plantation*. Para tanto, compreenderemos a tradução a partir de uma perspectiva relacional, evidenciando as operações sociais (BOURDIEU, 2002) e as transferências culturais (ESPAGNE, 2012) realizadas através delas e seus respectivos significados. A noção de retradução (BERMAN, 2013) será de grande utilidade ao abordarmos a tradução publicada em 2013.

A pesquisa tem como objetivo compreender as operações sociais implicadas nos dois processos de tradução para o francês (1953 e 2013) do romance de José Lins do Rego, evidenciando a atuação dos intermediários na circulação da obra do escritor paraibano no Brasil e no exterior. Pretende também mostrar como o estudo dos impressos contribui para evidenciar as relações entre o autor e os intermediários de sua obra a respeito da tradução. Para tanto, fazem-se necessários alguns passos metodológicos. Primeiramente, tecer um breve panorama da literatura brasileira traduzida na França, a fim de compreender o histórico da literatura brasileira naquele país; em seguida, evocar a trajetória do autor paraibano no Brasil e as suas relações no exterior, e, por fim, estabelecer o contexto de recepção, os intermediários e as operações sociais que intervieram por ocasião das duas traduções do romance. Essas etapas deram origem aos quatro capítulos que estruturam o presente trabalho.

O primeiro capítulo trata a tradução a partir de uma abordagem sociológica e da perspectiva das transferências culturais. Compreendendo a tradução como o principal meio para as trocas culturais, partiremos das reflexões do sociólogo Pierre Bourdieu (1971, 1983, 1991, 1996, 2002) referentes à literatura, ao mercado dos bens simbólicos

[1] Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Tradução (UFPB) orientado pela Profª Drª Marta Pragana Dantas e defendido em setembro de 2013.

e às operações sociais implicadas nas trocas internacionais por meio da tradução; da noção de retradução de Berman (2013); da contribuições de Pascale Casanova (2002a, 2002b), ao desenvolver uma reflexão sobre a história e a estrutura do espaço literário mundial; de Heilbron e Sapiro (2009), problematizando a tradução nas trocas culturais internacionais; da abordagem da transferência cultural proposta por Michel Espagne (2012, 2013), que objetiva evidenciar as ligações e mestiçagens entre os espaços nacionais ou culturais, valorizando os contextos de produção e de recepção da obra, o papel dos diferentes atores de mediação e dos impressos, e de Cooper-Richet (2013), que, assim como Espagne, aborda a circulação dos impressos e o papel exercido pelos intermediários.

Desse modo, entenderemos a tradução como uma atividade de reescrita, noção apresentada por André Lefevere (2007) e, portanto, não-neutra, uma vez que encontra-se imersa em questões políticas, culturais, ideológicas e econômicas. Com isso, Lefevere (2007) evidencia as relações sociais: os intermediários da atividade tradutória, a influência na recepção e na canonização de obras literárias e o mecenato – destacado pelo autor como um fator de controle no sistema literário (tanto para a promoção quanto para a censura de literaturas).

No segundo capítulo, apresentaremos um breve panorama da literatura brasileira traduzida na França, a fim de contextualizar, de um modo geral, o percurso da literatura brasileira nesse país, por meio tanto dos intermediários (franceses e brasileiros) quanto das obras traduzidas. Com isso, buscamos evidenciar o papel desempenhado por esses intermediários (ao longo dos séculos XIX e XX) e o espaço concedido à literatura brasileira em diferentes períodos históricos na França (de 1824 a 2015). Para os períodos das duas publicações francesas de *Menino de engenho* (1953 e 2013), veremos mais detalhadamente as obras traduzidas, a fim de observar o contexto no qual esse romance encontra-se inserido.

No terceiro capítulo, traçaremos a trajetória de José Lins do Rego, desde os anos de formação até a carreira de romancista, identificando os diferentes intermediários da sua obra no Brasil (contexto de produção). Para a contextualização dos intermediários no exterior (contexto de recepção das traduções), nos basearemos nas informações sobre as traduções publicadas, nas viagens realizadas pelo autor paraibano e na sua correspondência passiva, observando as relações estabelecidas e o seu papel de intermediário da própria obra.

No quarto e último capítulo, trataremos dos diferentes contextos das publicações francesas; dos intermediários identificados através da edição, de documentos ou de entrevista; e das operações sociais implicadas nas duas traduções francesas de *Menino de engenho*, a fim de compreender os caminhos percorridos por essas publicações. Por fim, e considerando o período de sessenta anos entre a primeira tradução e a retradução, buscamos, por um lado, confirmar as diferenças entre os caminhos das edições francesas, desde o contexto da literatura brasileira na França no período das duas publicações até o papel dos intermediários nas transferências, e, por outro, identificar o modo como as obras foram apresentadas ao público francês em épocas distintas.

1 A TRADUÇÃO LITERÁRIA NAS TROCAS CULTURAIS

A tradução literária vista através da perspectiva das trocas culturais será aqui entendida a partir de um duplo diálogo. O primeiro diálogo é com uma abordagem sociológica - a sociologia da tradução, a partir das contribuições de Pierre Bourdieu, Pascale Casanova, Johan Heilbron e Gisèle Sapiro. O segundo, com a perspectiva da transferência cultural, a partir das contribuições de Michel Espagne e Diana Cooper-Richet. Do ponto de vista dos Estudos da Tradução, a proposta deste trabalho entende a tradução como uma atividade de reescrita, noção apresentada por André Lefevere (2007), através da qual se evidenciam os intermediários dessa atividade, bem como a sua influência na recepção e na canonização de obras literárias e a manipulação destas tendo em vista determinado propósito ideológico ou poetológico. Tendo em vista que abordaremos duas traduções, consideraremos a segunda tradução francesa a partir do ponto de vista da retradução, noção apresentada por Antoine Berman (2013).

Além da reescrita, partimos da compreensão de tradução como o principal meio para as trocas culturais, através das contribuições do sociólogo Pierre Bourdieu (1971, 1983, 1989, 1991, 1996, 2002), no que diz respeito à literatura, ao mercado dos bens simbólicos e às operações sociais implicadas nas trocas internacionais; das contribuições de Pascale Casanova (2002a, 2002b), que desenvolve uma reflexão sobre a história e a estrutura do espaço literário mundial, abordando as lutas pela hegemonia; da contribuição de Heilbron e Sapiro (2009), reafirmando as contribuições de Bourdieu e Casanova, em uma perspectiva sociológica da tradução; da abordagem da transferência cultural proposta por Michel Espagne (2012), que tem por finalidade determinar os caminhos usados pela exportação e que considera os impressos como a documentação dessas transferências; e Cooper-Richet (2013), que por meio dos conceitos das transferências culturais, aborda a circulação dos impressos e o papel exercido pelos mediadores.

As atividades de reescrita, segundo Lefevere (2007), podem ser de tradução, antologização, historiografia, crítica e edição. A reescrita influencia a recepção e a canonização de obras e as manipula para cumprir um determinado propósito em dada sociedade. Segundo Bassnett e Lefevere (2007, p. 11),

> [a] Tradução é, certamente, uma reescritura de um texto original. Toda reescritura, qualquer que seja sua intenção, reflete uma certa ideologia e uma poética e, como tal, manipula a literatura para que ela funcione dentro de uma sociedade determinada e de uma forma determinada.

Ou seja, a tradução não é uma atividade neutra, mas está imersa em questões políticas, culturais, ideológicas e econômicas. Por isso, é importante observar os intermediários que reescrevem uma obra, como assinala Lefevere (2007, p. 13):

> É importante porque são, no presente, co-responsáveis, em igual ou maior proporção que os escritores, pela recepção geral e pela sobrevivência de obras literárias entre os leitores não-profissionais, que constituem a grande maioria dos leitores em nossa cultura globalizada.

Entre os intermediários que participam da reescrita de uma obra através da tradução, podemos citar a editora, o editor, o tradutor, o prefaciador, o crítico, entre outros. Essa reescrita evidencia o papel do tradutor (ou reescritor) e do prefaciador na construção de imagens, tanto do autor quanto da obra, em outra cultura. Ainda sobre as mediações implicadas em uma tradução, Lefevere (2007) destaca o mecenato (ou a patronagem) como um fator de controle do sistema literário, por meio do qual pessoas ou instituições podem promover ou censurar a reescrita e a divulgação de determinadas literaturas. Segundo Lefevere (2007, p. 34), "o mecenato está comumente mais interessado na ideologia da literatura do que em sua poética", observação que reforça a importância das questões políticas e de relações de poder presentes em uma atividade tradutória.

Ao abordar a noção de retradução, Berman (2013, p. 137) afirma que "é essencial distinguir dois espaços (e dois tempos) de tradução: o das primeiras traduções e o das retraduções". Além disso, segundo autor, "aquele que retraduz não está mais frente a um só texto, o original, mas a dois, ou mais". Segundo o autor, a primeira tradução é um movimento de anexação do original à língua estrangeira, enquanto a retradução diz respeito a um movimento de invasão da língua materna pela língua estrangeira. Portanto, para Berman (2013, p. 138), a primeira tradução é entendida como introdução da obra, e a retradução, como sinal "de uma relação amadurecida com a língua materna; amadurecida significando: capaz de aceitar, buscar a 'comoção' da língua estrangeira". Ainda segundo o autor, a retradução no século XX tem um sentido histórico e cultural específico e reabre o acesso às obras.

Para tratar dos caminhos das traduções, é necessário compreender o espaço literário e os aspectos que o regem. Para tanto, alguns conceitos elaborados por Pierre Bourdieu, especialmente no que diz respeito à literatura, serão aqui apresentados.

Bourdieu (1989) elabora o conceito de campo com o propósito de aplicar a diferentes universos (político, econômico, literário, artístico, etc) um mesmo modo de pensamento, no qual cada universo é compreendido como relativamente autônomo em relação aos outros, possuindo cada um sua própria lógica de funcionamento. Ao discorrer sobre o campo literário, Bourdieu (1996, p. 162) afirma que

> [e]sse universo relativamente autônomo (o que significa dizer também, é claro, relativamente dependente, em especial com relação ao campo econômico e ao campo político) dá lugar a uma economia às avessas, fundada, em sua lógica específica, na natureza dos bens simbólicos, realidades de dupla face, mercadorias e significações, cujo valor propriamente simbólico e o valor mercantil permanecem relativamente independentes.

Ao tratar da vida intelectual e artística, bem como dos processos de produção e reprodução, Bourdieu (1971) utiliza a noção de mercado dos bens simbólicos. O sistema de produção dos bens simbólicos, assim como sua estrutura, está ligado à constituição progressiva de um campo intelectual e artístico, ou seja, à medida que um campo intelectual e artístico vai-se constituindo, ele apresenta uma certa autonomia no sistema das relações de produção, de circulação e de consumo dos bens simbólicos. Segundo o autor, as instâncias que determinam os bens simbólicos em nome de um poder ou de uma autoridade dão lugar às relações objetivas entre os grupos de intelectuais e artistas, de acordo com a função e a posição que ocupam nesse sistema considerado relativamente autônomo. Dessa forma, por exemplo, o processo que conduz à constituição de uma arte como arte está relacionado, continua o autor, a uma transformação da relação que os artistas mantêm tanto com outros artistas quanto com os não-artistas.

O campo literário caracteriza-se por relações sociais específicas entre diferentes atores, como, por exemplo, a relação entre autores, entre autores e editores, entre agentes do espaço literário, entre outras. O estudo dessas relações sociais pode revelar o caminho da exportação de uma obra e os atores envolvidos na troca cultural – aspectos que nos interessam de perto neste estudo.

O campo literário, ainda segundo Bourdieu (1991), é um campo de forças que age sobre todos os atores que estão inseridos nele - de maneiras diferentes segundo a posição que cada ator ocupa -, ao mesmo tempo em que é um campo de luta e concorrência, que tende a conservar ou a transformar esse campo de forças. A posição dos atores sociais está relacionada com o capital simbólico, ou seja, com o

reconhecimento que lhes foi atribuído por meio das relações entre os que exercem poder e os que estão sujeitos ao poder.

Bourdieu (1971, p. 54) define campo de produção e de circulação dos bens simbólicos (o campo literário estando aqui inserido) como "o sistema das relações objetivas entre diferentes instâncias caracterizadas pela função que elas preenchem na divisão do trabalho de produção, de reprodução e de difusão dos bens simbólicos[2]". O autor afirma que o campo de produção deve sua estrutura a uma oposição entre duas lógicas econômicas, dois modos de produção e de circulação da literatura. Bourdieu (1996, p. 163) assim os diferencia:

> Em um pólo, a economia anti-"econômica" da arte pura que, baseada no reconhecimento indispensável dos valores de desinteresse e na denegação da "economia" (do "comercial") e do lucro "econômico" (a curto prazo), privilegia a produção e suas exigências específicas, oriundas de uma história autônoma; essa produção que não pode reconhecer outra demanda que não a que ela própria pode produzir, mas apenas a longo prazo, está orientada para a acumulação de capital simbólico, como capital "econômico". No outro pólo, a lógica "econômica" das indústrias literárias e artísticas que, fazendo do comércio dos bens culturais um comércio como os outros, conferem prioridade à difusão, ao sucesso imediato e temporário, medido, por exemplo, pela tiragem, e contentam-se em ajustar-se à demanda preexistente da clientela.

Assim, o espaço de circulação dos textos se encontra estruturado em torno da oposição entre esses dois polos. O primeiro polo descrito pelo autor diz respeito ao polo de produção restrita e o segundo, ao polo de grande produção.

O polo de produção restrita tem como características a rentabilidade a longo prazo, a formação de um acervo (a seleção das obras com base nos critérios de valor literário), pequenas tiragens, produção baseada em um sistema de auxílios à edição e à tradução e um ciclo de produção longo - em que há a aceitação do risco, pois está voltado para o futuro, para um público de produtores de bens simbólicos. O polo de grande produção, por sua vez, guiado pela lógica econômica de rentabilidade a curto prazo, apresenta *best-sellers* mundiais, grandes tiragens e um ciclo de produção curto – minimizando os riscos e tendo uma produção voltada para a comercialização, de forma a assegurar os lucros através de uma rápida circulação para o grande público (não-produtores).

---

[2] No original: “le système des relations objectives entre différentes instances caractérisées par la fonction qu'elles remplissent dans la division du travail de production, de reproduction et de diffusion des biens symboliques” (Tradução nossa, assim como para as demais traduções do francês daqui em diante).

A literatura brasileira traduzida para o francês situa-se, de um modo geral, no polo de produção restrita[3]. Por se tratar de uma literatura pouco conhecida, as traduções de obras brasileiras são de rentabilidade em longo prazo, bem como são produções que contam em grande parte com sistemas de auxílios à edição e à tradução. O romance *Menino de engenho*, como veremos adiante, foi reconhecido no Brasil como um romance social e regionalista de grande valor literário, e os espaços nos quais se encontram as duas traduções na França revelam que essas escolhas não foram feitas baseadas na lógica econômica da rentabilidade em curto prazo, mas no valor literário e ideológico, objetivando a constituição de acervo pelas editoras. A tradução *L'Enfant de la plantation* publicada em 2013, recebeu auxílio à edição e à tradução de uma instituição brasileira, como veremos mais adiante.

Quanto aos aspectos linguísticos presentes em uma abordagem sociológica da atividade tradutória, Bourdieu (1983, p. 2) afirma que

> a crítica sociológica submete os conceitos linguísticos a um tríplice deslocamento, substituindo: a noção de *gramaticalidade* pela de *aceitabilidade* ou, se quisermos, a noção de língua pela noção de língua legítima; as *relações de comunicação* (ou de interação simbólica) pelas *relações de força simbólica* e, ao mesmo tempo, a questão do *sentido* do discurso pela questão do *valor* e do poder do discurso; enfim e correlativamente, a competência propriamente linguística pelo *capital simbólico*, inseparável da posição de locutor na estrutura social.

Bourdieu (1983, p. 5) afirma que "a estrutura da relação de produção linguística depende da relação de força simbólica entre os dois locutores, isto é, da importância de seu capital de autoridade", caracterizando a língua não apenas como instrumento de comunicação, mas também como um instrumento de poder. A competência linguística seria, portanto, o direito à palavra, o poder de se impor à recepção. É por isso que a ciência da linguagem, segundo Bourdieu (1983, p. 9), tem por objetivo analisar as condições de produção do discurso não apenas no nível gramatical, mas sob o aspecto "aceitável, recebível, crível, eficaz ou simplesmente escutado, num determinado estado das relações de produção e de circulação".

Compreendida a partir da perspectiva bourdieusiana, a tradução de uma obra literária envolve os aspectos linguísticos, além dos literários. Antes entendida apenas

[3] Evidentemente há as exceções, a exemplo da obra de Paulo Coelho, que como *best-seller*, situa-se no polo de grande produção.

como instrumento de comunicação, a língua é caracterizada também como um instrumento de poder.

A partir das contribuições de Bourdieu, Pascale Casanova (2002a, 2002b) desenvolve uma reflexão sobre a história e a estrutura do espaço literário mundial e sobre as lutas pela hegemonia. Para a autora (2002b), a tradução deve ser entendida como uma troca desigual acontecendo em um universo fortemente hierarquizado, em que as desigualdades e hierarquias são tanto literárias quanto linguísticas.

Segundo Casanova (2002a, p. 33), "a língua é um dos principais componentes do capital literário", reafirmando o discurso e a língua como instrumentos de poder. O reconhecimento que alguns textos escritos em determinadas línguas possuem revela a existência de línguas que são consideradas, no universo literário, mais literárias que outras. Casanova (2002b, p. 8) define capital linguístico-literário nos seguintes termos:

> Trata-se do prestígio, da crença propriamente literária vinculada a uma língua, do valor que lhe foi atribuído literariamente e que estão ligados à sua antiguidade, ao prestígio da sua poesia, ao refinamento das formas literárias elaboradas nesta língua, às tradições, aos "efeitos" literários ligados especialmente às traduções e aos seus números, etc[4].

Em contrapartida, a fraqueza de capital literário em alguns países explica-se pela ausência de meios específicos que contribuem para esse valor, como, por exemplo: a alta taxa de analfabetismo, a falta de meios de comunicação e de difusão, a impossibilidade de especialização dos escritores em suas tarefas literárias, entre outros (CASANOVA, 2002a, p. 31).

A tradução, segundo a autora (2002b, p.8),

> [p]ode ser descrita como uma das formas específicas de relação de dominação que se exerce no campo literário internacional; e também, em consequência disso, como um desafio essencial das lutas pela legitimidade travadas nesse universo, ou seja, como uma das vias principais de consagração dos autores e dos textos.[5]

Ao tratar do capital linguístico-literário, Casanova (2002b, p. 8) propõe a utilização da oposição "dominante/dominado", a partir dos termos "centro/periferia" da

---

[4] No original: "Il s'agit du prestige, de la croyance proprement littéraire attachée à une langue, de la valeur qui lui est accordée littérairement et qui tiennent à son ancienneté, au prestige de sa poésie, au raffinement des formes littéraires élaborées dans cette langue, aux traditions, aux «effets» littéraires liés notamment aux traductions et à leur nombre, etc.".

[5] No original: "elle peut être décrite comme l'une des formes spécifiques du rapport de domination qui s'exerce dans le champ littéraire international ; et aussi, de ce fait, comme un enjeu essentiel des luttes pour la légitimité qui se livrent dans cet univers, c'est-à-dire comme l'une des voies principales de consécration des auteurs et des textes".

sociologia política. No entanto, a oposição "dominante/dominado", segundo a autora (2002b, p. 8), "supõe uma estrutura de dominação e relações de força"[6].

As línguas literárias dominantes, segundo a autora (2002b, p. 9), "por causa do seu prestígio específico, de sua antiguidade, do número de textos declarados universais escritos nessa língua, são dotadas de um volume importante de capital literário"[7]; e as línguas literárias dominadas são "línguas recentemente 'nacionalizadas' (isto é, que se tornaram línguas nacionais relativamente tarde)"[8], dotadas de pouco capital literário, pouco reconhecimento internacional, de um pequeno número de tradutores, mal conhecidas e, por muito tempo, invisíveis nos grandes centros literários (CASANOVA, 2002b).

As assimetrias entre as línguas em um processo de tradução podem caracterizar diferentes operações, dependendo do capital linguístico-literário das línguas envolvidas. Assim, a autora identifica duas funções principais que a tradução pode assumir: tradução-acumulação e tradução-consagração. A tradução-acumulação é definida como a estratégia por meio da qual os espaços nacionais dominados buscam importar capital literário e ganhar nobreza traduzindo para a língua nacional os grandes textos universais. A tradução-consagração acontece quando os textos provenientes de um espaço literário dominado são importados para uma língua e espaço dominantes; com isso, a tradução de uma obra proveniente de uma língua dominada para uma das grandes línguas literárias significa a consagração da obra e do autor (CASANOVA, 2002b).

O capital simbólico, como vimos, determina a desigualdade na relação de força. Assim Heilbron e Sapiro (2009, p. 20) descrevem os processos de acumulação e de consagração de uma obra:

> [p]ara um campo literário nacional em via de constituição, a tradução de uma obra canônica da literatura clássica pode servir para acumular capital simbólico; inversamente, a tradução de um texto de uma literatura dominada para uma língua dominante como o inglês ou o francês constitui uma verdadeira consagração para o autor.

Observando as línguas francesa e portuguesa, com relação ao capital linguístico-literário de cada uma, percebemos uma assimetria em que a primeira assume a posição de dominante e a segunda, de língua dominada. A língua francesa, sendo considerada

---

[6] No original: "suppose une structure de domination et des rapports de force".
[7] No original: "du fait de leur prestige spécifique, de leur ancienneté, du nombre de textes déclarés universels écrits dans ces langues, sont dotées d'un volume important de capital littéraire".
[8] No original: "langues récemment 'nationalisées' (c'est-à-dire devenues langues nationales relativement tardivement)".

uma "língua da literatura" (CASANOVA) em virtude do prestígio atribuído aos textos nela escritos e consagrados, por sua tradição e antiguidade, contrapõe-se à língua portuguesa (sobretudo no que tange o português do Brasil), dotada de pouco capital literário, pouco reconhecimento internacional e, por muito tempo, invisível nos grandes centros literários. A obra brasileira *Menino de engenho* traduzida para o francês inscreve-se, portanto, num processo de tradução-consagração.

Entendendo a tradução como uma das formas de transferência de capital literário, Pascale Casanova (2002b, p. 17) afirma que

> [o] valor da tradução e o seu grau de legitimidade dependem do capital do próprio tradutor-consagrador, e do capital linguístico-literário da língua de chegada (aos quais seria preciso acrescentar também o do editor, o prestígio da coleção ou da revista na qual o texto é publicado, etc.)[9]

A autora (2002b, p. 19) prossegue, afirmando que, "quando o tradutor é pouco dotado ou desprovido de capital específico, isto é, dotado de pouco poder de consagração, a operação de troca de capital é transferida para outros mediadores mais dotados"[10]. Entre os mediadores, destaca-se o prefaciador; Casanova afirma ser o prefácio "uma forma de consagração cada vez mais apreciada e eficaz"[11].

Nas duas traduções francesas de *Menino de engenho*, observaremos como se dá a operação de transferência de capital literário através de intermediários como o tradutor, o prefaciador, a editora, a coleção, entre outros.

Dialogando com as contribuições de Bourdieu e Casanova, Heilbron e Sapiro (2009, p. 15) abordam a tradução dentro de uma perspectiva sociológica que "toma por objeto o conjunto das relações sociais no meio das quais as traduções são produzidas e circulam". Nesse sentido, os autores (2009, p. 16) afirmam que,

> [s]air de uma problemática intertextual, centrada na relação entre um original e sua tradução, conduz a uma série de questões propriamente sociológicas a respeito das implicações e das funções das traduções, suas agências e seus agentes, o espaço no qual elas se situam e as restrições, tanto políticas quanto econômicas, que pesam sobre elas.

---

[9] No original: "la valeur de la traduction et son degré de légitimité dépendent du capital du traducteur-consacrant lui-même, et du capital linguistico-littéraire de la langue d'arrivée (auxquels il faudrait ajouter aussi celui de l'éditeur, le prestige de la collection ou de la revue laquelle le texte paraît, etc.)".

[10] No original: "lorsque le traducteur est peu doté ou dépourvu de capital spécifique, c'est-à-dire doté de peu de puissance de consécration, l'opération d'échange capital est transférée à d'autres médiateurs plus dotés".

[11] No original: "une forme de consécration en acte à la fois plus prisée et plus efficace".

Para a compreensão de uma tradução, seria necessária a análise das relações de força (política, econômica e cultural) entre os países e as línguas envolvidos no processo (HEILBRON; SAPIRO, 2009). A relação de força cultural divide-se em dois aspectos, segundo os autores (2009, p. 16): "a relação de força entre comunidades linguísticas de acordo com o número de locutores primários e secundários (SWANN, 1993; 2001), e o capital simbólico acumulado pelos diferentes países no domínio em questão (CASANOVA, 1999)".

Heilbron e Sapiro (2009) apresentam os dados relativos ao mercado internacional dos livros traduzidos. Esses dados destacam a estrutura das trocas e as relações hierárquicas entre as línguas. O inglês, ocupando a parte mais central do sistema, é chamado de língua hipercentral (quase metade dos livros traduzidos no mundo provém da língua inglesa). Em seguida, duas línguas consideradas centrais, o alemão e o francês, com um percentual entre 10 e 12% do mercado mundial de traduções. As línguas consideradas semiperiféricas, entre elas o espanhol e o italiano, abrangem de 1 a 3% das traduções. As demais línguas, entre as quais o português, têm participação inferior a um por cento do mercado internacional de traduções e são consideradas periféricas (HEILBRON; SAPIRO, 2009, p. 17).

A estrutura hierárquica das línguas rege, de certo modo, uma regularidade nas modalidades de circulação de textos. Algumas considerações que atestam essa afirmação: i) as traduções ocorrem mais do centro para a periferia do que o contrário; ii) a tradução entre línguas periféricas passa, com frequência, por intermédio de uma língua central; iii) quanto mais central é uma língua, maior é a possibilidade de servir como intermediária; iv) quanto mais central no sistema mundial de tradução, maior é a quantidade de gêneros traduzidos desta língua (HEILBRON; SAPIRO, 2009, p. 17).

O espaço concedido às traduções difere entre os países e as línguas e reafirma as relações de força. Segundo os autores (2009, p. 17), "a característica talvez mais marcante do ponto de vista do funcionamento deste espaço diz respeito à relação entre o grau de centralidade e a importância relativa das traduções". Quanto mais central é uma língua, menor é o número de traduções para essa língua. Os países dominantes "exportam" os seus produtos culturais e "importam" pouco; nos países dominados, o processo é oposto, eles "exportam" pouco os seus produtos culturais e "importam" muito por meio da tradução (HEILBRON; SAPIRO, 2009). Ainda segundo os autores (2009, p. 18), "tudo parece, assim, apontar para uma relação inversa entre o grau de

centralidade de uma língua no espaço internacional de traduções e a parcela de traduções na produção nacional de livros nessa língua".

Quanto ao espaço de circulação dos textos, Heilbron e Sapiro (2009) afirmam que "está cada vez mais estruturado em torno da oposição entre um polo de grande produção e um polo de produção restrita", reiterando a lógica proposta por Bourdieu.

Assim como Bourdieu, Heilbron e Sapiro reconhecem os agentes de intermediação e, segundo os autores (2009, p. 21),

> [a]s trocas culturais internacionais se organizam através de instituições e de atores associados às diferentes lógicas políticas (institutos culturais, instâncias de concessão de apoios, adidos culturais, encarregados do livro, etc.), econômicas (editores, agentes literários) e culturais (tradutores, autores, prêmios literários, etc.), tais categorias não sendo evidentemente estanques: assim, os adidos culturais são com frequência recrutados dentre os agentes culturais, vários editores vêem-se muitas vezes também como intermediários culturais, descobridores e formadores de gosto, e até mesmo como intelectuais no sentido pleno do termo, e assim por diante.

Para traçar os caminhos usados pelas traduções francesas de *Menino de engenho* (1932), partimos da abordagem da transferência cultural, proposta por Espagne (2012). A abordagem, entendida como uma orientação metodológica, tem como objetivo evidenciar as ligações e as mestiçagens entre os espaços nacionais ou culturais. Segundo o autor,

> [q]uando se diz que um livro ou uma orientação filosófica ultrapassou a fronteira do contexto nacional de origem, trata-se, antes de tudo, do ponto de vista do método das transferências culturais, de determinar os caminhos usados pela exportação. A descrição do processo de recepção deve substituir os juízos de valor sobre o fosso existente entre original e imitação (ESPAGNE, 2012, p. 22).

Segundo Espagne (2012, p. 23), a pesquisa nessa abordagem procura examinar "o processo de translação de um objeto entre seu contexto de surgimento e um novo contexto de recepção". Para ele (ESPAGNE, 2013, p. 3),

> [u]ma transferência cultural não acontece somente entre duas línguas, dois países ou duas áreas culturais: quase sempre há terceiros implicados. Portanto, devemos antes representar as transferências culturais como interações complexas entre vários polos, várias áreas linguísticas.[12]

[12] No original : "Un transfert culturel n'a jamais lieu seulement entre deux langues, deux pays ou deux aires culturelles : il y a quasiment toujours des tiers impliqués. On doit donc plutôt se représenter les transferts culturels comme des interactions complexes entre plusieurs pôles, plusieurs aires linguistiques."

O autor (2012, p. 23) prossegue afirmando que "esse exame obriga a valorizar o papel das diversas instâncias de mediação (viajantes, tradutores, livreiros, editores, bibliotecários, colecionadores etc.), bem como a incontornável transformação semântica ligada à importação". Essa transformação semântica não é vista como uma perda, mas como uma nova construção.

Sobre essa abordagem, Cooper-Richet (2013, p. 129) afirma que

> [d]uas noções importantes e relativamente novas, a de "transferência cultural" e a de "mediador da cultura", que a acompanha, permitiram aos pesquisadores repensar a questão da circulação das ideias e dos conhecimentos, até mesmo das práticas, entre o Antigo e o Novo Mundo.[13]

As pesquisas em transferência cultural, segundo Cooper-Richet (2013, p. 130), "permitem rastrear o caminho percorrido por uma transferência, considerar a noção de transferência como uma ferramenta, adaptável e flexível, e não se fechar em um quadro [teórico] estrito demais"[14].

Os mediadores da cultura são, segundo Cooper-Richet (2013, p. 131), "os motores da realização das 'transferências culturais'"[15]. Os mediadores ou intermediários podem ser de natureza diferente: padre, tradutor, viajante, jornalista, professor, e ainda, grupos, como por exemplo, congregação religiosa e partido político (COOPER-RICHET, 2013). A autora (2013, p. 131) prossegue afirmando que "é preciso se servir dessas duas noções como instrumentos úteis, que permitem aos pesquisadores irem mais longe"[16].

No caso do livro, pode ser deslocado em sua forma original ou através de uma tradução. Se deslocado em sua forma original, supõe-se que o contexto de recepção possui conhecimento da língua, pois, sem esse conhecimento, o livro não tem leitores. Espagne (2012) afirma que, se deslocado através de uma tradução, há um maior impacto, já que a tradução significa uma nova escrita em um novo contexto de recepção, a partir de um sistema retórico diferente, e com outras referências literárias e históricas agregadas ao texto.

---

[13] No original : "Deux notions importantes et relativement nouvelles, celle de ‘transfert culturel’ et celle de "passeur de culture", qui l'accompagne, ont permis aux chercheurs de repenser la question de la circulation des idées et des connaissances, voire celle des pratiques, entre l'Ancien et le Nouveau Monde".

[14] No original : "permettent de suivre à la trace le chemin parcouru par un transfert, de considérer la notion de transfert comme un outil, adaptable et souple et de ne pas s'enfermer das un cadre trop strict."

[15] No original : "les moteurs de la mise en oeuvre des 'transferts culturels'".

[16] No original : "il faut se servir de ces deux notions comme d'utiles instruments, qui permettent aux chercheurs d'aller plus loin".

Segundo Espagne (2013, p. 7), "a análise não linguística do fenômeno das traduções é um dos eixos da pesquisa sobre as transferências culturais"[17]. Nessa abordagem interessam os processos e os caminhos da exportação; o estudo recai sobre os contextos de produção e de recepção da obra, valoriza-se o papel dos intermediários e a importância dos impressos (documentos como revistas e correspondências) nessas trocas.

Portanto, abordaremos o contexto de produção e de recepção de *Menino de engenho* a partir dos atores presentes tanto na trajetória de José Lins do Rego e na sua formação como escritor, quanto no período literário no qual o romance encontra-se inserido. Entendendo os impressos como a materialização das transferências culturais, identificaremos, através do estudo das correspondências enviadas a José Lins do Rego, alguns atores envolvidos na sua trajetória como escritor e nas negociações para a tradução das suas obras, em especial, a tradução francesa de 1953 e as relações estabelecidas com os franceses.

Assim como Michel Espagne, Pierre Bourdieu destaca as relações sociais implicadas na tradução e nas trocas internacionais; no entanto, evidencia o papel dos intermediários através de operações sociais. Segundo o autor, as trocas literárias estão sujeitas a fatores que podem gerar mal-entendidos, sobretudo devido ao fato de que os textos circulam sem seus contextos. Com isso, uma tradução será interpretada de acordo com o contexto em que está inserida, e não a partir do contexto em que a obra original foi produzida.

Quanto ao sentido e à função de uma obra traduzida, Bourdieu (2002) afirma que são determinados tanto pelo campo de recepção como pelo campo de origem. Isso porque, em primeiro lugar, explica o autor, o sentido e a função no campo original são frequentemente ignorados e, em segundo lugar, porque a transferência de um campo a outro se faz através de operações sociais que exercem, de certa maneira, o papel de dar novo sentido e função à obra. As operações sociais que Bourdieu (2002) identifica são três: operação de seleção, operação de marcação e operação de leitura.

A operação de seleção, segundo o autor, consiste nos processos que levaram a obra a ser traduzida, respondendo a perguntas como: o que se traduz? O que se publica? Quem traduz? Quem publica?

---

[17] No original : "L'analyse non linguistique du phénomène des traductions est un des axes de la recherche sur les transferts culturels."

A operação de marcação consiste nos processos que imprimem significados a uma obra através de marcas, como: a editora em que a obra foi publicada, a coleção em que está inserida, bem como o tradutor e o prefaciador, que também imprimem determinada marca na obra. No caso do prefaciador, Bourdieu (2002, p. 4) acrescenta ainda um comentário, afirmando que ele

> [a]presenta a obra apropriando-se dela e anexando-a a sua própria visão e, em todo caso, a uma problemática inscrita no campo de recepção e que muito raramente, ele faz o trabalho de reconstrução do campo de origem, primeiro porque é difícil demais.[18]

A operação de leitura consiste no processo por meio do qual os leitores aplicam à obra as categorias de percepção e as problemáticas que são o produto de um campo de produção diferente (BOURDIEU, 2002, p. 5). Retomando a questão de o texto não levar consigo o contexto, essa leitura não leva em conta o contexto de origem, mas é feita de acordo com o contexto em que o leitor está inserido, podendo diferir em muito as categorias e as problemáticas de um campo de origem para um campo de recepção.

Das operações sociais identificadas por Bourdieu (2002), interessam-nos mais de perto a seleção e a marcação. Na seleção, investigando os processos que levaram *Menino de engenho* a ser traduzido nos dois períodos e quem são os tradutores e os editores responsáveis por essas publicações. Na operação de marcação, analisando os processos que conferem significados através de marcas, como a editora e a coleção na qual a obra encontra-se inserida, o nome do tradutor e do prefaciador que assinam a publicação, observando se são reconhecidos no meio literário, resultando em uma operação de transferência de capital literário e conferindo credibilidade à obra. Como vimos, a operação de leitura consiste nos processos realizados pelos leitores, de modo que está relacionada à recepção da obra e, portanto, ultrapassa o propósito deste estudo.

---

[18] No original: "qui présente l'oeuvre en se l'appropriant et en l'annexant à sa propre vision et, en tout cas, à une problématique inscrite dans le champ d'accueil et qui ne fait que très rarement le travail de reconstruction du champ d'origine, d'abord parce que c'est beaucoup trop difficile".

2 BREVE PANORAMA DA LITERATURA BRASILEIRA TRADUZIDA NA FRANÇA: INTERMEDIÁRIOS E OBRAS

Ao tratar da literatura brasileira traduzida na França, faz-se necessário, primeiramente, investigar a relação Brasil-França através de alguns dos intermediários franceses e brasileiros e, posteriormente, observar as obras literárias traduzidas nos diferentes períodos, que vão de 1824 a 2015. Com isso, as informações aqui mencionadas servirão de base para a investigação dos caminhos das duas traduções de *Menino de engenho* (1932) na França.

2.1 INTERMEDIÁRIOS DA LITERATURA BRASILEIRA

Abordando a literatura brasileira na França, Pierre Rivas (1995, 2006) evoca alguns intermediários dessa relação. O autor (2006, p. 131) afirma que "esses mediadores literários indispensáveis nem sempre são os tradutores"[19]. Além dos tradutores, outros profissionais que exerceram esse papel foram escritores e estudiosos, tanto franceses como brasileiros.

2.1.1 SÉCULO XIX

No século XIX, Ferdinand Denis é, segundo Rivas (2006), o fundador dos estudos brasileiros. Sobre ele, Márcia Abreu (2011, p. 125) afirma que

> [f]oi um dos grandes responsáveis pela difusão da cultura e da história brasileiras na França, tendo sido o autor de um dos primeiros textos sobre o Brasil publicado na *Revue des Deux Mondes*, além de ter dado à luz uma série de livros sobre o país e atuado como animador das relações letradas entre a França e o Brasil.

Com a publicação da obra *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal, suivi du Résumé d'Histoire Littéraire du Brésil* (1826)[20], Denis abordava a literatura de língua portuguesa distinguindo os autores portugueses dos brasileiros. No resumo da história literária do Brasil, Ferdinand Denis trata da poesia, abordando alguns poetas dos séculos XVII e XVIII. Ainda comenta sobre José de Santa Rita Durão (*Caramurú*, 1781),

[19] No original : "ces médiateurs littéraires indispensables ne sont pas toujours des traducteurs".
[20] Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1410551/>. Acesso em: 18 abril 2016.

Basílio da Gama (*O Uraguai*, 1769; *Quitúbia*, 1791), Francisco Cardoso (*Trípoli*, 1800), Tomás Antônio Gonzaga (*Marília de Dirceu*, 1792), entre outras obras. Aborda o gosto dos brasileiros pela música, cita os historiadores brasileiros Manoel de Moraes, Rocha Pitta e Azeredo, e, de um modo geral, tece comentários sobre a geografia do país e as viagens realizadas em busca de ouro.

E segundo Barbosa (2009, p. 7), Denis

> [m]anifestou grande apreço pelas singularidades aqui encontradas e defendeu que os escritores locais, ao invés de seguirem o que ocorria na Europa no que tange à literatura, optassem por cantar a riqueza vista na natureza e no homem nativo, em detrimento da "alienação literária" por ele percebida.

Ainda do século XIX, Rivas (1995) apresenta outro intermediário brasileiro: Frederico José, o barão de Santa Anna Nery. Segundo o autor (1995, p. 130), Nery "torna-se em 1872 correspondente, em Paris ou Roma, do mais importante jornal do Rio no qual se ocupa das questões internacionais e econômicas"; no entanto, Rivas não revela em qual jornal o brasileiro era correspondente.

Lima (2015, p. 4) afirma que

> Santa Anna Nery foi um homem de letras e se envolveu com várias atividades importantes de sua época. Na França, foi amigo do príncipe francês Roland Bonaparte, participou de conferências sobre literatura brasileira na Associação Internacional de Professores de Paris, trabalhou como jornalista, fez estudos literários, participou da Sociedade de Homens de Letras, ao lado de Vitor Hugo (o presidente), foi vice-presidente da Associação Literária Internacional. Fundou a Sociedade de Estudos Brasileiros e tornou-se oficial da Academia da França e Cavaleiro da Legião de Honra.

Nery foi secretário de redação em *La Revue Mensuelle du Monde Latin* por 13 anos (1883-1896) e publicou várias obras sobre o Brasil, a saber: *Lettres sur le Brésil* (1880); *Le pays du café* e *Voyage de M. Durand au Brésil* (1882); *La question du café* e *La civilisation en Amazonie* (1883), e *Le pays des Amazones* (1884) (RIVAS, 1995).

Além desses ofícios e da produção sobre o país, Rivas (1995, p. 130) afirma que Nery,

> [n]o ano de 1889, ano da Exposição [Universal de Paris], publica, um após o outro, *Le Folklore Brésilien*, *Le Guide de l'Émigrant au Brésil* e *Le Brésil Economique* (série de conferências) e *Le Brésil en 1889*, este último trabalho coletivo, em colaboração com eminentes publicistas e homens de estado como o barão do Rio Branco (que trata de história), Eduardo Prado, etc.

A obra coletiva *Le Brésil en 1889*[21] demonstra uma abertura a outras vozes brasileiras (a partir da colaboração de publicistas e homens de estado) e encontra-se dividida em 25 capítulos que visam traçar um panorama do Brasil no ano de 1889 (o aspecto físico do país, um esboço da história do Brasil, a população, o território, o trabalho escravo, o campo da literatura, da ciência, entre outros temas).

Lima (2015, p. 7) afirma que, no final do século XIX, "enquanto a França era para o Brasil um modelo de civilidade e modernidade, o imaginário francês sobre o Brasil estava relacionado intrinsecamente à floresta e aos índios", e que Nery teria contribuído muito na construção desse imaginário.

Segundo Rivas (1995), é no fim do século XIX que as revistas literárias francesas dão espaço à literatura brasileira. Dentre elas, *La Revue des Revues* (de subtítulo *Revue d'Europe et d'Amérique*), que, sob a direção de Louis Pilate de Brinn'Gaubast, publica dois artigos (1896 e 1897): em 1896, o artigo de Teixeira Bastos aborda os poetas brasileiros e; em 1897, o artigo de Leopoldo de Freitas aborda o romance contemporâneo. Outra revista, *La Revue Encyclopédique*, aborda aspectos específicos da vida brasileira, revelando que as revistas não estão abertas apenas à política ou à literatura brasileira. Segundo Rivas (1995, p. 136-7), é em *La Revue Encyclopédique* de 1898 que

> Oscar Araújo, que já publicara em *La Nouvelle Revue* um artigo hostil ao imperador, escreve um estudo sobre "*L'Epidémie de Prophétisme au Brésil*", acerca de Antonio Maciel Conselheiro, do padre Cícero no Ceará, da Kabula de São Mateus. É um artigo de informação, mas também de reflexão sociológica marcada com o selo do positivismo, uma vez que o autor retoma as teses de Pierre Laffitte sobre o judaísmo e apresenta o profetismo como encontro do fetichismo e do monoteísmo.

Além dessas, *La Revue du Nouveau Siècle* confia a Philéas Lebesgue a crônica das letras brasileiras (RIVAS, 1995). Como veremos mais adiante, Lebesgue se destaca como um importante intermediário da língua portuguesa: além de cronista, exerceu também o papel de tradutor.

Nesse cenário, Rivas (1995, p. 137) afirma que "não são apenas as revistas francesas que se interessam pelo Brasil; revistas brasileiras, ou dirigidas por brasileiros, ou consagradas ao Brasil, aparecem, então, em Paris".

---

[21] Disponível em: <https://archive.org/details/lebrsilen00nerygoog>. Acesso em: 20 abril 2016.

A família Barral Montferrat, que já possuía *La Revue Mensuelle du Monde Latin* (revista citada anteriormente, na qual Nery exerceu a função de secretário de redação), publica, a partir de 1880, *Le Brésil*, que, em 1909, se torna um semanal (RIVAS, 1995). Segundo o mesmo autor (1995, p. 137), "o suplemento dirigido pelo marquês de Barral não encerra muitas referências à literatura".

Em 1896, *La Revue du Brésil* é publicada em francês, espanhol e italiano por Alexandre d'Atri. Os principais colaboradores são: Afonso Arinos, Alfredo Pujol e Xavier de Carvalho (RIVAS, 1995).

2.1.2 SÉCULO XX

Em fevereiro de 1901, segundo Rivas (1995), a primeira crônica das *Lettres brésiliennes* é publicada na tradicional revista parisiense *Mercure de France*, em coluna assinada pelo brasileiro Alberto Figueiredo Pimentel. Segundo o autor (1995, p. 161), nessa primeira crônica Pimentel "lamenta a ignorância sobre a literatura brasileira. Cita as duas únicas traduções em francês: *Le Guarany* de Alencar e *Inocência* de Sílvio Dinarte, pseudônimo de Taunay".

De 1903 a 1910, Philéas Lebesgue, então cronista das *Lettres portugaises*, assume as crônicas das *Lettres brésiliennes* (RIVAS, 1995). Durante esse período, ele escreve sobre Coelho Neto, sobre as conferências de Oliveira Lima e sobre a obra *O meu Flos Sanctorum* de Severiano de Resende (RIVAS, 1995).

No século XX, segundo Rivas (1995, p. 138), é o semanário *Le Courrier du Brésil*, fundado por Mendes de Almeida Júnior em 1907, que "desempenha o papel principal de informante na França". O *Le Courrier*, segundo o autor (1995, p. 138), publica "notícias relativas a efemérides, à Bolsa e à vida social, a literatura ocupa também um espaço não desprezível". Com relação à literatura, o autor (1995) afirma que há no *Le Courrier* artigos de Rui Barbosa, de Nabuco, conferências de Oliveira Lima, manifestações na Sorbonne em homenagem a Machado de Assis, entre outros.

Oliveira Lima surge como um importante intermediário; segundo o autor (1995, p. 139), "é à obra de Oliveira Lima que o público de língua francesa deve um maior conhecimento das coisas e dos habitantes do Brasil". Ele participa da homenagem a Machado de Assis na Sorbonne, assina publicações em *La Revue*, uma série de estudos

sobre a literatura brasileira, escreve também sobre Coelho Neto, José Veríssimo, Olavo Bilac, Rui Barbosa, Barbosa Lima, João Ribeiro e Carlos Laet (RIVAS, 1995).

Em 1910, a primeira cátedra de estudos brasileiros foi criada na Sorbonne, e é Oliveira Lima quem a inaugura com uma série de 12 conferências sobre a formação histórica da nacionalidade brasileira (RIVAS, 1995). É nesse mesmo ano que Victor Orban organiza a primeira antologia da literatura brasileira, com prefácio de Oliveira Lima, contemplando os escritores desde o século XVI até os contemporâneos (RIVAS, 1995).

De maio de 1910 a 1928, Tristão da Cunha é quem assume as crônicas das *Lettres brésiliennes*. Segundo Rivas (1995, p. 164), "Tristão consagra cada crônica a um tema preciso, sobre um trabalho recente", abordando os autores Graça Aranha, Nabuco, Catulo Cearense, Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira, Maria Eugênia Celso, entre outros.

Em 1929, o autor brasileiro Severiano de Resende sucede Tristão da Cunha. Sua morte prematura, em 1931, segundo Rivas (1995, p. 165), "não permitiu que ele desse aqui toda a dimensão de seu espírito singular e de sua poesia apaixonante". Manoel Gahisto assumiria a crônica brasileira em 1932.

Entre os tradutores da literatura brasileira desse século, Rivas destaca Philéas Lebesgue e Manoel Gahisto. Segundo o autor (2006, p. 131),

> Os dois principais tradutores franceses, Lebesgue e Gahisto, são militantes regionalistas, vindos do Norte, provincianos hostis à literatura parisiense, mundana, psicológica ou vanguardista, e seduzidos pela ideia de raça, não racista mas enraizada, aquela de um "povo", do "interior".[22]

Essa sedução etnográfica, segundo o autor, revela-se na atenção dada ao regionalismo vigente, através de autores como Monteiro Lobato, Alcides Maya e Coelho Neto (RIVAS, 2006).

A partir dessas informações, aprofundaremos o estudo sobre Philéas Lebesgue e Manoel Gahisto, a fim de observar o papel que tiveram como intermediários da literatura brasileira através das traduções e das colaborações em revistas, principalmente por terem sido militantes regionalistas. O romance *Menino de engenho* e o autor José

[22] No original : "Les deux principaux traducteurs français, Lebesgue et Gahisto, sont des militants régionalistes, venus du Nord, provinciaux hostiles à la littérature parisienne, mondaine, psychologique ou avant-gardiste, et séduits par l'idée de race, non raciste mais enracinée, celle d'un «peuple», de «l'intérieur»".

Lins, ligados a essa vertente, podem, eventualmente, aparecer nas produções desses tradutores.

No que concerne à língua portuguesa, Philéas Lebesgue assinava a crônica *Lettres portugaises* da revista *Mercure de France* (RIVAS, 1995). A sua primeira crônica data de maio de 1896 e, em geral, eram trimestrais; nelas, Lebesgue abordava os clássicos, os contemporâneos consagrados ou as últimas publicações. Rivas (1995, p. 85) afirma que,

> Contrariamente a seu confrade e amigo Gahisto, ele começou por interessar-se por Portugal, e não deixou de fazê-lo durante toda sua carreira, ocupando o Brasil em sua preferência um segundo lugar, um lugar secundário mesmo. Ainda ao contrário de Gahisto, foi a poesia que primeiramente o atraiu e reteve.

O espaço literário para obras de língua portuguesa na França revela-se restrito; segundo Rivas (1995, p. 86), "as revistas aceitavam facilmente um poema, um conto, mas os editores hesitavam muito tempo antes de lançar no mercado uma tradução. Muitas foram publicadas por conta do autor". Ele afirma que, tanto a edição francesa quanto o público francês, não estavam muito abertos a essa literatura.

Rivas (1995, p. 86) considera a possibilidade de que a literatura portuguesa proposta por Lebesgue era exigente e "não correspondia à atmosfera da época", ficando restrita a um grupo de especialistas. As traduções das obras brasileiras, no entanto, estavam relacionadas a uma literatura mais popular, do relato humano e social (RIVAS, 1995).

De Portugal, Lebesgue traduziu os escritores Pina de Moraes, Paulo Osório e Affonso Xavier Lopes-Vieira; do Brasil, traduziu José de Alencar (*Iracema*, 1928) e, com Manoel Gahisto, Xavier Marques (*Janna et Joël*, 1928) e Coelho Neto (*La Tapera*, 1943). Rivas (1995, p.86) assinala que é significativo o fato de que Lebesgue e Gahisto

> [t]enham passado ao lado dos raros sucessos da literatura luso-brasileira na França: *A Selva* de Ferreira de Castro, a descoberta de Jorge Amado, e que não se possa inscrever em seu ativo o privilégio de terem sido os primeiros a tentar fazer conhecer na França um Pessoa ou um modernista português ou brasileiro.

A obra *A Selva* (1930), do português Ferreira de Castro, foi traduzida por Blaise Cendrars e publicada em 1938; e, nesse mesmo ano, Jorge Amado tem a obra *Jubiabá* (1934) traduzida por Michel Berveiller e Pierre Hourcade.

O outro intermediário, Manoel Gahisto, aparece como tradutor de obras brasileiras e portuguesas e como cronista em algumas revistas. Em *Le Beffroi*, Gahisto aparece, segundo Rivas (1995, p. 153), "ao lado dos principais escritores locais e onde Philéas Lebesgue já publicava crônicas luso-brasileiras e traduções". Colabora também em *L'Essor septentrional*, revista de descentralização, que posteriormente torna-se *La Province*; compila contos sob o título *Heures légères*, e colabora na seção regionalista *La Grande Revue*, com Joseph Ageorges (RIVAS, 1995).

Quanto ao interesse de Gahisto pela literatura luso-brasileira, Rivas (1995, p. 155) afirma que aconteceu "muito cedo, sem dúvida, pois logo que começa a escrever assume esse pseudônimo de feição lusitana. Mas o encontro com Lebesgue, já interessado pelo português, deve ter sido decisivo".

Em 1908, Gahisto publica um estudo sobre Lebesgue, intitulado *Au cœur des provinces : Philéas Lebesgue* que, segundo Rivas (1995, p. 155), "tem um título revelador dos elos entre regionalismo setentrional e lusofilia". Desde então, contribui em revistas parisienses através de artigos e traduções relacionados à literatura luso-brasileira (RIVAS, 1995). Em 1932, Gahisto assume a crônica *Lettres brésiliennes* da *Mercure de France*; segundo Rivas (1995), é também colaborador assíduo de *La Revue de l'Amérique Latine*, de *L'Observateur d'Avesne* e do *Thyrse* de Bruxelas.

Gahisto traduziu *O mulato* (1881), de Aluísio Azevedo (*Le mulâtre*, 1961), que, segundo Rivas (1995), é um romance que representa tanto o realismo quanto o naturalismo. E, ainda segundo o autor (1995, p. 155), isso revela "seu gosto por um romance brasileiro mais exótico do que urbano, mais pitoresco do que psicológico". Gahisto e Lebesgue ainda demonstram o interesse por Coelho Neto, outro escritor brasileiro que apresenta as características citadas por Rivas.

Em seu trabalho crítico *Figures sud-américaines* (1933), Gahisto apresenta quatro ensaios: dois deles referentes à literatura brasileira, e outros dois, à literatura hispano-americana (RIVAS, 1995). No primeiro ensaio sobre a literatura brasileira, *Actrice et poète romantique au Brésil*, Gahisto trata da atriz Eugênia Câmara e do poeta Castro Alves e, segundo Rivas (1995, p. 156), "traça um quadro da vida literária do Brasil na época, de Alencar a Machado de Assis, da Bahia a São Paulo". Já no segundo ensaio, Gahisto trata de Coelho Neto, que, segundo Rivas (1995, p. 156), é "um dos escritores mais traduzidos na França entre as duas guerras, sobretudo por Lebesgue e Gahisto". Uma das obras, segundo Rivas (1995, p. 156) é *Macambira* (1920), e uma

compilação de contos é publicada em revistas francesas sob o título de *La tapera* (1943) que, ainda segundo o autor, consiste em "histórias da vida dos caboclos, modestos heróis do sertão, diante do 'espetáculo grandioso de uma natureza atravessada por um vigoroso sopro panteísta'".

Além dessas, Rivas (1995, p. 156-7) justifica outras traduções assinadas por Gahisto e Lebesgue, afirmando que

> [i]gual sedução pela Amazônia e pelo Nordeste explicam as outras traduções. Xavier Marques e Afrânio Peixoto são, como Castro Alves, baianos, e Coelho Neto e Aluísio Azevedo, maranhenses. Todos esses autores vêm do Norte do Brasil: representam uma literatura de expressão social, romântica ou realista, mas sempre atenta ao problema social, humano, 'brasileiro', em sua especificidade quase exótica e na preocupação da descrição de 'cenas da natureza' brasileira. Combateram o Modernismo, a literatura urbana, experimental, vanguardista, que, por sua vez, ignorou-os ou desprezou-os.

Manoel Gahisto assinou a crônica das *Lettres brésiliennes* na *Mercure de France* de março de 1932 a fevereiro de 1939. Rivas (1995), ao tratar dessas crônicas, cita alguns dos autores sobre os quais Gahisto escreveu; no entanto, não aborda todos os anos desse período (1932 a 1939)[23]. Entre os autores citados, estão: Severiano de Resende (o seu antecessor na crônica das letras brasileiras), Ronald de Carvalho, Coelho Neto, Azevedo Amaral, Sérgio Milliet, Menotti del Picchia, Ribeiro Couto, Monteiro Lobato, Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis, Afonso Arinos de Melo Franco, Osório Dutra, Felipe de Oliveira, Jorge de Lima, Gastão Cruls e Raul de Azevedo.

Em uma edição das *Lettres brésiliennes* de agosto de 1934[24], constatamos que o autor escreveu sobre Dante Costa, F. Mangabeira Albernaz, José Lins do Rego, Marques Rebelo, Jorge de Lima, Benjamin Lima, Francisco Karam. Quanto ao ano de 1938, não encontramos nenhuma edição disponível ou mesmo informação sobre a publicação da crônica das letras brasileiras nesse ano. Abordaremos a crônica de 1934 sobre José Lins do Rego mais adiante.

---

[23] Rivas (1995) aborda as produções dos seguintes anos: 1932, 1933, 1935, 1936, 1937 e 1939, sem oferecer quaisquer informações sobre os anos de 1934 e de 1938.

[24] Versão numérica disponibilizada pela *Gallica - Bibliothèque Numérique* da *Bibliothèque nationale de France* (BnF). Disponível em: <http://migre.me/ujKvm>. Acesso em: 29 abril 2016.

Outro importante intermediário, e também tradutor, que Rivas (2006) cita é Jean Duriau, que, junto com Lebesgue e Gahisto, colabora na *Revue de l'Amérique latine* no período entre guerras. A revista, segundo os editores ao lançá-la,

> [p]ublica estudos de escritores, de estudiosos e de políticos franceses, hispano-americanos e brasileiros sobre a América Latina e suas relações com a França. [...] Suas numerosas e variadas crônicas resumem a vida intelectual, artística, econômica e social de todo o continente latino da América.[25]

Jean Duriau foi, segundo Rivas (1995, p. 251),

> [u]m dos intermediários mais ativos entre o Brasil e a França; sua correspondência com Valery Larbaud constitui um testemunho precioso dos seus esforços para tornar conhecida a literatura brasileira na França, e de seu fracasso em parte, mas também a prova, indireta, da generosidade com a qual Larbaud se esforçou para o ajudar nesse propósito.

Duriau veio ao Brasil em 1912, como agente da companhia de navegação *Chargeurs réunis*, retornando à França durante a guerra; esteve novamente no Brasil em 1919, onde permaneceu até 1922 (RIVAS, 1995). Ainda segundo o autor (1995, p. 251):

> A partir de sua segunda viagem ao Brasil, ele se interessou pela literatura local e, provavelmente por intermédio do professor Le Gentil, entrou para a *Revue de l'Amérique latine*, onde colaborou até o desaparecimento desta. Seus artigos e suas traduções o colocaram em contato com os escritores brasileiros, em particular com Tristão de Ataíde, seu cunhado Afrânio Peixoto e principalmente com Ribeiro Couto, diplomata com posto na França, que ele reencontrará no início de 1929 e que o apresentará a Georges Raeders.

É através de Valery Larbaud que Jean Duriau estabelece amizades no meio literário francês e, consequentemente, publica as suas traduções das obras brasileiras. Rivas (1995) afirma que Larbaud o apresenta a Manuel Lelis da *Revue Nouvelle* e a Marcel Thiebault, que dirigia a *Revue de Paris*. Em 1928, é publicada na *Revue de Paris* a tradução *Au Rancho*, de Coelho Neto. Em 1928 e 1929, outra tradução, *Vicentinho*, de Maria Eugênia Celso, é publicada, dessa vez, pela *Revue de Genève* (RIVAS, 1995).

Segundo Rivas (1995, p. 252), através da correspondência entre Larbaud e Duriau, observa-se neste "a luta de um tradutor que tentou desesperadamente colocar sua produção numa revista ou numa editora, frequentemente em vão, e que pediu a

---

[25] No original : "Publie des études d'écrivains, de savants et d'hommes politiques français, hispano-américains et brésiliens sur l'Amérique latine et ses relations avec la France. [...] Ses chroniques nombreuses et variées résument la vie intellectuelle, artistique, économique et sociale de tout le continent latin d'Amérique". Disponível em: <http://migre.me/ujMts>. Acesso em: 20 abril 2016.

Larbaud para o recomendar, de modo insistente e cansativo". Porém, como já dito, Duriau não obteve sucesso na sua tentativa de divulgar a literatura brasileira; apesar de ter traduzido muitas obras, poucas foram publicadas.

O poeta e novelista suíço Blaise Cendrars, citado anteriormente como o tradutor da obra *A Selva*, de Ferreira de Castro, também foi um importante intermediário da literatura brasileira na França. Segundo Rivas (1995), o papel de Cendrars como mediador começa em Paris, fazendo a ponte entre o casal Oswald-Tarsila e a vanguarda francesa; posteriormente, entre Brasil e França e, mais precisamente, com os modernistas brasileiros.

O contato de Cendrars com os brasileiros Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral aconteceu em Paris, por volta de 1923 (AMARAL, 1970), antes da sua primeira viagem ao Brasil, em 1924. Cendrars (1953a) afirma que foi Oswald de Andrade quem o procurou em Paris e a primeira visita do suíço ao Brasil, a convite de Paulo Prado, foi sugestão do próprio Oswald de Andrade (AMARAL, 1970).

Blaise Cendrars foi um grande divulgador do Brasil na França, e Neves (1970, p. 174) relembra a constante presença do Brasil na sua obra, afirmando que

> [d]esde *Aujourd'hui*, livro editado há mais de trinta anos, a série de histórias, falsas ou autênticas, que Blaise dedicou ao Brasil quase não tem conta. Porque desde a grande revelação de 1924, nunca mais este país deixou de estar presente em suas páginas.

Sobre a posição do suíço com relação ao Brasil e aos brasileiros, Aracy Amaral (1970, p. 2) afirma:

> A importância maior de Cendrars reside, não no fato do Brasil representar para ele, a partir de sua primeira visita, uma parte considerável de inspiração para suas obras, e, consequentemente, pelo muito que divulgou, ou passou a divulgar do nosso país, mas sobretudo por seu trabalho de *mediador*, entre os modernistas impregnados de um nativismo ainda um tanto indefinido em 1922, e seu anseio legítimo de atualização com a vanguarda francesa nos setores das artes plásticas, literatura e poesia. Sua vinda ao Brasil em 1924 é um marco, no sentido em que dá início à redescoberta do Brasil pelos modernistas. À visão já orientada de Tarsila e Oswald em Paris em 1923, lúcidos em relação à importância de nossa tradição no sentido de brasilidade nela contido, a pintora por sua formação dentro de um ambiente típico rural brasileiro, o escritor, fruto da mesma tradição de nossos meios urbanos da época, segue-se a re-visitação do Brasil, quase com os olhos estrangeiros amantes do exótico do europeu que os "guiava", Cendrars, no caso, no Carnaval do Rio, ou na histórica viagem a Minas em 1924. (grifo nosso).

Na década de 1920, em torno do modernismo brasileiro, ocorreu uma mudança no meio intelectual com relação a Paris, até então o principal modelo na esfera artística. Ainda segundo Amaral (1970, p. 6),

> [...] esse punhado de moços brasileiros, à frente dos quais devemos colocar, inevitavelmente, Tarsila e Oswald, deixaram pela primeira vez na história das nossas artes, de representar a posição de aluno respeitoso diante do mestre de quem se copiam as soluções formais, os temas e a técnica, e exercitaram um diálogo, um intercâmbio (se não chegaram à exportação ansiada) num clima de interesse inédito pela criatividade brasileira, num plano igualitário de contribuição.

É nesse meio que surge Blaise Cendrars como "o mediador da descoberta do Brasil pelos brasileiros e seu relacionamento vivo com a vanguarda francesa" (AMARAL, 1970, p.6). Amaral ainda afirma,

> [c]urioso que justamente da França, sob cujo domínio cultural tanto tempo nos mantivemos [...] e de onde copiávamos submissos, absorvidos na imitação sem atentar para o atraso com que o fazíamos, haja sido precisamente da França que viria o poeta Blaise Cendrars, a nos alertar sobre o Brasil, em 1924. O Brasil como matéria-prima, poética, plástica, musical. Havia, é certo, um terreno propício, com o nacionalismo avivado com as comemorações do Centenário da Independência, em São Paulo, sobretudo, no quadro da realização da Semana de Arte Moderna. Entretanto, a "descoberta" do Brasil pelos brasileiros parece ter sido, de fato, assinalada por Cendrars. (AMARAL, 1970, p. 7).

Se Oswald e Tarsila foram os primeiros contatos do suíço com os brasileiros e o Brasil, o principal elo de Cendrars com o Brasil seria, segundo Amaral (1970), outro brasileiro: Paulo Prado. Cendrars manteve uma relação íntima com o brasileiro e afirma que Prado o iniciou na história do Brasil e inspirou o amor pelo povo brasileiro e pelo país, ao ponto de considerar o país sua segunda pátria espiritual. Cendrars (1953a, p. 14) elogia *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, afirmando se tratar de "um ensaio único no gênero de história e de psicologia"[26]. O suíço afirma ainda que foi através do amigo brasileiro que teve acesso ao "Ciclo da cana-de-açúcar" (*Menino de engenho*, *Doidinho* e *Banguê*), de José Lins do Rego.

Blaise Cendrars assina o prefácio da primeira tradução francesa de *Menino de engenho* (1953) - aprofundaremos mais adiante o seu papel como intermediário nessa tradução.

---

[26] No original : "un essai unique en son genre d'histoire et de psychologie".

Até este momento, segundo Rivas (2006, p. 133), "Graça Aranha e Coelho Neto serão os escritores mais traduzidos, ou os mais aclamados"[27]. O autor (2006, p. 133-4) afirma que a geografia literária do Brasil em francês consiste em "Alencar, Azevedo, etc., todos os escritores do Norte, do Nordeste, do Maranhão, da Bahia, da Amazônia, atentos a uma linhagem de expressão social, romântica ou realista, às 'cenas da natureza' quase ou claramente exóticas"[28].

O sociólogo e crítico literário Roger Caillois foi outro importante intermediário da literatura brasileira na França. Segundo Mérian (2014, p. 3), "é somente após o fim da Segunda Guerra Mundial que os editores e o público francês descobrem verdadeiramente a literatura hispano-americana e brasileira. Roger Caillois teve neste campo um papel primordial"[29].

Em 1939, a convite de Victoria Ocampo (intelectual argentina), Caillois profere uma série de conferências em Buenos Aires. Por causa da guerra, permanece por mais de cinco anos na Argentina e, durante esse tempo, conhece outros países da América Latina e estabelece contato com os escritores da sua geração (MÉRIAN, 2014).

Após a guerra, retornou à França e assumiu um cargo na UNESCO em 1948 que, segundo Mérian (2014, p. 4), "consistia notadamente em promover o conhecimento das literaturas do mundo pela tradução de obras literárias selecionadas, nas principais línguas"[30]. A partir desse cargo, consagrou uma seção para as obras latino-americanas.

Em 1945, as *Éditions Gallimard* encarregam Roger Caillois de "compor uma coleção de obras espanholas e portuguesas e ibero-americanas cujo título é: *La Croix du Sud*"[31] (MÉRIAN, 2014, p. 4). Apesar de a contratação datar de 1945, apenas em 1952 é publicada a primeira obra nessa coleção, a saber: *Fictions*, do argentino Jorge Luis Borges. Durante os 18 anos em que esteve ativa (1952-1970), a coleção publicou 52 obras (MÉRIAN, 2014).

---

[27] No original : "Graça Aranha et Coelho Neto seront les écrivains les plus traduits, ou les plus loués".
[28] No original : "Alencar, Azevedo, etc., tous écrivains du Nord, du Nord Est, du Maranhão, de Bahia, de l'Amazonie, attentifs à une lignée d'expression sociale, romantique ou réaliste, aux 'scènes de la nature' quasi ou franchement exotiques".
[29] No original : "ce n'est qu'après la fin de la Seconde Guerre Mondiale que les éditeurs et le public français découvrent véritablement la littérature hispano-américaine et brésilienne. Roger Caillois eut dans ce domaine un rôle primordiale".
[30] No original : "consistait notamment à promouvoir la connaissance des littératures du monde par la traduction d'ouvrages littéraires sélectionnés, dans les principales langues".
[31] No original : "composer une collection d'œuvres espagnoles et portugaises et ibéro-américaines dont le titre est : « La Croix du Sud »".

As escolhas de Caillois, ainda segundo Mérian (2014, p. 4), "privilegia a corrente neo-naturalista e realista que domina na América hispânica e no Brasil, após 1930"[32]. Nas obras publicadas, constatam-se os temas sociais, as relações interétnicas, os conflitos entre dominantes e dominados, entre brancos e índios, e entre brancos e negros (MÉRIAN, 2014).

Segundo Mérian (2014), a literatura brasileira está representada por apenas oito títulos. Entre os autores e as obras publicados estão: Gilberto Freyre (*Maîtres et esclaves* e *Terres du sucre*), Jorge Amado (*Bahia de tous le saints* e *Capitaines de sables*) e Graciliano Ramos (*Enfance* e *Sécheresse*).

O projeto de Caillois, segundo Mérian (2014), não abrange todo o gênero romanesco. Ele afirma que (2014, p. 8),

> [n]o que diz respeito ao Brasil, o Nordeste é amplamente representado, o que criou uma certa frustração em São Paulo, Rio de Janeiro e no sul do país. Mas o caráter específico da Bahia, do Recife, do Nordeste em geral, o exotismo, uma autenticidade diferente, toda uma alteridade nova tinham uma natureza mais propícia para seduzir os leitores franceses, muito mais que as produções dos modernistas de São Paulo.[33]

Roger Caillois, segundo Rivas (2006, p. 131), "desempenhou um papel central com *La Croix du Sud*, mas os raríssimos títulos brasileiros se circunscrevem a uma veia essencialmente regionalista"[34]. O sucesso de Jorge Amado, segundo o autor (2006), se deve tanto às estratégias políticas quanto à temática social e as imagens exóticas. A abordagem social e a representação de um país exótico presentes nos autores citados anteriormente (do Norte e do Nordeste), permanecem em Jorge Amado e, segundo Rivas (2006, p. 134):

> Será necessário esperar, na leitura e na recepção da literatura brasileira na França, os trabalhos de Roger Bastide após a Segunda guerra, para que uma mudança de paradigma, decisiva, se produza e a literatura brasileira seja reconhecida na sua alteridade e Machado [de Assis] na sua radical e universal diferença. Mas o modernismo brasileiro, a

---

[32] No original : "privilégie le courant néo-naturaliste et réaliste qui domine en Amérique hispanique et au Brésil, après 1930".

[33] No original : "En ce qui concerne le Brésil, le Nord-Est est largement représenté ce qui créa une certaine frustration à São Paulo, Rio de Janeiro et dans le sud du pays. Mais le caractère spécifique de Bahia, de Recife, du Nord-Est en général, l'exotisme, une authenticité différente, toute une altérité nouvelle étaient de nature à séduire les lecteurs français, beaucoup plus que les productions des modernistes de São Paulo."

[34] No original : "a joué un rôle central avec *La Croix du Sud*, mais les trops rares titres brésiliens se circonscrivent à une veine essentiellement régionale".

> literatura do Sul, permanece ainda amplamente estrangeiro ao leitor francês[35].

O sociólogo francês Roger Bastide chegou ao Brasil em 1938 para ocupar a cátedra de Sociologia I no Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (QUEIRÓZ, 1994). Segundo Ravelet (2002, p. 5),

> [e]le se lança, primeiro, na leitura da sociologia brasileira, ao ponto de escrever, um mês depois, um artigo sobre a '*Sociologie de l'esclavage*' e uma dezena de textos em um ano que fazem um balanço sobre a sociologia brasileira, ao mesmo tempo em que ele apresenta aos brasileiros os escritores franceses[36].

Em 1939, ainda segundo Ravelet (2002), Bastide escreveu sobre Sergio Milliet, Machado de Assis e Martins Fontes. Posteriormente, divulgaria a literatura brasileira na França, principalmente através da crônica *Lettres brésiliennes* da *Mercure de France* (RAVELET, 2002). A literatura brasileira constitui uma grande parte da sua obra, e segundo Ravelet (2002, p. 6), "vem em segundo lugar na ordem dos temas abordados nos seus artigos, depois dos estudos sociológicos e etnológicos"[37].

Nos seus artigos sobre literatura brasileira, Bastide aborda, entre outros: Gilberto Freyre, Machado de Assis, Sergio Milliet, Cruz e Souza, Mário de Andrade, José Lins do Rego, Jorge Amado, Artur Ramos. Segundo Ravelet (2002, p. 8), ele "apreciava particularmente os poetas, os romancistas do *Sertão* e os das relações sociais e étnicas no Brasil[38]".

Como citado anteriormente, Bastide foi o tradutor de *Casa grande e senzala* (*Maîtres et esclaves*), de Gilberto Freyre, publicado em 1952 pela Gallimard, na coleção *La Croix du Sud*.

Em um estudo intitulado *La littérature brésilienne*, Bastide (2002) apresenta uma breve exposição da literatura desde as origens portuguesas (*Les origines*), aborda o Romantismo, que se inicia com a proclamação da independência em 1822 (*Le*

---

[35] No original : "Il faudra attendre, dans la lecture et la réception de la littérature brésilienne en France, les travaux de Roger Bastide après la Seconde guerre, pour qu'un changement de paradigme, décisif, se produise et que la littérature brésilienne soit reconnue dans son altérité et Machado dans sa radicale et universelle différence. Mais le modernisme brésilien, la littérature du Sud, reste encore largemente étrangère au lectorat français".

[36] No original : "il se lance d'abord dans la lecture de la sociologie brésilienne au point d'écrire un mois après un article sur la 'Sociologie de l'esclavage' et une dizaine de textes en un an qui font le point sur la sociologie brésilienne, en même temps qu'il présente aux Brésiliens les écrivains francais".

[37] No original : "elle vient en deuxième position dans l'ordre des thèmes abordés dans ses articles, après les études sociologiques et ethnologiques".

[38] No original : "Il appréciait particulièrement les poètes, les romanciers du *Sertão* et ceux des rapports sociaux et ethniques au Brésil".

romantisme); o fim do Romantismo (*La liquidation du romantisme*); a originalidade literária do Brasil (*L'originalité littéraire du Brésil*); o Modernismo e o regionalismo (*Modernisme et régionalisme*); a literatura brasileira contemporânea (*La littérature brésilienne contemporaine*), e, por fim, aborda ainda sobre a música (*La musique*) e a arte (*L'art*).

Ao tratar sobre "a originalidade literária do Brasil", Bastide (2002) afirma que o século XX se inicia com a obra *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha. O autor brasileiro apresenta, segundo Bastide (2002, p. 68), "a narrativa da luta épica entre o sertão e o litoral, entre a civilização e o messianismo profético"[39]. Ainda segundo o autor (2002, p. 68), "não se pode dizer que Euclides da Cunha seja mais brasileiro que Machado de Assis, ambos o foram a seu modo, um interiorizando a paisagem, outro projetando-a para fora, em uma extraordinária riqueza de vocabulário"[40]. Bastide (2002) também situa Lima Barreto nessa vertente original da literatura, tendo escrito alguns romances a partir das suas experiências como mulato que sofreu preconceito de cor e que encontrou a fuga no álcool.

Após a Primeira Guerra, segundo o sociólogo francês (BASTIDE, 2002, p. 69), "o Brasil toma consciência de sua nova grandeza"[41]. Como consequência, os poetas de São Paulo organizam a Semana de Arte Moderna em 1922, no intuito de "romper com a Europa, como com as velhas literaturas, e descobrir a originalidade brasileira"[42] (BASTIDE, 2002, p. 69).

Ao abordar do Modernismo, Bastide (2002) lista os principais representantes do movimento em São Paulo e no Rio de Janeiro, apresentando algumas características dos autores. Do movimento em São Paulo, cita Ronald de Carvalho, Raul Bopp, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e Sérgio Milliet (retornando da Europa); e no Rio de Janeiro, Manuel Bandeira, Augusto Schmidt, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade (vindo de Minas Gerais), Jorge de Lima (de Alagoas), Murilo Mendes (de Minas Gerais).

---

[39] No original : "le récit de la lutte épique entre le *sertão* et le littoral, entre la civilisation et le messianisme prophétique".

[40] No original : "On ne peut pas dire qu'Euclides da Cunha soit plus brésilien que Machado de Assis, ils l'ont été tous les deux à leur façon, l'un en intériorisant le paysage, l'autre en le projetant au dehors, dans une extraordinaire richesse de vocabulaire".

[41] No original : "le Brésil prend conscience de sa nouvelle grandeur".

[42] No original : "briser avec l'Europe, comme avec les vieilles littératures, et découvrir l'originalité brésilienne".

Quanto ao regionalismo, Bastide (2002, p. 70) afirma que, "se o movimento modernista nasceu no Sul, o movimento regionalista partiu do Norte. A influência dominante aqui foi a do sociólogo do Recife, Gilberto Freyre, que reivindicou uma melhor conhecimento das 'tradições' nacionais"[43]. O autor (2002, p. 70) afirma que "o romance regionalista dá continuidade ao romance naturalista, mas impregnando-o de poesia, uma poesia popular, rústica e carnal"[44].

Sobre este movimento, Roger Bastide (2002, p. 70) afirma que estava, primeiramente, localizado no Nordeste, "com José Américo de Almeida, da Paraíba (*Bagaceira*), com José Lins do Rego, de Pernambuco, que é um admirável contador de histórias"[45]. O equívoco de Bastide na informação de que José Lins do Rego é de Pernambuco deve-se, provavelmente, ao período em que o escritor viveu no Recife e à sua amizade com o pernambucano Gilberto Freyre. Entre esses romancistas, cita ainda Jorge Amado e Graciliano Ramos. O romance regionalista espalhou-se por todo o Brasil e, segundo o autor (2002), estava sempre comprometido em descrever o que cada lugar apresentava de específico e original.

Assim como outros intermediários abordados acima, Roger Bastide foi cronista na *Mercure de France* das *Lettres brésiliennes*, de 1948 a 1965, na qual escreveu 20 crônicas (AMARAL, 1995).

A função dessa crônica brasileira era, segundo Gloria Amaral (1995), atualizar o leitor francês sobre a vida literária brasileira. Roger Bastide, segundo a autora (1995, p. 606), "consegue acrescentar, ao longo do tempo, a esta função meramente informativa, um caráter de análise que as transforma, em sua maioria, em pequenos ensaios, de interesse inclusive para um público brasileiro".

Amaral (1995, p. 607) cita um trecho de uma crônica em que Bastide se refere à obra de José Lins do Rego,

> E talvez por trás desta memória individual, toda a memória coletiva, de uma região e de um povo, tenta sair, germinar a partir destas raízes psicológicas, como se todo o corpo e a alma de Lins do Rego fosse um

---

[43] No original : "Si le mouvement moderniste est né dans le Sud, le mouvement régionaliste est parti du Nord. L'influence dominante a été ici celle du sociologue de Recife, Gilberto Freyre qui a réclamé une meilleure connaissance des 'traditions' nationales".

[44] No original : "Le roman régionaliste continue le roman naturaliste, mais en l'imprégnant de poésie, une poésie populaire, rustique et charnelle."

[45] No original : "avec José Américo de Almeida, du Paraéba (Bagaçeira), avec José Lins do Rego de Pernambuco qui est un admirable conteur d'histoires".

> emaranhado de raízes indo extrair ao mais obscuro das vísceras do ser 'a sorte de uma fruta madura'[46]

Roger Bastide foi professor de Sociologia na Universidade de São Paulo de 1938 a 1954. Em 1957, a obra *Brésil, terre des contrastes* é publicada e, segundo Ritui (1999, p. 1), Bastide faz uma apresentação geral do país, "fortemente marcada pela paixão de compreender, de mostrar um mundo diferente, um 'outro lugar' livre de todo exotismo"[47].

2.2 OBRAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS TRADUZIDAS NA FRANÇA

Neste tópico abordaremos quase dois séculos de traduções literárias (de 1824 a 2015) divididos em períodos históricos, conforme a divisão feita por Cunha (1997) ao abordar o recorte de 1824 a 1994. Para o levantamento das obras traduzidas nos diferentes períodos (de 1824 a 2015), baseamo-nos em Cunha (1997), Martins (2008), Spézia (2015), Estela Abreu (2008), Dantas[48] e em dados fornecidos pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN)[49]. Tendo em vista o longo recorte temporal, utilizamos os cinco períodos propostos por Cunha (1997) entre os anos de 1824 e 1994 (porém, prolongando o quinto período até o ano de 1999), e propomos um outro período compreendendo os anos de 2000 a 2015, baseados no estudo de Martins (2008)[50], Spézia (2015), Abreu (2008), Dantas[51] e no banco de dados da FBN.

---

[46] No original : "Et peut-être derrière cette mémoire individuelle, toute la mémoire collective, d'une région et d'un peuple, s'efforce de sortir, de germer à partir de ces racines psychiques, comme si le corps entier et l'âme de Lins do Rego n'était qu'un enchevêtrement de racines allant puiser au plus obscur des viscères de l'être 'la chance d'un fruit mûr'".

[47] No original : "fortement marquée par la passion de comprendre, de donner à voir un monde différent, un 'ailleurs' dégagé de tout exotisme."

[48] Banco de dados a que tivemos acesso, constituído pela orientadora desta dissertação no âmbito de sua pesquisa *As traduções do Brasil no exterior: a circulação de obras brasileiras na França (2000-2015)*, realizada em 2015 (pós-doutorado, *Centre de Sociologie européenne / École des Hautes Études en Sciences Sociales* – Paris, com bolsa do CNPq).

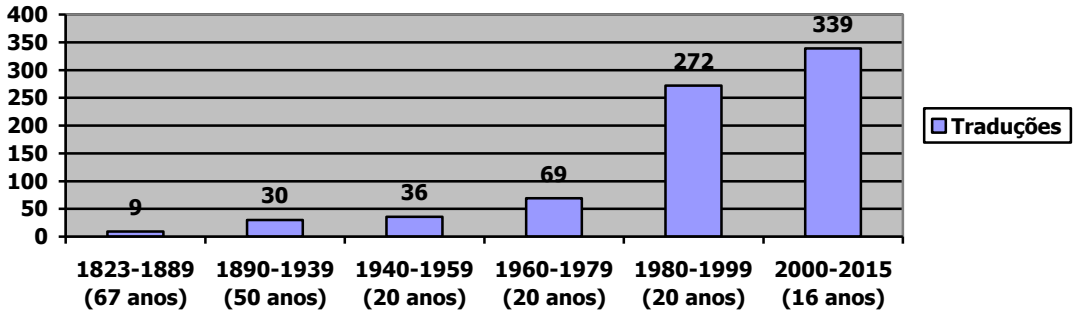
[49] Banco de dados (disponibilizado à orientadora desta pesquisa) sobre as obras brasileiras traduzidas em todo o mundo que contaram com o apoio da Fundação Biblioteca Nacional, no período de 1991 a 2015. Segundo a FBN, alguns dados relativos à década de 1990 “estão imprecisos”.

[50] Em seu estudo, Martins apresenta um quadro do número de bolsas concedidas por ano, com base em dados disponibilizados em 2005 e 2006 pela Coordenadoria-Geral do Livro e da Leitura (CGLL) da FBN, referente ao período de 1991 a 2005. No âmbito de nossa pesquisa, no entanto, tivemos acesso a banco de dados fornecido diretamente pela FBN, relativo ao período de 1991 a 2015, conforme indicado na nota de rodapé anterior. Uma comparação entre as duas fontes, contudo, revela algumas divergências de informações no que diz respeito à quantidade de bolsas concedidas em determinados anos durante o período de 1991 a 2005. Algumas vezes o número de bolsas constante do banco de dados mais recente

Baseando-se no levantamento das obras brasileiras traduzidas para o francês de 1824 até abril de 1994, feito por Estela Abreu (1994), Cunha (1997) propõe uma classificação por data de publicação (Abreu organiza por autor), distingue as obras literárias das não literárias[52] e, a partir de períodos históricos, relata os momentos da literatura brasileira na França. No levantamento, Cunha considera todas as publicações literárias, isto é, as inéditas, as reedições e as novas traduções.

O primeiro período que, segundo Cunha (1997), deveria ser considerado é o do Brasil Colônia (datado de 1500 a 1822), durante o qual, afirma ela, nada foi traduzido, porque a literatura era majoritariamente oral. Portanto, o primeiro recorte com traduções correspondeu ao Período Monárquico (datado de 1822 a 1889), quando foram traduzidas obras publicadas tanto na época anterior quanto na atual. As traduções da literatura brasileira tiveram seu início, segundo Cunha (1997) em 1824, com a tradução de *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga. Porém, a maioria das obras desse recorte eram referentes à Política, à Geografia, à História, e os poucos títulos considerados literários possuíam temas históricos, revelando um caráter didático ou informativo (CUNHA, 1997). De 1822 a 1889, foram publicadas 27 obras, sendo nove literárias e 18 não literárias (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Número de traduções da literatura brasileira na França (1823 - 2015)



O segundo período (de 1890 a 1939) correspondeu a uma transição rumo à modernidade, durante a qual o número de obras literárias cresceu em relação ao período anterior, ultrapassando o de obras não literárias (30 e 18, respectivamente – Gráfico 1),

(2015) apresenta um aumento em relação à fonte utilizada por Martins; outras vezes, a situação se inverte. Voltaremos a essa questão mais adiante.

[51] Ver nota 47.

[52] Cunha (1997, p. 290) classificou como não literários todos os textos de relatos de viagem, depoimentos, biografias, discursos, folclore, cartas, memórias, Geografia, Diplomacia, Teoria Literária, Economia, Ciências Sociais, Medicina, Teologia, Filosofia, Técnica Teatral, Fotografia, entrevistas e História.

com traduções de livros de grande sucesso no Brasil (*O Guarani*, *Inocência* e *Iracema*) de autores considerados consagrados (CUNHA, 1997). A esse respeito, Cunha (1997, p. 293) tece a seguinte observação:

> É interessante notar que nenhum autor do que se considera aqui como fazendo parte do Pré-Modernismo (denominação usada por Alfredo Bosi), Literatura Art Nouveau (denominação usada por José Paulo Paes) ou Decadentismo, tais como João do Rio, Benjamin Costallat, Téo Filho ou Mme. Chrisanthème, foram traduzidos neste período ou foram jamais traduzidos. Isto se explica pelo fato de que esta literatura tinha muito pouco dos temas apreciados pelos franceses, tais como índios, selva ou temas históricos, enfocando temas essencialmente urbanos e costumes que copiavam os franceses.

Nesse período, as obras traduzidas e publicadas na França não refletiam a diversidade literária brasileira. As escolhas das obras brasileiras revelam a valorização da natureza exuberante e a visão do índio como objeto de colonização; a imagem que os franceses têm do Brasil de animais selvagens e de antropófagos continuará até, pelo menos, os anos 1930, quando Lévi-Strauss visita São Paulo e constata a ausência de índio na capital - uma megalópole (TORRES, 2014). O interesse do público francês é pelo que há de diferente na literatura brasileira. De acordo com Rivas (2006, p. 131),

> [d]esde o Romantismo, com F. Denis, o interesse francês vai, naturalmente, em direção à diferença, do índio no século XIX até o reconhecimento do negro no século XX. [...] Mas é necessário sobretudo insistir sobre a importância da literatura regionalista na França no começo do século.[53]

Apesar do aumento no número de traduções em relação ao período anterior, esse recorte compreende a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), intervalo no qual houve uma diminuição do número de obras traduzidas, fato que se deve ao envolvimento da França na guerra (CUNHA, 1997). Ainda sobre esse período (1890 a 1939), Cunha (1997, p. 294) assinala que “[u]ma outra observação interessante diz respeito à Semana de 1922 e ao Movimento Modernista, de enorme importância para a nossa literatura, mas que parece ter despertado pouco interesse no público francês num primeiro momento”.

O Movimento Modernista, como um movimento em busca da emancipação cultural e identitária do Brasil, encontra sua fundamentação na teoria brasileira da

[53] No original : "Depuis le Romantisme, avec F. Denis, l'intérêt français va, naturellement, vers la différence, de l'Indien au XIXe siècle jusqu'à la reconnaissance du Noir au XXe siècle. [...] Mais il faut surtout insister sur l'importance de la littérature régionaliste en France au début du siècle".

Antropofagia. Lançado por Oswald de Andrade na *Semana de arte moderna de 1922* em São Paulo, o *Manifesto Antropofágico* foi publicado em 1928 e correspondia a uma reação à cultura europeia importada pelo país (TORRES, 2014). Torres (2014, p. 31) afirma:

> Segundo o *Manifesto Antropofágico*, o Brasil reproduzia os modelos europeus, assimilando-os aos mesmos, tal como era percebido no imaginário europeu. O *Manifesto Antropofágico*, cuja primeira frase "Só a antropofagia nos une" dava o tom que reivindicava justamente a existência de um movimento, de uma teoria que fosse própria ao Brasil.

O suíço Blaise Cendrars, ao prefaciar a primeira tradução de *L'Enfant de la plantation* (1953), faz algumas afirmações que reiteram a ideia do pouco interesse dos franceses pelas produções desse movimento - ao menos inicialmente. Cendrars (1953a) assinala que os escritores brasileiros queriam romper com a influência da literatura francesa, mas acompanhavam o que era feito em Paris, razão pela qual teria sido convidado a visitar o país. Para ele, os jovens tinham um grande talento, mas se questiona sobre o que restaria ao fim de duas ou três décadas, concluindo que "nada, exceto a curiosidade, alguns romances quase ilegíveis, [...] um ou dois poemas"[54]. E conclui que o modernismo praticado no Brasil não passava de um grande mal-entendido. Cendrars ainda vê os brasileiros sob a influência do que era feito na Europa e, principalmente, em Paris, por isso não reconhece no movimento a emancipação cultural e identitária propalada no manifesto.

É nesse período histórico que o autor paraibano José Lins do Rego encontra-se inserido. Em 1932, o romance de estreia *Menino de engenho* seria publicado pela Adersen-Editores, e a sua obra teria grande repercussão no contexto do Modernismo brasileiro, sendo posteriormente bastante traduzida, como veremos mais adiante.

O terceiro período assinalado por Cunha (datado de 1940 a 1959) compreende a Segunda Guerra Mundial e o pós-guerra. No intervalo correspondente à guerra (1939-1945) há uma diminuição das traduções – como ocorreu durante a Primeira Guerra. No Pós-Guerra verifica-se um aumento considerável de traduções - inclusive de poesia - (36 obras literárias e 12 não literárias - ver Gráfico 1), assim como uma ampliação do público leitor, provavelmente devido às traduções de Jorge Amado, que conquistou o gosto popular francês com a representação de um país exótico. Oito obras de Jorge

[54] No original : "rien, sinon de la curiosité, quelques romans quasi illisibles, [...] un ou deux poèmes" (CENDRARS, 1953, p. 11).

Amado foram traduzidas nesse período (1940-1959), entre elas algumas das mais famosas: *Mar morto*, em 1949; *Capitães de areia*, em 1952; *Cacau*, em 1955, e *Gabriela, cravo e canela*, em 1959 (CUNHA, 1997). Yriarte (2015) afirma que, entre 1945 e 1970, a obra de Jorge Amado faz um grande sucesso graças, também, ao apoio do partido comunista. A respeito do autor brasileiro, afirma Beliakova (2014, p. 2):

> Membro do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro, redator-chefe do jornal do partido *Hoje*, dirigente do Instituto de Relações Culturais com a URSS, no fim dos anos quarenta, Jorge Amado tornou-se um destacado ativista não só do movimento comunista brasileiro, mas também internacional.

Beliakova (2014, p. 1) reitera a importância das atividades políticas do escritor ao assinalar que "[ele] começou a ser traduzido para o russo porque correspondia às exigências ideológicas mais rígidas da época".

Destacamos aqui que a primeira tradução francesa de *Menino de engenho* foi publicada em 1953 nesse contexto do pós-guerra, em um período em que o romance social estava em voga na França, favorecendo a tradução da obra de Jorge Amado e, consequentemente, de algumas obras regionalistas do Nordeste. Assim como Jorge Amado teve sua obra ligada ao comunismo, é interessante observar que a primeira obra traduzida de José Lins do Rego foi *O moleque Ricardo* (1935), de forte cunho político, para o russo (1938).

Se havia um interesse francês pela obra de Jorge Amado devido à sua militância, tendo recebido apoio do partido comunista brasileiro e internacional, a tradução da obra de José Lins do Rego para o russo pode ter contribuído para que *Menino de engenho* fosse posteriormente traduzido também na França[55], em 1953, fato que abordaremos mais adiante.

O período seguinte (datado de 1960 a 1979) corresponde ao *boom* das literaturas latino-americanas. Embora não haja uma identificação imediata com o Brasil quando se fala em literatura latino-americana, esse fenômeno permitiu uma visibilidade que a literatura brasileira ainda não havia alcançado (CUNHA, 1997). O número de obras publicadas cresce em relação aos períodos anteriores: são 69 obras literárias e 65 não literárias (CUNHA, 1997) (ver Gráfico 1). Os autores brasileiros que se beneficiaram desse momento na tradução, segundo Cunha (1997, p. 296), foram Guimarães Rosa e

[55] Antes de ser traduzido na França, José Lins do Rego teve traduções publicadas na URSS (1937/1938), na Argentina (1946/1947) e na Inglaterra (1950). Em 1953, além da publicação francesa, foi ainda traduzido na Alemanha.

Jorge Amado. Apesar de eles já terem sido traduzidos anteriormente, nesse período eles alcançam uma repercussão maior junto ao público leitor, com quatro traduções de Guimarães Rosa e mais oito de Jorge Amado.

Em 1979, a criação das *Éditions Métailié* e a fundação da primeira coleção dedicada à literatura brasileira na edição francesa marcam um período de mudança, principalmente tendo em vista que, até o momento, as traduções da literatura brasileira estavam inseridas em coleções gerais como: latino, lusófono, ibérico e latino-americano (RIAUDEL, 2005), o que lhe dava pouca visibilidade.

O último período assinalado por Cunha (1997) vai de 1980 a 1994, ano final do levantamento feito por Abreu à época. A fim de manter o paralelismo em relação aos dois intervalos anteriores (de 20 anos cada) aqui considerados, completamos os dados até 1999 utilizando, para tanto, o mesmo catálogo de Abreu em sua edição atualizada de 2008[56]. Para tanto, listamos, por ano, as obras traduzidas que foram publicadas entre 1995 e 1999, diferenciando-as entre as literárias e as não-literárias[57]. A relação das obras literária traduzidas (1995-1999), assim como no estudo de Cunha (1997), considera todas as publicações, isto é, as inéditas, as reedições e as novas traduções.

Nesse período é possível verificar traduções e novas traduções de autores do cânone literário brasileiro, obras de denúncia, de divulgação, de cunho religioso, relacionadas às Ciências Sociais, à Economia, à literatura "feminina" e infanto-juvenil (CUNHA, 1997).

Em 1984, com o apoio da Fundação Vitae, foi criado o Programa de Apoio à Tradução de Livros Brasileiros no Exterior, que em 1990 passou a ser gerido pelo Departamento Nacional do Livro, da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) (MARTINS, 2008, p. 45). O Programa de Apoio nessa época consistia na concessão de bolsas tendo como objetivo incentivar editoras estrangeiras a publicar obras brasileiras.

Em 1987, o Ministro da Cultura francês decide consagrar aos autores brasileiros o primeiro evento *Les Belles étrangères*, organizado pelo *Centre national du livre* (CNL) (RIAUDEL, 2005). *Les Belles étrangères* é definido como um evento que promove a descoberta de literaturas estrangeiras ou de autores pouco conhecidos na

---

[56] Cunha (1997) utiliza a terceira edição do levantamento de Abreu (1994). Abreu continua atualizando seu catálogo com edições em 1998 (4ª edição), em 2004 (5ª edição) e em 2008 (6ª edição).

[57] Adotamos a distinção utilizada por Cunha (1997, p. 290), que considera não-literários "todos os textos de relatos de viagem, depoimentos, biografias, discursos, folclore, cartas, memórias, Geografia, Diplomacia, Teoria Literária, Economia, Ciências Sociais, Medicina, Teologia, Filosofia, Técnica Teatral, Fotografia, entrevistas e História".

França, bem como acompanha a política de apoio à tradução, à publicação e à divulgação (LES BELLES ÉTRANGÈRES, 2016). Alguns dos autores convidados para o evento foram: Jorge Amado, Antônio Callado, Lygia Fagundes Telles, Zélia Gattai, Ferreira Gullar, Raduan Nassar, Nélida Piñon, João Ubaldo Ribeiro, Affonso Romano de Sant'Anna, José Rubem Fonseca, Antônio Torres, Edla Van Steen, entre outros (LES BELLES ÉTRANGÈRES, 2016).

É nos anos 1990, segundo Yriarte (2015), que uma dúzia de editoras inserem literatura brasileira nos seus catálogos. Em 1992, surge a *Chandeigne*, uma editora independente especializada no mundo lusófono. Além dos fatores já mencionados anteriormente, a divulgação da literatura brasileira a partir dos anos 1990 aumenta também em função dos eventos relacionados ao livro (Feira e Salão do livro), como veremos adiante.

Apesar de o Programa de Apoio à Tradução de Livros Brasileiros no Exterior ter sido criado em 1984, os dados referentes ao programa atualmente disponíveis recuam somente a 1991, pois foi na década de 1990 que ele se consolidou – ainda assim, os dados possuem algumas lacunas. Assim, no período de 1991 a 1999 foram concedidas, para diversos países, 68 bolsas, das quais 14 à França (ver Quadro 1). Desse intervalo, o ano com maior quantidade de bolsas concedidas foi 1994, com 19 bolsas; esse número pode ser resultado do destaque, e consequente visibilidade, dado ao Brasil que, no mesmo ano, foi o convidado de honra da Feira do Livro de Frankfurt.

Quadro 1 - Número de traduções de obras literárias brasileiras na França e de bolsas concedidas pela FBN (1991-1999)[58]

Ano	Nº de bolsas concedidas pela FBN		Nº de traduções de obras literárias brasileiras publicadas na França
	No mundo	França	
1991	9	2	16
1992	0	0	13
1993	0	0	11
1994	19	3	8
1995	8	1	12
1996	14	3	12
1997	0	0	23
1998	10	5	48
1999	8	0	10
Total	68	14	153

Em 1992 e 1993, de acordo com os dados da Fundação Biblioteca Nacional, nenhuma bolsa foi concedida (ver Quadro 1), fato que podemos relacionar a uma falha no banco de dados, que - conforme já mencionado anteriormente - apresenta lacunas para a década de 1990. O ano de 1993 antecedeu a Feira do livro de Frankfurt em que o Brasil foi homenageado e, provavelmente, o número de concessões de bolsas seria elevado[59]. Como veremos mais adiante, essa hipótese se repete na discussão referente ao ano de 1997. Outro fato que podemos relacionar essa ausência de bolsas seria o momento político brasileiro, conforme evoca Dantas (2009),

> De 1990 a 1994, começa com o choque do Plano econômico do governo do presidente Fernando Collor que, entre outras medidas, bloqueia a poupança dos brasileiros acarretando uma estagnação da economia; passa pela crise do impeachment do presidente em 1992, e termina com a introdução do Plano Real do futuro presidente Fernando Henrique Cardoso, então ministro da economia[60].

[58] Quadro por nós elaborado com base no banco de dados da FBN (ver nota 48).

[59] No estudo já mencionado de Martins (2008, p. 48), a autora afirma que "não há informações referentes aos anos de 1992, 1993, 1996 e 2002, não tendo sido possível determinar junto à CGLL se isso se deve a hiatos na implementação do programa ou a uma falta de interesse por parte das editoras estrangeiras".

[60] No original : "De 1990 à 1994, commence avec le choc du Plan économique du gouvernement du président Fernando Collor qui, entre autres mesures, bloque l'épargne des Brésiliens entraînant une stagnation de l'économie ; elle passe par la crise de l'impeachment du président en 1992, et se termine avec l'introduction du Plan Real du futur président Fernando Henrique Cardoso, alors ministre de l'économie".

Em 1994, ano em que o país é o convidado de honra na Alemanha, as concessões são retomadas, contando-se 19 bolsas para diversos países[61]. Em 1995, oito bolsas para diversos países, sendo uma para a França e, em 1996, 14 bolsas, das quais três para a França[62].

Em 1997, de acordo com os dados da FBN (ver Quadro 1), nenhuma bolsa é concedida. Como dito anteriormente, supomos que essa ausência de bolsas deva-se a uma falha no banco de dados, já que no ano seguinte o Brasil seria homenageado no evento parisiense *Salon du livre* (1998) e, por isso, haveria demanda e concessão de bolsas[63].

Em 1998, são 48 obras traduzidas e 10 bolsas concedidas, sendo cinco para a França; esse aumento nas traduções deve-se, provavelmente, ao *Salon du livre* de Paris que teve o Brasil como o país homenageado do ano[64]. Em 1999, são oito bolsas concedidas pela FBN, no entanto nenhuma para a França; segundo o banco de dados, foram sete à Espanha e uma à Suíça[65].

É possível observar a inconstância no número de bolsas concedidas entre um ano e outro. Martins (2008, p. 46) afirma que "o número de bolsas concedidas varia conforme a disponibilidade orçamentária e financeira da instituição, o interesse das editoras e as determinações do edital vigente". Com isso, essa inconstância no número de bolsas concedidas se deve à instabilidade econômica e política brasileira nessa época; ao baixo interesse das editoras, ou ainda, às exigências do edital.

Ainda sobre esse período (1980 a 1999), percebe-se a redução do intervalo de tempo entre o lançamento de uma obra no Brasil e a publicação da tradução na França, levando Cunha (1997) a afirmar que tal fato se deve a uma profissionalização do trabalho, com a atuação de agentes literários, estratégias de marketing, a participação em feiras internacionais, etc.

Alguns fatores como: o *boom* latino-americano, a criação de uma coleção dedicada à literatura brasileira da *Éditions Métailié*, o Programa de Apoio à Tradução de

---

[61] No levantamento de Martins (2008), no entanto, 23 bolsas foram concedidas nesse ano.
[62] Segundo Martins (2008), em 1995, são concedidas 13 bolsas para diversos países, contabilizando cinco bolsas a mais que a informação do banco de dados. Como vimos anteriormente, no estudo de Martins não há informações quanto ao ano de 1996.
[63] No estudo realizado por Martins (2008), consta o total de 16 bolsas concedidas nesse ano; no entanto, a autora não apresenta a informação do número de bolsas por país.
[64] Martins (2008) contabiliza 13 bolsas concedidas em 1998.
[65] Segundo Martins (2008), no ano de 1999 foram concedidas 25 bolsas para diversos países, uma diferença de 17 bolsas com relação ao banco de dados.

Livros Brasileiros no Exterior da Fundação Vitae, o evento *Les Belles étrangères* organizado pelo Ministro da Cultura francês, a inserção da literatura brasileira no catálogo de outras editoras, e o surgimento da *Chandeigne*, especializada no mundo lusófono, possibilitaram um aumento na tradução de literatura brasileira. Nesse intervalo histórico (1980 a 1999) foram traduzidas 272 obras literárias, um aumento considerável se comparado ao período anterior (1960 a 1979), que contou com 69 obras literárias (ver Gráfico 1).

O último período histórico compreende os anos de 2000 a 2015. Para tanto, baseamo-nos no levantamento realizado por Spézia (2015) relativo aos anos de 2000 a 2013, no catálogo de obras brasileiras traduzidas para o francês, de Abreu (2008), e no levantamento feito por Dantas[66] para os anos de 2009 a 2015.

O levantamento de Spézia (2000-2013) não leva em conta as reedições; apenas as traduções inéditas de obras literárias e as novas traduções; por isso, tendo em vista que Cunha (1997) considera todas as publicações literárias, isto é, as inéditas, as reedições e as novas traduções, utilizamos o catálogo de Abreu (2008) para adequar o levantamento de Spézia a esse critério, a fim de obter dados dentro de um padrão. No entanto, o catálogo de Abreu se estende até o ano de 2008 e, para atualizar até 2013 (ano final dos dados de Spézia), utilizamos o levantamento feito por Dantas, que considera todas as publicações; bem como para os dois anos finais desse período (2014 e 2015).

Em 2000, foram publicadas na França 17 obras traduzidas, tendo oito bolsas sido concedidas pela FBN, porém nenhuma para a França. Em 2001, oito traduções de obras literárias brasileiras foram publicadas na França, das quais três contaram com o apoio da FBN de um total de 23 bolsas concedidas nesse ano (ver Quadro 2)[67].

---

[66] Ver nota 47.

[67] Segundo levantamento de Martins (2008), no ano de 2000 foram concedidas 26 bolsas para diversos países.

Quadro 2 - Número de traduções de obras literárias brasileiras na França e de bolsas concedidas pela FBN (2000-2015)[68]

Ano	Nº de bolsas concedidas pela FBN		Nº de traduções de obras literárias brasileiras publicadas na França
	No mundo	França	
2000	8	0	17
2001	23	3	8
2002	2 (2)	0	15
2003	1	0	23
2004	14 (1)	4	15
2005	12	3	50
2006	4	1	12
2007	6	0	20
2008	6	1	14
2009	9	1	11
2010	63	4	26
2011	36	5	16
2012	139	10	21
2013	208	23	20
2014	171	20	17
2015	110	14	54
Total	812	89	339

Três concessões de bolsa (todas para a Suécia) figuram simultaneamente em dois anos na tabela fornecida pela FBN (talvez tenha havido interrupção do apoio, com posterior retomada): duas bolsas apresentam das datas de 2002 e 2005 ao mesmo tempo, e uma bolsa, os anos de 2004 e 2005. Para evitar a duplicidade dos dados, computamos apenas o primeiro ano de cada concessão (2002 e 2004), indicando entre parênteses o quantitativo de bolsas que figuram em mais de um ano.

Em 2002, a FBN editou o *Guia conciso de autores brasileiros*, tendo por objetivo apresentar a produção nacional aos editores estrangeiros em feiras internacionais, tais como a Feira de Frankfurt, a Feira Internacional do Livro da Espanha, o Salão do Livro de Paris e a Feira Internacional do Livro de Guadalajara. O catálogo continha verbetes bilíngues (português e inglês) sobre os escritores,

[68] Com base no banco de dados da FBN (ver nota 48).

bibliografia, citações da crítica especializada, fragmentos de obras e endereços eletrônicos para contato com autores ou seus representantes (MARTINS, 2008). Nesse ano, são publicadas 15 traduções e nenhuma bolsa para o francês é concedida (ver Quadro 2).

Em 2003, são 23 obras traduzidas para o francês, nenhuma bolsa concedida para a França. Segundo o banco de dados, a FBN concedeu nesse ano uma bolsa[69]. Em 2004, são 15 obras traduzidas, 14 bolsas concedidas, sendo quatro para a França[70].

Outro fator a que se deve esse aumento no número de traduções teria sido o ano do Brasil na França, que consistiu em um ciclo de eventos organizados pelos governos dos dois países, no período de março a dezembro de 2005, com 333 projetos que levaram a 2.500 manifestações culturais brasileiras. Segundo Ruy Amaral (2008, p. 11), "o ciclo teve impacto ampliado por uma notável repercussão na imprensa". Iniciativas como essa fazem com que o país e as suas manifestações culturais, entre elas a literatura, sejam conhecidos, aumentando o interesse do público francês. Ainda segundo Amaral (2008, p. 11):

> A disposição do Governo brasileiro de co-patrocinar iniciativa de tal envergadura é demonstração de que amadurece, no Brasil, a noção da importância da difusão cultural como instrumento valioso para ampliar a presença do País no cenário internacional.

Ainda no ano de 2005, provavelmente devido ao evento, 50 obras traduzidas vêm a público na França, aproximando-se das 48 publicadas em 1998 (ano do *Salon du livre*), 15 bolsas são concedidas pela FBN, sendo três para a França (ver Quadro 2)[71]. Porém, nos anos seguintes, não se constata uma continuidade no trabalho de tradução e divulgação da literatura brasileira. Nos três anos seguintes, o número de traduções e bolsas concedidas para a França são: em 2006, 12 traduções e uma bolsa; em 2007, 20 traduções e nenhuma bolsa; em 2008, 14 traduções e uma bolsa.

Em 2009, acontece o ano da França no Brasil e, apesar de o foco estar na abertura do Brasil à França, o evento enfatiza a relação entre os dois países; porém, nesse ano não há uma mudança numérica no cenário das traduções da literatura brasileira na França (11 traduções e um bolsa) (ver Quadro 2). No entanto, a primeira

---

[69] Segundo Martins (2008), foram quatro bolsas.
[70] Segundo Martins (2008), a FBN concedeu 29 bolsas para diferentes países.
[71] Segundo Martins (2008), foram concedidas 20 bolsas para diferentes países.

editora francesa especializada em literatura brasileira é fundada: *Éditions Anacaona*, com a publicação da obra *Manuel pratique de la haine*, de Ferréz.

Em 2010, o número de obras traduzidas e de bolsas aumenta: são 26 traduções, 63 bolsas concedidas pela FBN, sendo quatro para a França. Nesse ano, a literatura brasileira volta a ganhar espaço no cenário mundial com o anúncio da escolha do Brasil como país homenageado da Feira de Frankfurt de 2013. Além disso, esse aumento pode ser um reflexo do evento da França no Brasil, que reaviva a relação entre os países.

Em julho de 2011, a Fundação Biblioteca Nacional apresenta uma reestruturação no programa de incentivo, o Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior para as editoras que desejem traduzir ou reeditar obras brasileiras, independente do gênero (YRIARTE, 2015). O programa, em pouco mais de um ano, concedeu mais de 140 bolsas a editoras estrangeiras, com a meta de 200 traduções até outubro de 2013 (FREY, 2011). Segundo Frey, a média anual de bolsas concedidas, que era de 12,8 na década de 1990 e 15,8 na década seguinte, passou para 121,7. Nesse ano, foram publicadas 16 obras, e a FBN concedeu 36 bolsas, sendo cinco para a França (ver Quadro 2).

A partir de 2012, o Brasil ganhou um estande permanente no *Salon du livre* de Paris e propôs uma sucessão de encontros, mesas-redondas, conferências, sessão de autógrafos, tendo como objetivo continuar divulgando a literatura brasileira (YRIARTE, 2015). Nesse ano são 21 obras publicadas, com 139 bolsas concedidas pela FBN, sendo 10 para a França (ver Quadro 2).

Em outubro 2013, o país foi, novamente, o convidado de honra da Feira do Livro de Frankfurt, feito que só havia ocorrido com a China, país que goza de uma posição privilegiada na Feira (GIRALDI, 2010). O mote do evento em 2013 foi "Um país cheio de vozes e de permanente recriação cultural", mostrando a intenção de tornar conhecida a diversidade da cultura brasileira. Nesse ano são publicadas 20 obras na França, a FBN concede 208 bolsas, sendo 23 para a França (ver Quadro 2).

É nesse novo contexto da literatura brasileira que *Menino de engenho* é retraduzido na França. Com o mesmo título da primeira tradução, *L'Enfant de la plantation* é publicado em março 2013 pela *Éditions Anacaona*, uma editora independente e, como dito anteriormente, especializada em literatura brasileira. Publicado alguns meses antes do evento alemão, a tradução foi uma das obras que

recebeu o apoio da FBN como reedição de obra cuja primeira tradução francesa encontrava-se esgotada.

Em 2014, são 17 traduções publicadas e 171 bolsas concedidas pela FBN, sendo 20 para a França. Nesse ano, a França anunciou que o Brasil seria novamente o país homenageado no *Salon du livre* de Paris em 2015; o país também estava em destaque por sediar a Copa do Mundo de Futebol de 2014 (duas das 17 obras tinham como temática o futebol)[72].

Em 2015, o Brasil é homenageado pela segunda vez no *Salon du livre* de Paris, tornando-se o único país a ser homenageado duas vezes pelo evento. A escolha dos 48 escritores convidados teve o propósito de representar a diversidade da produção literária brasileira, com a presença de autores consagrados e de autores novos, e com representantes de diversas regiões e gêneros literários. Nesse ano, foram publicadas 54 obras e 110 bolsas concedidas pela FBN, sendo 14 para a França (ver Quadro 2).

Nesse período de 16 anos, há um aumento no número de traduções em relação ao período anterior (20 anos): são publicadas 339 obras (ver Gráfico 1). No entanto, como já observamos anteriormente, o volume de traduções da literatura brasileira é inconstante, e o seu aumento parece ainda estar relacionado a eventos de divulgação.

Podemos perceber que a presença da literatura brasileira na França começa a se modificar nos 1990, com uma maior inserção de obras nos catálogos das editoras francesas; em 1992, com a criação da *Chandeigne*, editora especializada no mundo lusófono - embora inicialmente estivesse mais voltada para Portugal, ampliando posteriormente o espaço dado ao Brasil; em 1998, quando o Brasil é homenageado no *Salon du livre* de Paris, e estreita-se progressivamente com o ano do Brasil na França (2005). Em 2009, a criação de uma editora especializada em literatura brasileira (*Éditions Anacaona*) expressa um interesse crescente pela literatura brasileira. A reformulação do Programa de Apoio à Tradução da FBN (2011) possibilitou mais traduções da literatura brasileira – fato confirmado pela concessão de bolsa para a retradução de *L'Enfant de la plantation* (2013). Ademais, a criação de um estande permanente do Brasil no *Salon du livre* de Paris a partir de 2012, e o fato de ser o único país a ter sido homenageado duas vezes nesse evento (1998 e 2015) revelam o aumento do espaço e da divulgação dada à literatura brasileira na França.

---

[72] A coletânea de contos, *Le Football Au Brésil – Onze Histoires d'une passion* (Éditions Anacaona) e a obra de prosa e poesia, *La poésie du football brésilien - épinicie pour le pays des palmeraies* (Éditions Chandeigne).

Ao analisar esse período histórico, Dantas[73] afirma que

> [p]udemos constatar que o número de traduções da literatura brasileira publicada entre 2000 e 2015 pelas diferentes editoras apresentou um aumento com relação à década anterior, e que as escolhas dos editores oferecem uma imagem literária do Brasil bastante diversificada em termos de temas, de títulos, de gerações de autores e de opções estéticas, favorecendo assim a desconstrução de alguns estereótipos sobre a cultura brasileira, especialmente ligadas ao exotismo, à sensualidade, à religião ou, mais recentemente, à violência[74].

No entanto, o aumento das publicações não significa aumento nas vendas. Segundo Martins (2008, p. 41), "a presença dos livros e autores brasileiros no cenário internacional está aumentando, embora mais em termos de diversidade do que propriamente de volume de vendas".

[73] DANTAS, Marta Pragana. Réflexions autour des inégalités littéraires: la littérature brésilienne traduite en France (2000-2015), capítulo de livro no prelo.

[74] No original : "Nous avons pu constater que le nombre de traductions de la littérature brésilienne publiées entre 2000 et 2015 par les différentes maisons d'éditions a connu une augmentation par rapport à la décennie précédente, et que les choix des éditeurs offrent une image littéraire du Brésil assez diversifiée en termes de thèmes, de titres, de générations d'auteurs et d'options esthétiques, favorisant ainsi la déconstruction de certains stéréotypes sur la culture brésilienne, notamment liés à l'exotisme, à la sensualité, à la religion ou, plus récemment, à la violence".

3. A TRAJETÓRIA DE JOSÉ LINS DO REGO E OS INTERMEDIÁRIOS DE SUA OBRA

Neste capítulo, discorreremos sobre alguns elementos biográficos de José Lins do Rego, abordando informações referentes a sua formação, à obra e ao período literário em questão, às traduções dos seus romances e às correspondências passivas do autor que tratam de traduções ou de publicações no exterior, a fim de observar o papel dos intermediários nos contextos de produção e de recepção de *Menino de engenho*.

O levantamento biográfico do autor, observando o seu percurso como escritor, os lugares onde viveu e as amizades que manteve, tem o intuito de revelar as relações sociais no contexto de produção da obra e compreender como se deu a sua recepção no Brasil. Além disso, faz-se necessário observar o período literário no qual *Menino de engenho* se encontra inserido e a sua importância nele. Por fim, ao tratar das traduções dos romances de José Lins, poderemos observar, a partir das correspondências recebidas pelo autor, o percurso de exportação de sua obra e, em alguns casos, revelar os intermediários e as motivações que resultaram na tradução de seus romances.

Para tanto, as informações sobre a vida de José Lins do Rego estão respaldadas, principalmente, nos estudos de Figueiredo Júnior (2000, 2001a, 2002) sobre o escritor e a obra *Menino de engenho*, levando em consideração que os dados apresentados por ele são resultado de uma pesquisa realizada nos arquivos e nos documentos do autor paraibano. Com base nessa pesquisa, o levantamento biográfico de Figueiredo Júnior vai, algumas vezes, de encontro a descrições biográficas apresentadas por outros estudiosos que se basearam apenas em relatos. O pesquisador questiona, principalmente, algumas informações e discursos reproduzidos por estudiosos, como, por exemplo, a informação sobre o local de nascimento do autor, e cita algumas datas que delimitam períodos da vida de José Lins com base nas informações presentes em correspondências. Fundamentamo-nos ainda nos estudos realizados por Hollanda (2012), Hallewell (1985), Soares (2006), Castello (2001), Barbosa (1991) e Garcia Jr (2011), que apresentam informações complementares sobre o autor, as relações sociais e as obras traduzidas. Por fim, realizamos pesquisa diretamente no Museu José Lins do Rego, situado em João Pessoa (PB), onde tivemos acesso à correspondência passiva do escritor[75].

---

[75] Cabe aqui mencionar o volume *Retalhos de amizades: correspondência passiva de José Lins do Rego* (LIMA et al., João Pessoa, Edições Funesc, 1995), publicação resultante do projeto *Ateliê de José Lins do*

3.1 OS ANOS DE FORMAÇÃO DE JOSÉ LINS DO REGO

Diversas informações biográficas sobre José Lins do Rego Cavalcante concordam quanto à informação de que o escritor teria nascido em 3 de junho de 1901, no Engenho Corredor, em Pilar, no estado da Paraíba, e falecido em 12 de setembro de 1957, no Rio de Janeiro. No entanto, o pesquisador Figueiredo Júnior (2000), no âmbito do projeto *Ateliê de José Lins do Rego* (coordenado pela pesquisadora Sônia Maria van Dijck Lima) sobre os arquivos do autor, desenvolveu um estudo contestando o local de nascimento do escritor com base em sua certidão de nascimento, documento este que contradiz a informação já consagrada, certificando que o paraibano teria nascido no Engenho Tapuá, em São Miguel do Taipu, na Paraíba – filho de João do Rego Cavalcanti Sobrinho e Amélia Lins Cavalcanti de Albuquerque.

Com a morte da mãe, no ano seguinte ao seu nascimento, José Lins do Rego se mudaria para o Engenho Corredor, em Pilar (PB), onde seria criado pelos avós maternos e pelas tias (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a). José Lins foi alfabetizado em Pilar; em seguida, estudou no Instituto N. S. do Carmo, em Itabaiana (PB), passando também pelo Colégio Diocesano Pio X, em João Pessoa (PB) e, posteriormente, pelo Colégio Carneiro Leão e pelo Ginásio Pernambucano, ambos no Recife (PE) (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a, p. 13).

Ainda jovem e aluno do Colégio Diocesano Pio X, José Lins do Rego iniciou a atividade de escritor na produção de artigos para jornais, publicando-os na Revista Pio X, que consistia em uma edição mensal dos alunos do colégio (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a). Os artigos nos jornais marcaram o início da sua carreira e, mesmo depois de reconhecido como romancista, continuaria contribuindo como articulista ao longo da vida em diversos jornais nas cidades onde viveu, inclusive como cronista esportivo no Rio de Janeiro.

José Lins do Rego começa a descobrir a literatura brasileira através da leitura de *O Ateneu* (1888), de Raul Pompeia, e das obras de Machado de Assis (HOLLANDA,

---

Rego, coordenado pela professora pesquisadora Sônia Maria van Dijck Lima. Foi por meio desse catálogo que tomamos conhecimento da existência, no Museu José Lins do Rego, de correspondência recebida pelo escritor tratando de traduções da obra *Menino de engenho*. A fim de obter informações mais precisas sobre essa correspondência, realizamos pesquisa no referido Museu, cuja administração gentilmente nos autorizou a consultar o acervo e a reproduzir tanto a correspondência passiva do escritor quanto outros documentos consultados ao longo da pesquisa.

2012). A leitura de *Dom Casmurro* (1899), segundo Hollanda (2012), causa impacto na vida do paraibano, que no momento tinha 16 anos.

Em 1918, José Lins do Rego conheceu Olívio Montenegro, crítico literário e autor de *O romance brasileiro* (1938), durante uma viagem de trem para o Recife e, a partir desse encontro, tornaram-se grandes amigos; um pouco antes, segundo Figueiredo Júnior (2001a), José Lins teria conhecido José Américo de Almeida. Olívio Montenegro e José Américo de Almeida seriam reconhecidos como influentes no percurso literário de José Lins do Rego. O primeiro iniciaria o escritor paraibano na literatura francesa, revelando, entre outros nomes, Stendhal (*O vermelho e o negro*, em particular) e a obra filosófica de Jean-Jacques Rousseau (HOLLANDA, 2012). Através de correspondências enviadas por Olívio Montenegro a José Lins do Rego, Figueiredo Júnior (2001a, p. 15) afirma que é possível observar a discussão sobre o processo de criação do romancista.

José Américo de Almeida (1991, p. 71), em artigo para o jornal *O Cruzeiro* (RJ) em 1957, ao relatar a amizade com José Lins do Rego, afirma: "desconfiei, mais logo, que o ponto de atração não era minha pessoa e, sim, minha biblioteca, pela gula com que se deixava ficar a revistar os livros e levava para ler os que ia apontando". José Américo foi companheiro de João Pessoa, mártir da revolução de 30, sucedendo-o como líder civil da revolução no Nordeste (HALLEWELL, 1985). Com isso, segundo Garcia Jr (2011), teve acesso a postos ministeriais e a uma carreira política nacional de primeiro plano. Era identificado por José Lins do Rego como "um chefe intelectual entre os moços da Paraíba" e, com sua obra *A Bagaceira* (1928), marcou um período da literatura brasileira conhecido como o *Romance de 30*, como veremos mais adiante.

Entre 1918 e 1919, José Lins do Rego publicou uma seção de artigos no *Diário do Estado*, editado na Paraíba; escrevia uma seção permanente no *Jornal do Recife*; assinava outra seção para *O Jornal* na Paraíba, onde também fez a crítica de teatro (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a).

Em 1919, ingressou na Faculdade de Direito do Recife. No segundo ano da faculdade, José Lins do Rego afirma ter conhecido Raul Bopp, que, segundo o paraibano, teria sido sua primeira grande amizade literária (BARBOSA, 1991). Em reportagem ao jornalista Francisco de Assis Barbosa, José Lins do Rego ainda cita outros amigos que teve na Faculdade de Direito, como José de Queiroz Lima e Mário Guimarães (BARBOSA, 1991). Como veremos adiante, em duas correspondências que

versam sobre a tradução de obras de José Lins, aparece o nome Mário Guimarães relacionado a essa atividade.

Nessa mesma época, iniciaria amizade com Osório Borba e, juntos, fundariam o semanário *Dom Casmurro*, em 1922 (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a). A criação de um semanário homônimo à obra de Machado de Assis reflete o impacto, citado anteriormente, que a obra causou no paraibano. No entanto, o periódico durou apenas 26 semanas; nessa mesma época, José Lins do Rego também publicava artigos nas revistas *Era Nova* (PB) e *Terra do Sol* (RJ) (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a).

Em 1923, conheceu Gilberto Freyre, que acabara de chegar dos Estados Unidos após mestrado em Ciências Sociais, e com quem cultivaria uma grande amizade. Gilberto introduziria José Lins na leitura de grandes ensaístas europeus e nos modernos romancistas de língua inglesa, a exemplo de Thomas Hardy e D. H. Lawrence; e juntos, se dedicaram à leitura de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust (HOLLANDA, 2012). Conviveram por um ano no Recife e, posteriormente, mantiveram contato por correspondência (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a).

Em 1924, recebeu o grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e chegava ao fim o período no Recife. Casou-se no mesmo ano com Philomena Massa, filha do senador paraibano Antônio Massa, na cidade de Cruz do Espírito Santo, na Paraíba, lugar onde morou por poucos meses (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a). Antônio Massa, segundo Garcia Jr (2011), teria usado do seu prestígio para conseguir um cargo bem remunerado para o genro. No fim de 1924, José Lins foi nomeado Promotor Público em Manhuaçu (MG), cargo no qual não permaneceu por muito tempo (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a).

Em novembro de 1926, foi nomeado pelo presidente Artur da Silva Bernardes para o cargo de fiscal da Inspetoria Geral de Bancos no Estado de Alagoas (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a). Ao chegar em Maceió, segundo Figueiredo Júnior (2001a), o paraibano já era conhecido por seus artigos e ensaios, e passou a escrever no *Jornal de Alagoas* (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a). Em 1930, José Lins é demitido do cargo de fiscal da Inspetoria Geral de Bancos para ser nomeado em 1931, pelo presidente Getúlio Vargas, para o cargo de fiscal do selo adesivo e outros impostos, em Maceió; em 1933, ocupou ainda o cargo de fiscal do imposto de consumo (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a). Segundo Garcia Jr (2011, p. 28), os cargos públicos

que o autor ocupou foram "apenas um meio para financiar sua atividade literária", sem jamais ter-se dedicado ao serviço público.

Nos anos 30, em Maceió, uma roda literária denominada "os do Norte" começava a surgir, na qual os escritores se ajudavam mutuamente em busca de espaço na literatura. Esse grupo era formado por José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Aurélio Buarque de Holanda, Valdemar Cavalcanti e Jorge de Lima; antes de 1940, um por um se transferiu para o Rio de Janeiro, onde mantiveram a amizade (SOARES, 2006). Além desses, José Lins conviveu por vários anos com Raul Lima, Alberto Passos Guimarães, Aloysio Branco e Arnon de Mello (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a).

3.1.1 O ROMANCISTA

A obra *Menino de engenho* foi publicada em 1932, pela Adersen-Editores. O romance de estreia do escritor paraibano está relacionado ao *Modernismo*. Segundo Castello (2001, p. 11), entre 1920 e 1960 acontece "um amplo movimento brasileiro de renovação cultural - o Modernismo". Esse movimento está vinculado a um evento público de grande repercussão: a Semana de Arte Moderna, que aconteceu em São Paulo, entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922. O evento consistiu em exposições, peças teatrais, concertos e leituras de poesia, patrocinado em grande parte por Paulo Prado e liderado por Mário de Andrade (SKIDMORE, 1998). A renovação cultural em literatura estava relacionada a uma "reformulação teórica e inovações temática e formal, firmada em posições críticas favoráveis ao revigoramento de nossa identidade" (CASTELLO, 2001, p. 11). Com isso, os modernistas tinham como objetivo romper com o tradicionalismo (de movimentos como o parnasianismo e o simbolismo), alcançar a libertação estética e a independência cultural do país.

São três as fases do Modernismo que a crítica literária distingue: a 1ª Geração Modernista (1922-1930), a 2ª Geração Modernista (1930-1945) e a 3ª Geração Modernista (1945-1960). Na 1ª Geração podemos destacar como principais representantes: Manuel Bandeira, Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Na 2ª Geração (ou na Geração de 30) alguns dos autores que se destacam são: Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles (poesia) e Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego (prosa). Na 3ª Geração (ou na Geração de 45)

alguns dos principais autores são: Clarice Lispector, João Guimarães Rosa, Nelson Rodrigues, Ariano Suassuna e Lygia Fagundes Telles.

Desse amplo movimento, destacaremos a *Geração de 30*. A Semana de Arte Moderna de 22 teve repercussão no Nordeste, mas as produções da Geração de 30 em torno do romance regionalista surgem após o *Congresso de Regionalistas do Nordeste* (1926), com a publicação do romance pioneiro *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida. A proposta regionalista estaria sob a liderança de Gilberto Freyre e teria José Lins como um de seus principais seguidores (CASTELLO, 2001). Segundo Hollanda (2012, p. 83),

> [n]a ótica de Gilberto Freyre e José Lins, os organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922 pareciam mais ligados à importação das modas europeias e à adoção das últimas vanguardas parisienses do que à valorização das tradições nacionais.

Ainda segundo Hollanda (2012, p. 83), Gilberto Freyre "postulava a independência das letras e das artes pernambucanas em face do eixo Rio-São Paulo". O romance regionalista tornou-se, segundo Garcia Jr (2011, p. 21), "o símbolo do surgimento de uma 'autêntica cultura nacional'" e provocou uma mudança no cenário, que passou do mundo urbano para o mundo rural. Ainda segundo Garcia Jr (2011, p. 24):

> A primeira mudança manifesta é a da origem geográfica e social dos romancistas: eles já não são mestiços nascidos no Rio, como Machado de Assis e Lima Barreto, mas descendentes das famílias de grandes proprietários fundiários do Nordeste, nascidos, em sua maioria, nas casas-grandes das grandes plantações, de pai e mãe brancos.

Inicialmente os autores foram conhecidos como "os romancistas do Norte", provenientes de diferentes estados do Nordeste. Da Paraíba, José Américo de Almeida e José Lins do Rego; do Ceará, Rachel de Queiroz; de Alagoas, Graciliano Ramos; de Pernambuco, Amando Fontes e, da Bahia, Jorge Amado (GARCIA JR, 2011).

Rachel de Queiroz (2012) destaca *Menino de engenho* dos outros romances publicados em 1931 e 1932, afirmando que as demais obras eram marcadas por falhas de uma estreia juvenil, enquanto que, com *Menino de engenho*, o romancista José Lins já mostrava, praticamente, a sua face definitiva.

No exterior, o romancista mais conhecido e traduzido da *Geração de 30* foi Jorge Amado, tendo sido editado em 60 países e traduzido em 46 línguas (GARCIA JR, 2011). Segundo Tooge (2014, p. 1), Jorge Amado "entrou para o livro Guinness de Records em 1996 como o escritor mais traduzido do mundo". Atualmente, segundo os

dados do *Index Translationum*[76], o autor brasileiro mais traduzido é Paulo Coelho, seguido por Jorge Amado.

Antes de 1930, segundo Rosário Fusco (1940, *apud* HALLEWELL, 1985), os romances tinham a tiragem habitual de mil exemplares, em sua maioria paga pelo próprio autor, e demoravam meses nas estantes das livrarias. O crescimento do mercado editorial fez com que o intervalo entre as edições dos romances passasse a ser de apenas alguns meses.

Nos anos 30, segundo Fusco (1940, *apud* HALLEWELL, 1985, p. 338):

> O movimento editorial se anima. As reedições se sucedem. O comércio do livro nacional é um dos mais prósperos do continente. [...] Pela primeira vez no Brasil, um escritor já pode gabar-se (como fez o Senhor José Lins do Rego, em sensacional entrevista ao *Observador Econômico*) que os direitos autorais de seu trabalho lhe garantem um apreciável ordenado normal (grifo no original).

Para a publicação de *Menino de engenho*, o escritor deixou ao cargo do amigo Hildebrando de Lima, irmão do poeta Jorge de Lima (amigo da roda literária de Maceió), a tarefa de levar os originais para a tipografia dos irmãos Pongetti, para uma edição de 1.500 a 2.000 exemplares. Ao ler os originais, Hildebrando de Lima achou o romance interessante e resolveu mostrar ao amigo Sebastião de Oliveira Hersen, que, em 1931, havia fundado com Adolfo Aizen uma casa editorial: Adersen-Editores (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2002).

Sebastião de Oliveira Hersen propôs, no dia seguinte, uma tiragem financiada entre os dois (editora e autor), de 2.000 exemplares; no entanto, essa edição contou com uma tiragem "fantasma" de 5.000 exemplares, que consistia em uma estratégia publicitária, pois foram impressos apenas os 2.000 exemplares com uma numeração que ia de 1 a 5.000, omitindo os três mil números intermediários (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2002). No ano da publicação da obra, o autor morava em Maceió, mas, por ter publicado o livro em uma editora do Rio de Janeiro, começou a ser mais conhecido fora do Nordeste (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2000).

José Lins do Rego é apontado por alguns estudiosos como "o mais importante escritor" do regionalismo, e *Menino de engenho* como a obra "mais significativa no 'ciclo da cana-de-açúcar' e fora dele" (PROENÇA, 2012, p. 2). Nessa obra, segundo Proença (2012, p. 5), o autor provoca reflexões sobre

---

[76] Disponível em: <http://www.unesco.org/xtrans/bsstatexp.aspx>. Acesso em: 09 mar. 2016.

> sentido de posse (em relação à terra e aos entes "subordinados"), o drama dos cotidianos intrafamiliares, os poderes institucionalizados (religioso, político, econômico), os "desvios" como o cangaço, o paternalismo tirano (!) na convivência do senhor de engenho com o homem do eito, os amores proibidos (incestuosos ou não) - latente convulsão social sempre.

O reconhecimento de *Menino de engenho* veio no ano seguinte à sua publicação, quando o autor recebeu o Prêmio de Romance da *Fundação Graça Aranha*. Nesse mesmo ano, a obra é assunto de uma correspondência vinda de Granbery (Juiz de Fora/MG), escrita em inglês e assinada pelo norte-americano Anderson Weaver[77].

Na correspondência, datada de 30 de julho de 1933 (ANEXO B), Weaver se dirige a José Lins do Rego de modo informal ("Meu caro amigo"), relata estar terminando de revisar a tradução de *Menino de engenho* (intitulado em inglês: *Sonny-Boy of a Brazilian Sugar-Mill*), afirma que pretende enviá-la para alguns editores americanos, e conclui afirmando que gostaria que o livro fosse publicado, primeiro, como uma série em alguma revista e, depois, no formato de livro.

As informações contidas na correspondência nos levam a supor que Anderson Weaver era um amigo do autor e que, tendo lido a obra em 1932, propõe-se a traduzi-la e a tentar publicá-la. No entanto, a única tradução de *Menino de engenho* nos Estados Unidos consiste em uma edição conjunta dos romances *Menino de engenho*, *Doidinho* (1933) e *Banguê* (1934), publicada em 1966. A edição norte-americana recebe o título de *Plantation boy*, com tradução de Emmi Baum e editada por Alfred A. Knopf (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2000). Hollanda (2012) afirma que Gilberto Freyre teria sido o responsável por viabilizar essa tradução junto ao editor Alfred Knopf. O período em que Gilberto Freyre estudou nos Estados Unidos (1918-1923) contribuiu para que o pernambucano estabelecesse amizades nesse país, tornando possível, ao que tudo indica, o contato com editores, entre eles Knopf. Figueiredo Júnior (2001b, p. 33), estudando a correspondência passiva de José Lins, afirma:

> Em carta de 2 de janeiro de 1945, Gilberto Freyre informa: "Mostrei – ou creio ter mostrado – aos Knopf que não se compreende V. não ser traduzido para o inglês imediatamente. Creio que V. vai receber breve carta deles."

[77] Natural de Atlanta, Georgia, U.S.A. Formado em Literatura e Direito pela Universidade de Emory, exerceu Jornalismo e o Magistério, tendo dirigido o colégio da família (Weaver College) em Weaverville, Carolina do Norte. Dirigiu o Colégio Granbery, de Juiz de Fora de 1918 a 1934 (DUARTE, 2016).

Hallewell (1985), por sua vez, associa a publicação de José Lins pela Knopf ao sucesso de Jorge Amado. Segundo Hallewell (1985, p. 420-24):

> Em 1942, uma viagem de Blanche Knopf pela América Latina pôs Jorge Amado em contato com a editora de Nova York, e resultou na publicação, em 1945, de *The Violent Land*, tradução de Samuel Putnam de *Terras do sem fim*, segundo romance de Jorge Amado a aparecer em inglês. [...] O êxito com Jorge Amado estimulou a Knopf a tentar outros autores brasileiros: Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, Antônio Callado, Autran Dourado, Clarice Lispector, José Mauro Vasconcelos, totalizando 22 títulos em 1969.

Gilberto Freyre teria apresentado José Lins do Rego aos Knopf por volta de 1945, mas a tradução nos Estados Unidos pela editora foi publicada em 1966, posterior ao sucesso de Jorge Amado. Assim, tudo indica que a apresentação de Gilberto Freyre e o sucesso de Amado foram determinantes para a tradução; a esses fatores podemos acrescentar um terceiro: Jorge Amado e José Lins faziam parte do mesmo contexto e movimento literários, com obras cíclicas (do cacau e da cana-de-açúcar, respectivamente) marcadas por temáticas sociais.

Outra correspondência que revela o reconhecimento da sua obra é assinada por Manoel Gahisto[78], datada em 18 de agosto 1934, e enviada de Paris (ANEXO C). Além de autor e tradutor francês e grande divulgador da literatura brasileira, Gahisto colaborou em diversas revistas como crítico literário, publicando, por exemplo, crônicas na seção *Lettres brésiliennes* da tradicional revista *Mercure de France* no período de 15 de março de 1932 a 1 de fevereiro de 1939 (RIVAS, 1995). Esse período compreende a publicação brasileira de oito obras de José Lins do Rego: *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938) e *Riacho Doce* (1939).

Nas versões eletrônicas da revista *Mercure de France* (MERCURE DE FRANCE, 2015), encontram-se disponíveis as edições de 15 de março de 1932 a 1º de junho de 1935 (não compreendendo, portanto, integralmente o período de publicação das crônicas de Gahisto). Nessas edições disponíveis, Manoel Gahisto assinou seis crônicas na seção *Lettres brésiliennes*; numa delas, de 15 de agosto de 1934, ele escreve

[78] Essa correspondência encontra-se catalogada na obra *Retalhos de amizades* – citada anteriormente (ver nota 75) – acompanhada da informação "remetente não identificado". No entanto, estudos sobre a relação Brasil-França e a pesquisa por nós realizada no Museu José Lins do Rego onde tivemos acesso ao manuscrito, permitiram-nos identificar o remetente da carta: Manoel Gahisto.

um breve resumo sobre a segunda obra de José Lins do Rego, *Doidinho* (1933) (ANEXO D).

A carta de Gahisto é enviada três dias após a data da publicação da crônica sobre *Doidinho*. Nessa correspondência, o remetente saúda o brasileiro com "Meu caro Colega", informa o envio, anexo à carta, das páginas da *Mercure de France* (de 15 de agosto 1934) nas quais encontra-se “uma crônica das *Lettres brésiliennes*” assinalando aos leitores a mais recente obra do paraibano (APÊNDICE A). Na correspondência, Gahisto não revela o título da obra, conhecimento que obtivemos através da versão eletrônica da *Mercure de France*.

3.2 O PERCURSO EDITORIAL

Após a publicação na Adersen-Editores, em 1932, *Menino de engenho* foi reeditado pela *José Olympio*, em 1934, com uma tiragem de 5.000 exemplares, ao mesmo tempo em que era lançado *Banguê* (1934), com uma tiragem de 10.000 exemplares (SOARES, 2006). Entre a primeira publicação pela Adersen-Editores e a reedição de sua primeira obra pela *José Olympio*, o autor foi publicado pela editora Ariel, que lançou, em 1933, *Doidinho* (SOARES, 2006). De 1934 em diante, a *José Olympio* publicaria todos os romances do escritor.

O romance *Menino de engenho* foi ainda lançado por uma terceira editora. Depois de 50 anos na *José Olympio*, foi publicado pela editora Nova Fronteira entre 1984 e 1988; após esse período, voltou a ser editado pela *José Olympio* (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2002).

A Adersen-Editores era, segundo Hallewell (1985, p. 353), "uma das novas editoras surgidas graças às novas oportunidades criadas pela revolução de 1930". Fundada em 1931, a editora tinha publicado *Poemas escolhidos* de Jorge de Lima e propunha a José Lins uma edição de 2.000 exemplares para *Menino de engenho*. Ainda segundo Hallewell (1985), o livro chamou a atenção do escritor e editor Gastão Cruls, que publicou no *Boletim de Ariel* (revista literária da editora Ariel) um comentário favorável à obra e ao novo escritor. Juntaram-se a ele os críticos João Ribeiro e Augusto Frederico Schmidt, que elogiaram o romance e, como resultado das críticas, em três meses *Menino de engenho* encontrava-se esgotado.

A editora Ariel, criada pelos escritores Gastão Cruls e Agripino Grieco, além de publicar livros, também publicava a revista literária *Boletim de Ariel*, que contribuía tanto como fonte de renda como na divulgação das obras publicadas (HALLEWELL, 1985). A Ariel publicaria *Doidinho*, em 1933, com uma tiragem aproximadamente igual a de *Menino de engenho* pela Adersen-Editores, segundo Hallewell. Dentre os autores que a Ariel publicou, estavam Jorge Amado, Raul Bopp e Graciliano Ramos.

Hallewell (1985, p. 346) atribui a José Olympio o declínio da editora Ariel:

> O declínio da Ariel data de 1934, ano em que José Olympio transferiu-se de São Paulo para o Rio de Janeiro. Parece não haver dúvida de que a Ariel não estava à altura de competir com o jovem paulista que rapidamente se tornou o editor literário mais importante do Brasil e o nome mais prestigioso no negócio livreiro do país.

A Ariel encerraria suas atividades em 1939, tendo o seu estoque sido adquirido pela Civilização Brasileira (HALLEWELL, 1985).

3.2.1 A LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

A *José Olympio*, editora que publicou o terceiro romance de José Lins do Rego (*Banguê*, 1934) e reeditou *Menino de engenho*, foi criada em 1931 em São Paulo; em 1934, transferiu-se para o Rio de Janeiro. O editor José Olympio telegrafou ao autor oferecendo-se para publicar uma segunda edição de *Menino de engenho* de 5.000 exemplares e uma edição de 10.000 exemplares de *Banguê* (HALLEWELL, 1985). Se a tiragem para um autor novo era, normalmente, de 1.000 exemplares, José Lins estreou em uma de 2.000 exemplares, manteve o número na segunda obra e, para a publicação do terceiro romance e uma reedição do primeiro, as tiragens oferecidas por José Olympio eram muito altas para as impressões da época. José Lins comunicou a Gastão Cruls a proposta de José Olympio, afirmando que, em igualdade de condições, ele teria a preferência na publicação. Os dois romances saíram em 23 de junho de 1934, com capas do pintor pernambucano Cícero Dias, pela *José Olympio* (HALLEWELL, 1985).

A *José Olympio*, segundo Soares (2006, p. 11), "marcou época na literatura brasileira e também no tratamento gráfico dado às edições, com capas, ilustrações e vinhetas encomendadas a grandes artistas plásticos brasileiros". Entre os autores que a *José Olympio* publicou nesse período, estão: Jorge Amado, Amando Fontes, Gilberto

Freyre, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Américo de Almeida e Sérgio Buarque de Holanda (HALLEWELL, 1985).

Em 1935, José Lins mudou-se para o Rio de Janeiro, onde assumiu a função de agente fiscal do imposto de consumo (o mesmo cargo que exerceu em Maceió, em 1933), a transferência oficial ocorreu em 1938 através de um decreto de Getúlio Vargas (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a). Ao trocar Maceió pelo Rio de Janeiro, José Lins do Rego passou a comparecer diariamente à Livraria *José Olympio*, assim como Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz (SOARES, 2006). No Rio de Janeiro, conviveu com Manuel Bandeira, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Prudente de Moraes Neto, Sérgio Buarque de Holanda, Augusto Frederico Schmidt, Octávio Tarquínio de Souza, Ruy Coutinho, entre outros nomes da história cultural (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a, p. 23). Em 1939, segundo Hallewell (1985, p. 359), "todos os prêmios literários oferecidos no Brasil, que não fossem ligados a uma editora, foram conquistados por autores da *José Olympio*".

Em depoimento publicado na Tribuna dos Livros em 1957, o editor José Olympio (*apud* FIGUEIREDO JÚNIOR, 2002), afirma que "José Lins do Rego é a história da minha livraria editora". A sua relação com o editor não se restringiu à esfera profissional, ambos tendo-se tornado grandes amigos. José Lins, ao falar de José Olympio, afirma que ele "é o amigo de todos os instantes e em todas as horas, em todas as circunstâncias" (HALLEWELL, 1985, p. 363).

De 1932 a 1939, José Lins do Rego publicaria um romance por ano (QUADRO 3).

Quadro 3 - Romances de José Lins do Rego publicados por ano

ROMANCE	ANO DA PUBLICAÇÃO	EDITORA
Menino de engenho	1932	Adersen-Editores
Doidinho	1933	Ariel
Banguê	1934	José Olympio
O moleque Ricardo	1935	José Olympio
Usina	1936	José Olympio
Pureza	1937	José Olympio
Pedra bonita	1938	José Olympio
Riacho Doce	1939	José Olympio
Água-mãe	1941	José Olympio
Fogo morto	1943	José Olympio
Eurídice	1947	José Olympio
Cangaceiros	1953	José Olympio

A editora foi integrada ao Grupo Record em 2001 e, com o seu selo preservado, publica novas edições das obras de José Lins do Rego até os dias de hoje. Em 2012, com os 80 anos da publicação da obra, a editora lançou a 104ª edição de *Menino de engenho*. Além dos romances, outras obras do autor também seriam publicadas pela *José Olympio*. No gênero infantil, *Histórias da velha Totônia* (1936); no gênero biografia/memórias, *Meus verdes anos* (1956); no gênero ensaio, *O cravo de Mozart é eterno* (2004), e no gênero contos/crônicas, *Flamengo é puro amor* (2002) e *Ligeiros traços: escritos da juventude* (2007).

3.3 JOSÉ LINS E SUAS RELAÇÕES NO EXTERIOR: INTERMEDIÁRIOS E TRADUÇÕES

O estudo das relações de José Lins do Rego no exterior está alicerçado nas informações sobre as traduções das suas obras, nas correspondências passivas e nas viagens realizadas pelo autor.

Nas correspondências endereçadas ao escritor foi possível encontrar registros sobre as traduções das obras do autor no exterior. Entre elas, identificamos traduções que foram publicadas e outras negociações que não se concretizaram, mas que revelam

o interesse de diferentes intermediários em traduzir a obra do paraibano, elucidando, por vezes, a origem desse interesse.

No levantamento que fizemos das obras traduzidas (TABELA 1), é possível verificar o ano e o lugar onde a tradução foi publicada, o título da obra e o ano de sua publicação no Brasil. Para esse levantamento, consultamos as informações da editora *José Olympio* presentes na edição de 2012 de *Menino de engenho*, as informações publicadas no site da *Enciclopédia Itaú Cultural*[79], e as informações constantes no banco de dados da Unesco, *Index Translationum*[80]. No caso de divergência de informação sobre a data de publicação e/ou quanto ao nome do tradutor, optamos por utilizar a informação apresentada pela editora *José Olympio*. Com efeito, o autor começa a ser publicado pela editora em 1934 e a primeira tradução consta de 1938, de forma que a *José Olympio* sem dúvida participou das negociações de tradução e, por isso, suas informações devem ser mais precisas. No levantamento, encontramos também informações de obras traduzidas que não são mencionadas na lista apresentada na edição da *José Olympio* de 2012 (*Fogo morto*, Rússia/1966; *O moleque Ricardo*, Romênia/1966; *Menino de engenho*, Suécia/1990; *Menino de engenho*, Japão/2000). Cada divergência de informação vem acompanhada de uma nota explicativa.

Tabela 1 - Obras de José Lins do Rego traduzidas por ano

	ANO DE TRADUÇÃO	LUGAR DE TRADUÇÃO	OBRA	ANO DE PUBLICAÇÃO (BRASIL)
1º	1937[1]	URSS	O moleque Ricardo	1935
2º	1938	URSS	O moleque Ricardo	1935
3º	1946	Argentina	Menino de engenho	1932
	1946	Argentina	Banguê	1934
4º	1947	Argentina	Fogo morto	1943
	1947	Argentina	Pedra bonita	1938
5º	1950	Inglaterra	Pureza	1937
6º	1953	Alemanha (vol.)[2]	Menino de engenho	1932
			Banguê	1934

[79] Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5630/jose-lins-do-rego>.
[80] Disponível em: <http://migre.me/urEiC>.

			O moleque Ricardo	1935
	1953	França	Menino de engenho	1932
7º	1956	França	Cangaceiros	1953
	1956	Itália	Fogo morto	1943
8º	1957	Espanha	Cangaceiros	1953
9º	1958	Alemanha	Cangaceiros	1953
10º	1960	URSS	Cangaceiros	1953
11º	1966	EUA (vol.)[2]	Menino de engenho	1932
			Banguê	1934
			Doidinho	1933
	1966	Romênia[3]	O moleque Ricardo	1935
	1966	URSS[3]	Fogo morto	1943
12º	1972	Coreia	Menino de engenho	1932
13º	1974	Itália (vol.)[2]	Menino de engenho	1932
			O moleque Ricardo	1935
14º	1978	Coreia[4]	Menino de engenho	1932
15º	1990	Suécia[5]	Menino de engenho	1932
16º	2000	Espanha	Menino de engenho	1932
	2000	Japão[6]	Menino de engenho	1932
17º	2013	França	Menino de engenho	1932
18º	2015	Colômbia[7]	Menino de engenho	1932

[1] De acordo com a Enciclopédia Itaú Cultural, a primeira tradução russa do romance *O moleque Ricardo* na então União Soviética (URSS) é publicada em 1937. No ano seguinte, a URSS teria publicado outra tradução do mesmo romance, pela mesma editora e assinada por um tradutor diferente (ANEXO E). A informação de duas traduções para o russo com apenas um ano de intervalo provoca certa estranheza, pois revela-se como uma prática pouco provável no meio editorial. Ao entrar em contato por e-mail com a Enciclopédia Itaú Cultural, a fim de obter esclarecimento, recebemos uma resposta, em 18 de março de 2016, de que a publicação de 1938 seria uma segunda edição do romance, sendo a primeira, de 1937, uma publicação em um compêndio ou uma revista. A mesma resposta informa, ainda, que há dúvidas quanto à informação de tradutores distintos – a divergência quanto ao nome do tradutor podendo indicar que as apresentações das duas obras são assinadas por pessoas diferentes.

[2] Publicado em volume único.

[3] A informação sobre as traduções de *Fogo mort*o (URSS) e *O moleque Ricardo* (Romênia) em 1966 constam no *site* da *Enciclopédia Itaú Cultural*.

[4] A informação constante do banco de dados do *Index Translationum* apresenta uma tradução de *Menino de engenho* na Coreia no ano de 1978. Porém, por se tratar da mesma editora, acreditamos que seja a mesma tradução e que essa publicação de 1978 seja a segunda edição da tradução de 1972.

[5] A informação sobre a tradução de *Menino de engenho* na Suécia em 1990 consta tanto na *Enciclopédia Itaú Cultural* como no *Index Translationum*.

[6] A informação sobre a tradução de *Menino de engenho* no Japão em 2000 consta no site do *Index Translationum*.

[7] A informação sobre a tradução de *Menino de engenho* na Colômbia em 2015 consta no banco de dados das obras que receberam bolsa para tradução pela Fundação Biblioteca Nacional. Confirmamos a informação da publicação no *site* da Biblioteca Nacional da Colômbia.

A produção literária de José Lins começa a ser publicada no exterior no fim dos anos 30. Em 1938, a obra *O moleque Ricardo* (1935) é traduzida para o russo. Quanto à razão de os soviéticos traduzirem uma obra de José Lins, Hollanda (2012, p. 202) afirma:

> Não seria difícil aventar a hipótese de que o teor político, presente e explícito no livro, poderia ser a chave decifradora. *O moleque Ricardo* retrata o ambiente de Recife no final da década de 1910, em ebulição por causa das nascentes greves operárias na cidade, com personagens reais de sua época.

Referindo-se ainda a José Lins do Rego, Hollanda (2012, p. 204) afirma que "o conteúdo dos seus romances, com temática social, ajuda a explicar suas publicações na União Soviética de então". Além de *O moleque Ricardo*, a tradução de *Cangaceiros* (em 1960) e de *Fogo morto* (em 1966) corrobora a hipótese do estudioso, tendo em vista que são, igualmente, dois romances com uma temática social.

Em 1940, José Lins iniciou sua colaboração em *O Globo* e no *Diários Associados* no Rio de Janeiro (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a). Nesse mesmo ano, em que não há publicação de romance, José Lins do Rego assina a tradução de *A vida de Eleonora Duse*, de E. A. Rheinhardt, publicado pela *José Olympio*. O título encontra-se inserido na coleção *O romance da vida*, que compreende obras biográficas e memorialísticas. No ano seguinte, publica o romance *Água-mãe*, que recebe o Prêmio da Sociedade Felipe d'Oliveira, sociedade literária no Rio de Janeiro.

No ano seguinte, José Lins recebe uma correspondência vinda de Santiago (Chile), datada em 6 de setembro de 1941, em papel com cabeçalho da Editora *Zig-Zag* e assinada pelo “Director del Depto. Editorial” – a assinatura não permite identificar o nome do remetente (ANEXO F). Na carta, o diretor refere-se a uma correspondência anterior datada de 15 de fevereiro, na qual enviara um rascunho de contrato para que o autor devolvesse assinado, acrescentando que "achamos muito estranho que você ainda não nos tenha dado nenhuma resposta a esta carta"[81].

O editor segue afirmando que, por confiar que o autor estava de acordo com os termos do primeiro rascunho de contrato enviado em 7 de novembro de 1940, e

[81] No original: "nos extraña sobremanera que Ud. no nos haya dado todavía ninguna respuesta a esta carta." (Tradução nossa, assim como as demais traduções do espanhol daqui por diante, salvo indicação).

conforme o desejo do autor, tinha encomendado a tradução ao escritor argentino Bernardo Kordon e que, em consideração a Kordon, pede a José Lins que responda o mais rápido possível, pois, acrescenta ele, aparentemente, a tradução já está pronta e o pagamento não pode ser feito sem que o contrato com os direitos da obra esteja em mãos. Segundo a lista de obras traduzidas do autor (TABELA 1), não há nenhuma tradução publicada no Chile, o que nos leva a concluir que essa negociação de tradução não se efetivou. A partir desta correspondência, podemos inferir também que Bernardo Kordon era amigo de José Lins, pois o autor indica o escritor argentino para traduzir uma edição chilena.

Um ano depois, o autor recebe uma correspondência do próprio tradutor Bernardo Kordon, datada de 9 de janeiro de 1942, enviada de Buenos Aires (ANEXO G). O argentino saúda o paraibano de maneira informal e afetuosa: "Meu querido amigo José Lins do Rego"[82]. Kordon afirma que "já faz um par de meses que a tradução de *Pedra Bonita* está em poder da *Zig-Zag*. Asseguraram-me que será impresso dentro de pouco tempo"[83]. O remetente informa que o assessor literário da editora *Zig-Zag* (Armando Bazán, escritor peruano) leu a tradução e comentou com ele que "nunca havia lido um romance na América Latina com a força de *Pedra Bonita*"[84].

Ainda nessa correspondência, Bernardo Kordon afirma ter conversado com um editor que é muito amigo dele, o senhor Gregorio Schuartz, e que ele tinha interesse em publicar o "ciclo da cana-de-açúcar". Kordon apresenta as condições de direitos autorais e afirma, a respeito de Schuartz, que "se trata de um editor jovem, intelectual, entusiasta e sério, que garantiria uma excelente edição"[85]. Quanto a ele, relata: "meu entusiasmo para verter para o espanhol os cinco romances do ‘ciclo’ é tal, que já estou trabalhando em 'Menino de Engenho'"[86]. Por fim, Kordon afirma que espera resposta do autor aceitando as condições já descritas para a edição do ciclo.

A partir dessas duas correspondências, sabemos que havia uma relação de amizade entre José Lins e Bernardo Kordon. Podemos inferir também que a obra que a editora *Zig-Zag* afirma já estar traduzida por Kordon (ANEXO G, tratado acima) é

---

[82] No original: "Mi querido amigo José Lins do Rego"
[83] No original: "Hace ya un par de meses que la traducción de Piedra Bonita está en poder de Zig-Zag. Me han asegurado que será impreso dentro de poco tiempo."
[84] No original: "nunca había leído una novela en América Latina de la fuerza de Piedra Bonita."
[85] No original: "Se trata de un editor jóven, intelectual, entusiasta y serio, que garantizaría una excelente edición."
[86] No original : "Mi entusiasmo para vertir al castellano las cinco novelas del "Ciclo" es tal, que ya estoy trabajando en "Menino de Engenho".

Pedra bonita; a correspondência da editora (setembro de 1941) é anterior à de Kordon (janeiro de 1942), e Kordon afirma que já faz alguns meses que a tradução de *Pedra bonita* está com a editora. No entanto, a tradução de *Pedra bonita* em espanhol é publicada somente em 1947, por outra editora, a *Santiago Rueda* (Buenos Aires), e com tradução de Raúl Navarro. Nos documentos a que tivemos acesso e nos livros que tratam do autor e de suas traduções, não encontramos informação que explicasse o que ocorreu com essa negociação.

No ano seguinte, José Lins recebeu uma carta da *Emecé Editores*, de Buenos Aires, datada em 10 de março de 1943, assinada pelo "Director Gerente" (ANEXO H). Na carta, o diretor refere-se a “Lydia Besouchet de Freitas” como tendo intermediado o contato entre a editora e o autor. Lídia Besouchet de Freitas foi uma escritora brasileira exilada em Buenos Aires na década de 1930 e, segundo Rangel (2012, p. 1), foi durante esse período que ela,

> [i]ntensificou e aprimorou seu talento literário e pôde participar ativamente das trocas intelectuais promovidas pela importante circulação de artistas e demais interlocutores que movimentaram o cenário da cidade de Buenos Aires nos anos 1930 até meados de 1940, intercambiando propostas culturais, políticas e mesmo identitárias entre o Brasil, a Argentina e outras partes do mundo.

O diretor afirma: "Nossa distinta amiga, a senhora Lydia Besouchet de Freitas, nos brinda com a oportunidade de entrar em relações diretas com você"[87]. O remetente relata o propósito de editar várias das principais obras de autores brasileiros na coleção "*Nave de América*", dirigida pelo escritor argentino Eduardo Mallea. A obra em interesse para publicação é *Menino de engenho*, e o diretor pede que José Lins responda concedendo os direitos para uma tradução exclusiva em espanhol; ainda informa que a primeira edição constará de 2.500 a 3.000 exemplares.

Em 1944, José Lins visitou o Uruguai e a Argentina e pronunciou conferências sobre a literatura brasileira, publicadas na forma de livros em 1946 (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a). Essas conferências foram resultado de uma missão cultural encomendada pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil em 1943 (SORÁ, 2002). Em 1945, ainda colaborando com artigos para jornais, José Lins iniciou-se como cronista esportivo na seção *Esporte e vida* do *Jornal dos Sports* do Rio de Janeiro (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a).

---

[87] No original: "Nuestra distinguida amiga la señora Lydia Besouchet de Freitas nos brinda la oportunidad de entrar en relaciones directas con V."

É também nesse mesmo ano que o autor recebe uma correspondência vinda da Argentina, datada de 9 de janeiro de 1945 e assinada pelo mesmo Eduardo Mallea, escritor argentino e diretor da coleção *Nave de América* (citada acima)[88] (ANEXO I; APÊNDICE B). Ele saúda o brasileiro: "Querido e admirado José Lins"[89], e afirma que Lidia comentou com ele sobre a proposta feita a José Lins para traduzir o seu romance *Todo verdor* (*Todo verdor perecerá*, 1943). O argentino se revela honrado:

> Você não sabe o quanto me alegra e me honra a ideia de que você vai traduzir e prefaciar um livro meu: trata-se de um sentimento do tipo que a gente entende pouco e somente alguns romancistas podem contar, uma alegria infantil e repleta de ingênuo e desenfreado orgulho.[90]

O remetente comenta que leu *Fogo morto* e *Banguê* na versão de Navarro. Despede-se e assina "Eduardo Mallea", não sem antes adicionar a seguinte informação:

> Acabo de dar o seu nome para um excelente crítico italiano para que comente sua obra em Roma. Ele lhe escreverá. Naturalmente, o conhecia; mas ignorava o caráter cíclico da sua obra, sua sinfonia temática, a meu ver tão importante.[91]

Os romances que o escritor Mallea comenta na correspondência são, de fato, traduzidos para o espanhol por Raúl Navarro e publicados na Argentina. Nas fontes em que pesquisamos, a única informação de obra traduzida por José Lins é *A vida de Eleonora Duse*, de E. A. Rheinhardt, publicada pela José Olympio. No entanto, em uma edição brasileira (publicada em 1949)[92] de *Todo verdor perecerá*, consta que a obra foi traduzida por José Lins do Rego e Henrique de Carvalho Simas.

A afirmação de que deu o nome do escritor para um "excelente crítico italiano", para que esse comentasse a obra do paraibano em Roma, revela que as relações do

---

[88] Em "Correspondência passiva de José Lins do Rego", artigo que integra o catálogo *Retalhos de amizades* (LIMA et al., 1995), Lauro Meller data essa carta de 9 de fevereiro de 1945, e identifica o remetente como "um certo Eduardo" (MELLER, 1995, p. 22). Em nosso estudo da correspondência passiva de José Lins, pudemos identificar que o documento é datado de janeiro e, através da assinatura e do cruzamento de informações que se trata de Eduardo Mallea, citado em outra carta (as correspondências são provenientes da Argentina, fazem referências a Lídia Besouchet e menciona os romances de José Lins que foram traduzidos por Navarro).

[89] No original: "Querido y admirado José Lins".

[90] No original: "No sabe usted cuánto me alegra y me honra la idea de que usted va a traducir y prologar un libro mío: se trata de un sentimiento del tipo de los que la gente entiende poco y sólo algunos novelistas pueden contar, una alegría infantil, muy llena de ingenuo y desenfrenado orgullo."

[91] No original: "Acabo de dar su nombre a un excelente crítico italiano para que comente su obra en Roma. Él le escribirá. Naturalmente, lo conocía; pero ignoraba el carácter cíclico de su obra, su sinfonía temática, a mi juicio tan importante."

[92] A obra foi publicada originalmente em 1941. A edição brasileira com data mais antiga que encontramos foi publicada 1949; no entanto, não podemos afirmar que se trata da primeira edição.

brasileiro vão além dos intermediários imediatos (ou seja, com quem o autor mantém contato direto, como o remetente Eduardo Mallea), abrangendo relações indiretas (por exemplo, o crítico italiano conhece José Lins através de Eduardo Mallea).

Na Itália, as publicações de obras de José Lins do Rego datam de 1956 (*Fogo morto*) e de 1974 (*Menino de engenho* e *O moleque Ricardo*). Porém, não há informação se essas traduções aconteceram por intermédio do crítico literário que Mallea cita na correspondência.

Os romances que foram traduzidos na Argentina são: *Menino de engenho* em 1946; *Banguê* em 1946; *Fogo morto* em 1947 e *Pedra bonita* em 1947 (TABELA 1). *Menino de engenho* e *Banguê* são publicados pela editora *Emecé*, e *Menino de engenho* foi, de fato, publicado na coleção *Nave de América* como pretendido e revelado na correspondência pelo diretor da *Emecé*; já *Fogo morto* e *Pedra bonita* são publicados pela *Santiago Rueda*. Todos esses romances são traduzidos para o espanhol por Raúl Navarro, que, segundo Sorá (2002), foi um dos introdutores da literatura brasileira na Argentina, traduzindo, principalmente, Jorge Amado e José Lins do Rego.

No caso das traduções na Argentina, podemos afirmar que a correspondência da editora *Emecé* e as conferências pronunciadas pelo autor na viagem realizada em missão cultural em 1944 foram determinantes para a publicação não só de *Menino de engenho* (o romance tratado na correspondência), mas também para as de *Banguê*, *Fogo morto* e *Pedra bonita*.

No ano de 1946, José Lins recebeu uma carta da "*Agencia Literaria Dona Carlota*" (ANEXO J), datada em 8 de julho de 1946, assinada por João H. Rosenfeld e enviada do Rio de Janeiro. O cabeçalho dessa correspondência informa que a agência possui representantes de autores e editores em Nova Iorque, Londres, Paris e Buenos Aires. No corpo da correspondência, Rosenfeld afirma que "ficaria imensamente grato se V. S. me mandasse uma lista das suas obras que ainda estão disponíveis para edições estrangeiras e que considera especialmente aptos (sic) para este fim". Continua afirmando que gostaria de fazer uma tentativa nos seguintes países, nos quais, segundo o remetente, "estamos bem representados: Estados Unidos, Argentina, França, Suissa, Estados Escandinavos (Suecia, Noruega, Dinamarca e Finlandia), Czechoslovakia"[93]. João H. Rosenfeld relata que tem pedidos desses países para oferecer obras primas da literatura brasileira e solicita ao autor: "Queira marcar na lista de suas obras o paiz para

[93] Mantivemos a ortografia como consta na correspondência.

o qual os direitos ainda estão livres"[94]. Além das questões de direitos para tradução, Rosenfeld afirma ter enviado *Pureza* a Buenos Aires e ter chamado a atenção "para o seu novo romance *Cerca Viva*". No entanto, não se tem conhecimento de obra do autor com esse título. Meller (1995, p. 24) questiona: "teria essa obra sido esquecida na gaveta?". A nosso ver, provavelmente se trata de um título provisório do romance *Eurídice*, publicado em 1947, já que esse é o romance posterior a *Pureza*; portanto, o mais novo romance do autor.

Antes dessa correspondência, a única tradução era a russa, em 1938, da obra *O moleque Ricardo* (1935). Em 1946, ano da correspondência, duas obras do autor são publicadas na Argentina, *Menino de engenho* (1932) e *Banguê* (1934) pela editora *Emecé* e, em 1947, também na Argentina publicam-se *Fogo morto* (1943) e *Pedra bonita* (1938), porém por outra editora, a *Santiago Rueda*. A correspondência da Agência Literária Dona Carlota pode ter influenciado nas tradução de 1947 pela editora *Santiago Rueda*. No caso das publicações pela *Emecé*, o mais provável é que as negociações sejam resultado das correspondências entre editor e autor.

Em 1947, o romance *Eurídice* é publicado no Brasil e recebe o Prêmio Fábio Prado, terceiro prêmio que José Lins recebe por romance.

Nesse mesmo ano, José Lins recebe uma correspondência de Ruth Woodward vinda dos Estados Unidos, datada em 26 de março de 1947 (ANEXO K). Nessa correspondência, escrita em português, Ruth comenta o envio de uma carta anterior juntamente com "duas cartas dos agentes". Em seguida, a remetente afirma: "Agora lhe mando outra negativa do agente Sydney Sanders. Mas, patiença! A cousa curiosa e que os affiliados de Sanders na Grã Bretanha, John Farquharson, escrevem-me o seguinte"[95] e transcreve a mensagem de Innes Rose:

> O roteiro de Pedra Bonita veio a mim algum tempo atrás, e estou a disponibilizá-lo. Por enquanto, não tenho quaisquer informações sobre o autor sul-americano, e seria de grande valia para mim se pudesses falar-me algo a respeito dele. Ademais, como acho que falei-te quando nos encontramos, acho que seria sábio que viesses a providenciar uma carta dele autorizando-me a cuidar desta tradução juntamente em vossos nomes, também especificando qual será, caso haja, a divisão de rendimentos. O método mais simples seria provavelmente o Senhor do Rego autorizar-me a realizar todos os pagamentos a ti, menos minha

[94] Mantivemos a ortografia como consta na correspondência.
[95] Mantivemos a ortografia como consta na correspondência.

> comissão, e em seguida acertarias com ele. Esta decisão fica por vossa conta.[96]

Através dessa correspondência, podemos supor que Ruth Woodward seria uma amiga de José Lins e que teria desempenhado o papel de agente literária junto a outros agentes. As tentativas feitas nos Estados Unidos não se concretizam, Ruth Woodward recebe negativas dos agentes americanos; porém, em nome da editora John Farquharson, da Inglaterra, o senhor Innes Rose estabelece contato e demonstra interesse em publicar a tradução de *Pedra bonita*. Como é possível observar na Tabela 1, houve de fato a tradução de *Pedra bonita* na Inglaterra em 1950[97].

De 1949 a 1952, segundo Figueiredo Júnior (2001a, p. 31), José Lins "escreveu crônicas para vários jornais, fez viagens à Europa, uma das quais a convite do governo francês para participar do Congresso pela Liberdade da Cultura". Além das afirmações do estudioso, buscamos correspondências desse período que revele a sua presença no exterior e, principalmente, na França.

Em 1952, José Lins recebeu uma carta proveniente de Paris, datada em 17 de abril de 1952, e assinada por P. Boloney (ANEXO L). O papel personalizado tem como cabeçalho: *L'œuvre du XXe siècle, Exposition Internationale des Arts, Sous les auspices du Congrès pour la Liberté de la Culture* e, à esquerda, duas listas com os nomes dos Presidentes de honra e dos membros do Comitê de Direção.

Nessa carta, P. Boloney, tesoureiro do evento, refere-se a uma troca de correspondências anteriores entre o autor e o *Comité de Direction*. Boloney apresenta, então, as condições garantidas pelo *Congrès pour la Liberté de la Culture* por ocasião da ida de José Lins a Paris.

O tesoureiro também trata das questões da viagem (passagem, ajuda de custo) e sobre as apresentações musicais da *Exposition Internationale des Arts*. Pede que o escritor reenvie o questionário anexo com os detalhes de sua chegada a Paris, indicando se deseja que seja feita uma reserva de hotel. Fornece mais informações e se despede.

---

[96] No original : "The script of PEDRA BONITA came to hand a little while back, and I am offering it. Meantime I do not seem to have any notes about the South American author, and it would therefore be a great help to me if you could tell me something about him. Also, as I think I told you when we met, I think it would be wise for you to let me have a letter from him authorising me to handle this translation on your joint behalf, and also laying down what the division of the proceeds, if any, is going to be. The simplest way would probably be for Senhor do Rego to authorize me to make all payments less my commission to you, and for you to settle up with him. However, it is for you to decide" (Tradução do inglês gentilmente cedida por Rodolfo Figueiredo Salgueiro).

[97] A *Enciclopédia Itaú Cultural*, no entanto, apresenta como prováveis datas de publicação da tradução inglesa os anos “1947/1948”.

Através dessa correspondência podemos inferir que o autor já teria dado uma resposta positiva ao convite, tendo em vista que o remetente se refere à troca de correspondências anteriores e revela as condições de viagem. Essa viagem, que teria ocorrido por volta de 15 de maio, provavelmente não influenciou na primeira tradução francesa de *Menino de engenho*, uma vez que, alguns meses depois (agosto e setembro de 1952), o autor recebe correspondências que tratam do andamento da tradução (diferente de um primeiro contato sobre tradução) e que no ano seguinte a tradução é publicada.

No mesmo ano, o autor recebe uma carta vinda de Lisboa, datada em 21 de julho de 1952, com a assinatura do remetente, porém o nome não pode ser identificado (ANEXO M). O papel personalizado informa que a carta provém da editora *Livros do Brasil*.

No cabeçalho constam informações da editora e, no corpo da correspondência, o remetente lamenta não ter dado um abraço de despedida antes da partida do autor. Afirma esperar o original de *Cangaceiros*, assegurando já ter programado o seu lançamento. É provável que o remetente seja o editor português de José Lins. Hallewell (1985, p. 280) relata sobre a criação da *Livros do Brasil*, afirmando que o editor brasileiro Octalles Marcondes Ferreira teria vendido a filial da editora Civilização Brasileira de Lisboa ao seu gerente português, e que "em 1944, revendeu-a a um patrício, António A. de Sousa Pinto, que trocou o nome Civilização Brasileira por Livros do Brasil". Confirmando a informação de Hallewell, a página da editora[98] na *internet* traz a seguinte informação:

> Fundada em 1944 com o objetivo de divulgar as grandes obras da literatura clássica e contemporânea brasileira e muitos dos mais conhecidos e celebrados autores da literatura universal, a Livros do Brasil tornou-se, ao longo dos anos, num dos mais importantes selos editoriais portugueses.

Com isso, podemos supor que António A. de Sousa Pinto estaria à frente da editora, pois o ano que consta como sendo de fundação da *Livros do Brasil* e a informação sobre a venda da Civilização Brasileira, posteriormente *Livros do Brasil*, para o português coincidem. Outra informação que confirma que António A. de Sousa Pinto era o editor está presente em um estudo de Maria Aparecida Ribeiro sobre o impasse entre Rachel de Queiroz e a *Livros do Brasil*. A autora não permitia alterações

[98] Disponível em: <http://www.livrosdobrasil.pt/>.

em seu texto e a editora portuguesa modificava o português dos romances vindos do Brasil para o português de Portugal. Nesse estudo, Ribeiro (2013, p. 13) afirma que Rachel de Queiroz, em uma crônica em 22 de agosto de 1959, voltava a tratar do problema da sua língua literária, "quatro anos depois de haver respondido à carta de António de Sousa Pinto, o editor português que lhe propunha publicar a sua obra com pequenas alterações de vocabulário e sintaxe".

Dessas informações concluímos que, ao menos até 1955, António de Sousa Pinto era o editor português da *Livros do Brasil* e, provavelmente, é o remetente da correspondência enviada a José Lins do Rego.

José Lins do Rego teve todos os seus romances publicados pela *Livros do Brasil*, na *Colecção Livros do Brasil*; porém, nas fontes que consultamos no âmbito desta pesquisa, não foi possível identificar o ano das publicações. Na edição a que tivemos acesso, consta a informação de que os romances *Menino de engenho* e *Doidinho* foram publicados juntos em um único volume. A partir disso, é possível verificar que as edições portuguesas não trazem o ano da publicação. Podemos afirmar que, de fato, a *Livros do Brasil* modificava o português para Portugal, como é possível verificar em um trecho do primeiro capítulo de *Menino de engenho* (QUADRO 4):

Quadro 4 - Trecho de *Menino de engenho* publicado no Brasil e em Portugal

***Menino de engenho* (José Olympio, 2012)**	***Menino de engenho* (Livros do Brasil, s/d)**
"A gente toda que estava ali olhava para o quadro como se estivesse em um espetáculo."	"A gente toda que estava ali olhava para o quadro como se estivesse **a assistir a** um espetáculo.

Alguns meses depois, José Lins recebe uma correspondência vinda da França, datada em 22 de agosto de 1952 e assinada por J. W. Reims. Trata-se da tradutora de *Menino de engenho*, Jeanne Worms-Reims (aprofundaremos o estudo dessa correspondência mais adiante). Nessa carta, J. W. Reims afirma não ter dado notícias desde a partida do autor – confirmando que José Lins do Rego esteve na França, provavelmente a viagem a convite do governo francês para participar do *Congrès pour la Liberté de la Culture* em maio de 1952.

No mês seguinte, o autor recebe uma correspondência vinda da Alemanha (Blankenese, Hamburgo), datada em 1º de setembro de 1952 e assinada por Elfriede Kaut (ANEXO N). Na correspondência, escrita em português, a remetente saúda o

escritor: "Prezado snr. Lins do Rego". Ela afirma "[r]ecebi sua carta de 23 de agosto e fiquei muito satisfeita. Agradeço-lhe especialmente o seu passo junto ao snr. ministro Mário Guimarães e mais os outros favores quanto à tradução dos seus livros que me concedeu". Acrescenta ter lido *Eurídice* e já ter traduzido trechos compridos para alguns amigos lerem, pois o achou interessantíssimo. Informa o interesse em receber *Fogo morto*. A correspondência termina com a seguinte afirmação: "Soube hoje que 'O ciclo' foi vendido para a Holanda, onde vae ser impresso. Logo que tenha noticias novas, vou lhe escrever"[99].

A remetente associa o "ministro Mário Guimarães" ao processo de tradução na Alemanha. Em 1953, *Santa Rosa* é publicado na Alemanha; trata-se de um volume único com os romances *Menino de engenho*, *Banguê* e *O moleque Ricardo*, e com tradução assinada por Elfriede Kaut. Não há informação de tradução holandesa de obras de José Lins do Rego e, pelo que consta na correspondência, parece-nos que a tradução de Elfriede Kaut também foi publicada na Holanda.

No mesmo mês, José Lins ainda recebe uma correspondência datada em 13 de setembro de 1952, vinda de Lisboa e assinada pelo escritor português José Osório de Oliveira (ANEXO O). O remetente saúda José Lins de modo informal: "Meu caro camarada". Nesta correspondência, José Osório afirma:

> Conversando com o importante editor de Barcelona: José Janés (proprietário de cinco editoriais), com o qual firmei um contrato para a tradução de um livro meu; conversando, ia eu dizer, da literatura brasileira e do pouco ou nada que era conhecida em Espanha, pediu-me êle que lhe indicasse romances brasileiros que pudesse lêr para verificar pessoalmente (trata-se de um editor culto, que é poeta e que lê o português) da possibilidade de os fazer traduzir, indiquei-lhe os seus romances (e só os seus) sem indicar a minha preferência, que vai para "Pedra Bonita" sem menos apreço por "Fôgo Morto" e tantos outros.[100]

O português encaminha o endereço do editor para que José Lins possa enviar os seus romances. Segundo José Osório, "o proveito material das traduções para o espanhol é pequeno, mas interessa sempre, moralmente, a divulgação noutras línguas". Declara a vontade de se mudar para o Brasil, mas que precisaria ganhar mais algum dinheiro para isso, e se propõe a ser correspondente de jornais portugueses e brasileiros.

---

[99] Mantivemos a ortografia como consta na correspondência.
[100] Mantivemos a ortografia como consta na correspondência.

Conclui a carta com a questão: "poderá ou quererá você intervir nesse sentido? Muito lhe agradecia o seu camarada muito admirador e amigo".

Novamente vemos uma relação indireta – o escritor português José Osório de Oliveira apresenta a um grande editor espanhol a obra de José Lins do Rego. Embora afirme que o pagamento dos direitos para tradução é pequeno, ele argumenta que ter as obras divulgadas em outras línguas é interessante, observação que nos remete ao processo de consagração da obra, discutido por Bourdieu.

A primeira obra de José Lins traduzida na Espanha é *Cangaceiros*, em 1957. O romance é publicado em Barcelona pela editora *Caralt*. Apesar de ser em Barcelona, a editora *Caralt* não era de José Janés, citado na correspondência, e sim de Luis de Caralt.

Em 1953, a França recebe a primeira tradução de uma obra de José Lins do Rego: *L'Enfant de la plantation* (*Menino de engenho*). O romance é publicado pela *Éditions des Deux Rives* e traduzido por J. W. Reims. Aprofundaremos o estudo dessa tradução e das correspondências referentes a ela no capítulo seguinte.

Em 1954, José Lins retorna à Europa acompanhado da mulher Philomena, visitando a Espanha, a Finlândia e a Inglaterra (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001a). Em 1955, eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), torna-se o quarto ocupante da Cadeira 25. No discurso de posse, o autor causou mal-estar ao abrir o seu discurso com as seguintes palavras:

> Aqui estou sem ter feito uma caminhada de aventuras. Não me pus na luta empenhando o que podia e o que não podia. A Academia não me foi uma idéia fixa, um posto a conquistar com todo o meu sangue. E nem vendi a alma ao demônio para obter a vossa imortalidade.

Além disso, dirigiu-se ao seu antecessor Ataulfo de Paiva como alguém menor dentre os eleitos da Academia, afirmando que ele: "Chegou ao Supremo Tribunal Federal sem ter sido um juiz sábio e à Academia Brasileira de Letras sem nunca ter gostado de um poema".

Figueiredo Júnior (2001b, p. 43) reproduz trecho de uma correspondência do pintor Cícero Dias, pernambucano e capista da *José Olympio*, em que ele comenta o polêmico discurso:

> Recebi o seu discurso sobre o Ataulpho. Já mostrei a Jeanine que adorou. V. fez do Ataulpho uma figura de romance carioca com habitos franceses, o que era comum aos frequentadores da Lalé, Cavé ou o Alvear, muitos Ataulphos passaram por lá. Grande discurso, o

> seu na Academia. Despido de coisas comuns, tão bom e melhor do que o do Cocteau na Academia em Paris.[101]

Cícero Dias fazia parte do movimento regionalista no Recife com Gilberto Freyre e José Lins. Manteve contato com José Lins na editora *José Olympio*, quando exerceu a função de capista, produziu as primeiras capas das obras do paraibano publicadas pela *José Olympio*. Em 1937, Cícero Dias foi morar na França onde se fixou definitivamente. Jeanine, a quem Cícero se refere, trata-se provavelmente da tradutora francesa de *Menino de engenho*, tradução publicada em 1953.

Em 1956, José Lins do Rego fez sua última viagem à Europa em missão cultural. Nos arquivos do Museu José Lins do Rego, encontra-se o passaporte concedido para essa viagem, o documento apresenta a lista dos países para os quais o passaporte era válido, são eles: França, Portugal, Espanha, Itália, Suíça, Grécia, Israel, Grã Bretanha, Alemanha e Países Baixos (ANEXO P).

No mesmo ano, dois romances são publicados no exterior: *Cangaceiros* é publicado na França, pela editora Plon e *Fogo morto* é publicado na Itália, pela *Fratelli Bocca Editori*. A viagem no ano em que duas obras são publicadas no exterior pode ter sido aproveitada para o lançamento dessas traduções, uma vez que viajou em missão cultural e que poderia estar divulgando a literatura brasileira (como fez na Argentina e no Uruguai) bem como divulgando as suas obras.

Em 12 de setembro de 1957, José Lins do Rego falece vítima de hepatopatia, decorrente de uma esquistossomose. No ano da morte do autor, *Cangaceiros* é publicado na Espanha e, em 1958, na Alemanha.

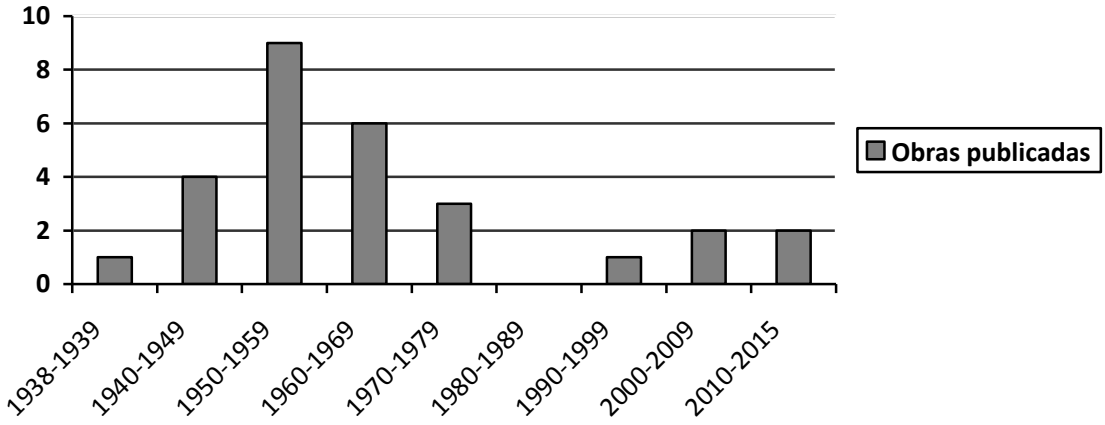
Como foi possível observar, José Lins mantinha relações com agentes, tradutores, editoras, entre outros intermediários, e viajou a fim de pronunciar conferências, participar de congresso e em missões culturais. As articulações do autor, através de correspondências ou de viagens, resultaram em publicações no exterior.

Se a presença e as relações do autor foram determinantes para as publicações no exterior, com a sua morte o número de traduções diminuiu. Com base nos dados presentes na Tabela 1, que mostra as obras traduzidas no exterior, procedemos a um levantamento das traduções por períodos (Gráfico 2), com o objetivo de perceber a evolução dessas traduções até os dias atuais.

---

[101] Mantivemos a ortografia como consta na correspondência.

Gráfico 2 - Número de traduções publicadas por período



Conforme o Gráfico 2, é possível observar que a década de 1950 apresenta o maior número de traduções, o que podemos atribuir às relações e às viagens de José Lins realizadas nos anos 1940 (Uruguai e Argentina) e 1950 (Europa). No período de 1960, o número de traduções começa a diminuir, tendência que se confirma na década seguinte. Em 1960, *Cangaceiros* é publicado na URSS e, em 1966, o volume reunindo *Menino de engenho*, *Banguê* e *Doidinho* é lançado nos Estados Unidos, *O moleque Ricardo* é lançado na Romênia, e *Fogo morto* na URSS. Na década de 1970, *Menino de engenho* é publicado na Coreia (1972), e o volume com *Menino de engenho* e *O moleque Ricardo* sai na Itália (1974). Nos anos 1980, constata-se a ausência de traduções de José Lins do Rego. Nos anos 1990, consta apenas uma tradução no exterior, correspondente à publicação na Suécia de *Menino de engenho*. Na década de 2000, *Menino de engenho* é traduzido na Espanha e no Japão. No período de 2010 a 2015, o mesmo romance é traduzido na França (2013) e na Colômbia (2015).

Em 2013, a França recebe a segunda tradução de *Menino de engenho*. O romance é publicado pela *Éditions Anacaona* e traduzido por Paula Anacaona. Aprofundaremos o estudo dessa tradução no capítulo seguinte.

No prefácio dessa edição francesa, há referência a dois outros romances de José Lins do Rego: *Cangaceiros* e *Fogo morto*. Nas duas citações aparecem os títulos em francês com o nome da editora e o ano de publicação: *La Horde sauvage* (Éditions Anacaona, 2013) e *Crépuscule* (Éditions Anacaona, 2013). No entanto, essas traduções ainda não vieram a público até fevereiro de 2016. A mais recente tradução de uma obra

de José Lins do Rego, de que tomamos conhecimento, foi de *Menino de engenho* na Colômbia, publicada em 2015.

Em 2016, ano em que *Menino de engenho* completa 84 anos de publicação, o romance alcançou a 107ª edição pela *José Olympio* em fevereiro, com uma média de mais de uma edição por ano no Brasil.

Como vimos anteriormente, na abordagem da transferência cultural proposta por Espagne (2012), o estudo dos caminhos da exportação recai sobre os contextos de produção e de recepção da obra, valorizando os intermediários e os impressos implicados nessas trocas.

Neste capítulo, a apresentação de elementos biográficos José Lins do Rego e da sua formação como escritor revelaram alguns intermediários que posteriormente estariam envolvidos tanto na produção como na divulgação de suas obras, a exemplo de Gilberto Freyre. Ao considerar a obra *Menino de engenho* e o período literário no qual o romance encontra-se inserido, reconstituímos o contexto de produção e de recepção da obra no Brasil, assim como identificamos os principais intermediários e autores em atividade, tais como a editora *José Olympio*, uma agência literária, e tradutores.

Por fim, o estudo de caráter geral sobre José Lins e suas relações no exterior, a partir do levantamento das traduções de suas obras, das correspondências recebidas pelo autor e das viagens que realizou, permitiu observar como os seus romances foram recebidos no exterior (principalmente como romance social), e evidenciar a importância e a contribuição dos intermediários para que sua obra fosse traduzida. Nesse sentido, ato bastante relevante é que o próprio autor revela-se como um importante intermediário da sua própria obra, por meio das viagens e das conferências que pronunciou em diferentes partes do mundo, ações estas que resultaram no aumento do número traduções de seus romances nos países visitados.

4 CONTEXTO, INTERMEDIÁRIOS E OPERAÇÕES SOCIAIS NAS TRADUÇÕES DE *MENINO DE ENGENHO*

Neste capítulo, aprofundaremos o estudo sobre as duas traduções francesas de *Menino de engenho* identificando as operações sociais implicadas em ambos os processos. Começaremos com uma breve introdução sobre os respectivos momentos históricos, a partir do contexto das obras brasileiras traduzidas no espaço literário francês.

O estudo das traduções envolve, inicialmente, a contextualização do romance traduzido a partir do contexto da editora; em seguida, a identificação dos intermediários diretamente relacionados à tradução da obra (tradutor, editor e prefaciador) e de outros intermediários que participaram do processo.

4.1 OS MOMENTOS HISTÓRICOS DAS TRADUÇÕES DE 1953 E 2013

Nesta seção, a contextualização dos dois períodos nos quais as traduções francesas foram publicadas tem por objetivo auxiliar na compreensão do espaço que a literatura brasileira ocupava nos dois momentos na França.

Na França, a partir dos anos 1930, segundo Rivas (2005, p. 75), "ocorre uma mutação cultural e uma transformação do paradigma na França, por razões internas e externas". Rivas (2005, p. 75) afirma que, como decorrência dessa transformação,

> [o] horizonte de expectativa francês trabalha a Alteridade e o Brasil não mais como duplo mas como contra-imagem da França, sua diferença. A veia exótica brasileira, constante na subliteratura, volta-se para a literatura do Nordeste e para o romance social, especialmente Jorge Amado. O agente de transmissão é a literatura engajada e a Internacional comunista que legitima e internacionaliza sua obra.

A partir dessa afirmação, podemos presumir que a primeira tradução de *Menino de engenho* foi publicada em um contexto no qual já estavam inseridas outras obras originárias do Nordeste e com uma temática social; o romance estando, portanto, situado em um ambiente que já estava em construção desde 1930 na expectativa do público francês, com a obra de José Lins acompanhando uma lógica literária vigente.

Por meio do levantamento de Cunha (1997)[102] sobre as obras literárias brasileiras traduzidas na França, podemos verificar que o campo do romance social proveniente do Nordeste, e tendo como representante Jorge Amado, expande-se na década de 1950 para outros autores e para obras do domínio da sociologia da *Geração de 30*.

Do romance social, os outros autores que se unem a Jorge Amado são: José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Além do romance, podemos constatar a presença das obras sociológicas de Gilberto Freyre, que, como vimos anteriormente, teve um papel fundamental para o movimento regionalista.

De 1947 a 1959, são traduzidos sete romances de Jorge Amado (dois em 1949 e em 1951, e um em 1952, 1955 e 1959), dois de José Lins do Rego (1953 e 1956) e um de Graciliano Ramos (1956); de Gilberto Freyre (1952, 1956), são publicadas duas traduções de obras sociológicas (CUNHA, 1997). É interessante observar que, nesse período, esses autores eram publicados pela *José Olympio* - exceto Jorge Amado, publicado pela editora até 1941.

Como vimos anteriormente, Gilberto Freyre e Graciliano Ramos faziam parte do círculo íntimo de José Lins do Rego, levando em consideração que frequentavam a Livraria *José Olympio* Editora e que mantinham amizade desde os tempos do Recife e de Maceió, respectivamente. Em 1952, um ano antes da tradução de *Menino de engenho*, a obra *Casa grande e senzala* (1933), de Gilberto Freyre, é publicada na França com tradução de Roger Bastide e prefácio de Lucien Febvre[103]. Em 1956, outra obra de Gilberto Freyre é traduzida, *Nordeste* (1937), com tradução de Jean Orecchioni[104] e prefácios do autor[105]. As duas obras de Freyre foram publicadas na coleção *La Croix du Sud*, dirigida por Roger Caillois, da editora Gallimard. É também 1956 o ano da publicação francesa de *Infância* (1945), de Graciliano Ramos, com tradução de G. Gougenheim[106] e publicada na coleção *La Croix du Sud* (*Gallimard*); e

---

[102] Cunha (1997) utiliza como fonte de dados a terceira edição do catálogo *Ouvrages brésiliens traduits en France* (1994), de Estela dos Santos Abreu.

[103] Um dos historiadores franceses mais importantes do século XX e fundador, junto com Marc Bloch, da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, atualmente *Annales. Histoire, Sciences Sociales*.

[104] Tradutor de autores brasileiros como: Jorge Amado, Zélia Gattai, Paulo Coelho, Vera Brant, José Sarney e Idelette Muzart Fonseca dos Santos.

[105] Prefácio da edição brasileira de 1937 e um prefácio para a tradução francesa de 1956.

[106] Linguista e gramático francês do século XX. Na informação disponibilizada pelo site da *Bibliothèque nationale de France* (BnF), exercendo a função de tradutor consta apenas a obra de Graciliano Ramos.

de *Cangaceiros* (1953), de José Lins do Rego, com tradução de Denyse Chast[107] e publicado pela editora *Plon*.

Além de observar os autores do movimento regionalista que foram traduzidos na década de 1950, é importante considerar os autores publicados pela editora *José Olympio* e que foram traduzidos para o francês nesse mesmo período (1947-1959). Além dos autores citados acima, foram traduzidos nessa mesma época: Josué de Castro (1949, 1950, 1952), Ribeiro Couto (1951, 1955, 1958), Adalgisa Nery (1952), Dinah Silveira de Queiroz (1952), Vinícius de Moraes (1953) e Murilo Mendes (1956). A tradução desses autores na França revela que a editora publicava um grande número de escritores importantes da época e que ela exercia o papel de intermediária nas negociações das traduções.

A fim de facilitar a compreensão do que era traduzido (obras clássicas ou obras contemporâneas), distinguimos as traduções publicadas entre 1947 e 1959 em quatro grupos, de acordo com a data de publicação do original: antes de 1930 (sete obras), na década de 1930 (sete obras), na década de 1940 (15 obras) e na década de 1950 (cinco obras). Além dessas obras, outras seis traduções foram publicadas na década de 1950, mas não apresentam a data de lançamento do original; e outra obra (*Jean Vigo*, de Paulo Emílio Salles Gomes) foi escrita diretamente em francês[108] e publicada em 1957, a publicação em português datando de 1984 (CUNHA, 1997).

A partir dessa contextualização das traduções da literatura brasileira, podemos verificar a presença de autores do movimento regionalista brasileiro na França. José Lins do Rego é traduzido em um contexto no qual Jorge Amado já havia sido publicado: a primeira obra em 1938, três na década de 1940 e cinco na década de 1950. Outros dois importantes autores do movimento, Gilberto Freyre e Graciliano Ramos, completam o recorte do regionalismo brasileiro na França, demonstrando que *Menino de engenho* não foi publicado de modo isolado, mas estava inserido em um contexto com outras obras do mesmo período e movimento literário. Além disso, as traduções publicadas em 1950 eram, em sua maioria, contemporâneas (publicadas nas duas últimas décadas, 1940 e 1950) e representam 58,8%[109] das traduções de obras brasileiras na França, naquele ano.

---

[107] Além do romance de José Lins, traduziu um romance do autor português Vitorino Nemésio, *Mau tempo no canal* (1945).

[108] Segundo informação da Cinemateca Brasileira. Disponível em: <http://www.cinemateca.gov.br/pauloemilio/>. Acesso em: 18 maio 2016.

[109] Para o cálculo da porcentagem, consideramos as obras que apresentam a data de publicação original (34 das 41 traduções). Quanto às datas de publicação das obras, Cunha (1997) afirma que "em alguns

Ademais, das 32 obras brasileiras traduzidas na França na década de 1950[110], 10 são obras do movimento regionalista (representando 31,25% das traduções) e 14 são obras dos autores citados anteriormente, publicados pela editora *José Olympio* (representando 43,75% das publicações).

Nos anos 2000, como vimos no segundo capítulo (*Breve panorama da literatura brasileira traduzida na França: intermediários e obras*), a literatura brasileira ocupa um espaço maior comparado à década de 1950. Em 2005, com o ano do Brasil na França, aumenta a visibilidade da literatura e da cultura brasileira. Em 2011, a reestruturação do Programa de Apoio à Tradução de Obras Brasileiras aumenta a média anual de bolsas concedidas no exterior; em 2012, o Brasil ganha espaço permanente no Salão do livro de Paris e, em 2013, o país é homenageado novamente na Feira de Frankfurt.

A segunda tradução francesa de *Menino de engenho*, publicada em 2013, encontra-se, portanto, inserida em outro contexto de obras brasileiras traduzidas. A partir do levantamento das obras brasileiras traduzidas na França de 2000 a 2013, realizado por Karla Spézia (2015), que considera apenas traduções inéditas e retraduções[111], e que tem como fontes principais o banco de dados *Index Translationum* (dos anos 2000 a 2008) e os catálogos de editoras francesas[112] (dos anos 2009 a 2013)[113], observaremos quais outras obras foram traduzidas na década de 2010 (considerando apenas seis anos: de 2010 a 2015).

Nos seis anos da década de 2010 são publicadas 145 obras (em 2010, 24 obras; em 2011, 16; em 2012, 16; em 2013, 18; em 2014, 17; e em 2015, 54). A fim de facilitar a compreensão do que foi traduzido (obras clássicas ou obras contemporâneas), distinguimos as traduções publicadas na década de 2010 em quatro períodos, a partir da

---

momentos aparecem datas de publicação na França mais antigas do que as de publicação no Brasil. Isto ocorreu basicamente em dois casos: (1) o mais comum é o da efetiva publicação anterior na França, seja porque houve mais interesse por parte dos editores franceses, seja porque a obra foi escrita primeiro em francês e só então traduzida para o português, ou (2) porque não foi obtida a data da primeira publicação do original em português e o que consta da listagem é a data da publicação disponível". Ainda há os casos em que a obra foi publicada apenas em francês ou a data em português é desconhecida.

[110] Em 1947 (duas obras), em 1948 (duas) e em 1949 (cinco), totalizando no período (1947-1959) 41 obras.

[111] Spézia (2015) não considera as reedições e reimpressões.

[112] Apenas das editoras que traduziram literatura brasileira e que constam nas informações do *Index Translationum*.

[113] Além dessas duas principais fontes, Spézia realizou pesquisas nos seguintes sites: Amazon.fr e Fnac.fr. Segundo a autora, os sites fornecem a opção de pesquisar por literatura brasileira, especificamente. Ainda utilizou o site da *Librairie Portugaise et Brésilienne* (livraria vinculada à editora *Chandeigne*), tendo em vista que a editora aparece como uma das que mais traduziram literatura brasileira no período em questão.

data de publicação original das obras: antes de 1990 (34 obras), na década de 1990 (nove obras), na década de 2000 (39 obras) e na década de 2010 (34 obras), perfazendo um total de 116 obras. Com efeito, das 145 obras traduzidas, 29 não apresentam a data de publicação do original. Com isso, podemos observar que a maioria das obras traduzidas são contemporâneas, publicadas nas duas últimas décadas (de 2000 a 2010), representando 62,93%[114] das obras traduzidas.

Ademais, das 145 obras publicadas na França na década de 2010, apenas quatro são obras do movimento regionalista (2,75%): em 2013, *Menino de engenho*; em 2014, *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz e *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos e; em 2015, *São Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos.

No contexto da segunda tradução de *Menino de engenho*, um fato a ser observado diz respeito ao apoio concedido pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Em 2011, duas obras recebem esse apoio; em 2012, são oito obras beneficiadas pela FBN (50% do total publicado) e, em 2013, também são oito obras (44% do total publicado), entre elas, *L'Enfant de la plantation*; em 2014, seis obras, e entre elas *O quinze* e *Vidas secas*; e em 2015, oito obras. Os títulos que receberam apoio no ano de 2013 foram, em sua maioria, obras contemporâneas (publicadas originalmente entre as duas últimas décadas: 2000 e 2010), representando 75% das traduções.

Na análise dos anos 2000 a 2013, segundo Karla Spézia (2015), as traduções da literatura brasileira na França são, em sua maioria, obras publicadas nos últimos 20 anos[115]. Segundo Spézia (2015, p. 62),

> [d]esta, aqui chamada literatura contemporânea, percebemos que a maioria do que foi traduzido é de obras que datam dos anos 1990 até os anos 2010, atingindo um percentual de 75% de tudo o que foi traduzido de literatura brasileira em prosa na França desde o ano 2000.

Com isso, Spézia (2015, p. 62) conclui que

> [a] tendência é de se traduzir uma literatura recente, com novos escritores, ou mesmo escritores contemporâneos que já ocupam lugar de prestígio na cultura fonte, conjuntamente a escritores já consagrados, canonizados no sistema fonte, embora estes estejam sendo traduzidos consideravelmente em menor número no período analisado.

---

[114] Para o cálculo da porcentagem, consideramos as obras cuja data de publicação original é conhecida (116 das 145 traduções).
[115] A análise de Spézia não considera as reedições e as reimpressões.

Nos anos de 1953 e de 2013, a porcentagem de obras contemporâneas (publicadas nas duas últimas décadas, a partir, respectivamente, de 1940 e de 2000) é semelhante à porcentagem apresentada por Spézia para o recorte de 2000 a 2013. No ano de 1953, 60%[116] das obras traduzidas foram publicadas originalmente entre as décadas de 1940 e 1950. No ano de 2013, 80%[117] das obras traduzidas foram publicadas originalmente entre as décadas de 2000 e 2010.

Quanto ao auxílio à tradução concedido pela FBN, podemos constatar que, na década de 2010, 45,23% das traduções que receberam o apoio são obras que foram publicadas originalmente entre as décadas de 2000 e 2010[118]. No contexto da primeira tradução (1953), as obras consideradas contemporâneas foram publicadas originalmente entre as décadas de 1940 e 1950, ou seja, próximo do ano de publicação de *Menino de engenho* (1932) e de outros romances regionalistas. No contexto da segunda tradução (2013), apesar de distante do ano de publicação do original brasileiro, constata-se a presença de obras regionalistas: *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz; *São Bernardo* (1934) e *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos.

4.2 L'ENFANT DE LA PLANTATION, 1953: OPERAÇÕES SOCIAIS E INTERMEDIÁRIOS IMPLICADOS NA TRADUÇÃO

Ao longo desse tópico, abordaremos as operações sociais de seleção e de marcação, bem como os intermediários que atuaram na introdução de *Menino de engenho* (1953) na França. Na operação de seleção abordando o que se publica, quem traduz e quem publica e, na operação de marcação, abordando a editora em que a obra foi publicada, a coleção em que está inserida, o tradutor e o prefaciador.

Em 1953, a primeira tradução francesa de *Menino de engenho* foi publicada sob o título *L'Enfant de la plantation*, pela *Éditions des Deux Rives*, e a obra integra uma das coleções da editora, a saber, *Collection Rive Ouest*. A obra foi traduzida por J. W. Reims e prefaciada por Blaise Cendrars.

---

[116] Das cinco obras publicadas nesse ano, três foram originalmente publicadas na década de 1940 (1943, 1945, 1947), e as duas outras obras foram publicadas em 1890 e 1932.

[117] Para o cálculo da porcentagem, consideramos as obras que apresentam a data de publicação original (16 das 20 traduções).

[118] No intervalo 2010-2015 foram publicadas 42 obras com o auxílio da FBN. Dessas, 19 foram originalmente publicadas no intervalo de 2000 a 2010.

Nas pesquisas referentes à primeira tradução francesa, a ausência de informação sobre a *Éditions des Deux Rives* limita a contextualização da editora. No entanto, a quarta capa dessa tradução apresenta uma lista com algumas obras publicadas pela editora (sem referência a uma coleção específica) e três coleções com as respectivas obras também publicadas. As coleções mencionadas são: *Éditions de luxe*, *Collection De quoi vivaient-ils ?* e *Collection Rive Ouest* (ANEXO Q). A partir dessas informações, podemos fazer algumas inferências a respeito da editora e de sua política editorial.

Como foi dito, *L'Enfant de la plantation* está inserido na *Collection Rive Ouest*. As demais obras que compõem essa coleção, listadas na quarta capa da edição da tradução, são: *Dolorès* (1938, tradução publicada em 1946), *Le coin du Rêve* (1945, trad. 1946), *Les Enfants dans la Forêt* (1940, trad. 1947), do britânico H.-G. Wells; *Quatuor* (1938, trad. 1946), do alemão Emil Ludwig; *Diana* (1939, trad. 1946), da norte-americana Diana Frederics; *Ville frontière* (1945, trad. 1947) do norte-americano Hart Stilwell; *Vent d'amour* (1944, trad. 1947), da australiana Christina Stead; *Lady Chatterley* (1928, trad. 1947), do britânico D.-H. Lawrence; *Anne de Cleves* (1946, trad. 1947), da britânica Margaret Campbell-Barnes; *Douce Marys* (1946, trad. 1950), do norte-americano Harry Reasoner, e *Un garçon près de la rivière* (1948, trad. 1949), do norte-americano Gore Vidal. As obras listadas nessa coleção foram publicadas nos seguintes anos: 1946, 1947, 1949, 1950 e 1953.

Percebe-se que a coleção de obras estrangeiras apresenta autores contemporâneos importantes dos seguintes países: Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, Austrália e Brasil. O romance é o gênero predominante, porém encontram-se obras de ensaio e autobiografia (respectivamente, *Le coin du Rêve* e *Diana*). Constata-se também que as obras traduzidas são predominantemente de língua inglesa, com apenas uma tradução da língua alemã (*Quatuor*, de Emil Ludwig) e uma da língua portuguesa (*L'Enfant de la plantation*, de José Lins do Rego).

As temáticas das obras dessa coleção variam; no entanto, são obras com forte teor crítico e mesmo revolucionário. Dentre os temas, a crítica à religião e ao que é feito em nome de Jesus (*Le coin du Rêve*), a crítica ao rigor dos princípios da sociedade inglesa (*Les enfants dans la forêt*), reflexão sobre a função do artista e sua posição na sociedade (*Quatuor*), a homossexualidade (*Diana* e *Un garçon près de la rivière*), a luta contra o racismo (*Ville frontière*) e contra as atitudes opressoras da sociedade e do

homem em relação à mulher (*Vent d'amour*), a luta entre as classes sociais retratada em um casal de amantes (o homem da classe trabalhadora e a mulher burguesa; *Lady Chatterley*), entre outros.

A *Rive Ouest* pode, portanto, ser caracterizada como uma coleção voltada para a publicação de autores estrangeiros, contemporâneos e que encarnam uma posição político-ideológica de esquerda. O título da coleção (em português, Margem oeste) remete indiretamente às denominações utilizadas para designar as regiões dos dois lados rio Sena, que divide Paris. O *Ouest* (oeste), ponto cardeal à esquerda, seria uma referência à posição de esquerda. Com efeito, a *Rive gauche* (Margem esquerda), tradicionalmente estudantil, é historicamente identificada com os ideários progressistas e de esquerda, com suas revistas e jornais de vanguarda, ao passo que a *Rive droite* (Margem direita) tornou-se conhecida por seu conservadorismo ideológico e onde tradicionalmente se encontravam os jornais, revistas e a imprensa de direita. Resumindo, historicamente a *Rive Gauche* revolucionária e de esquerda se opõe à *Rive Droite*, conservadora e burguesa.

Ao ser publicado nessa coleção, o autor José Lins do Rego está inserido em um contexto de escritores envolvido com obras de cunho político e social. De fato, o romance regionalista apresentava essa característica. O sucesso de Jorge Amado na França, como dito anteriormente, deve-se, ao menos em parte, ao romance social e ao envolvimento do escritor com o partido comunista.

4.2.1 INTERMEDIÁRIOS

Os intermediários que abordaremos a seguir constituem atores diretamente relacionados à tradução e à publicação de *L'Enfant de la plantation* (1953), são eles: o tradutor, o editor e o prefaciador. O estudo dos intermediários, como vimos anteriormente, esclarece o processo de translação da obra e o papel de cada um desses atores, auxiliando a compreensão do caminho percorrido pelo romance.

4.2.1.1 TRADUTORA

Na primeira edição francesa de *L'Enfant de la plantation* (1953), a informação sobre a tradução se restringe à menção "Traduzido por J. W. Reims"[119], que aparece na página de rosto da obra. O nome completo da tradutora - Jeanne Worms-Reims - aparece citado no catálogo geral da Biblioteca nacional da França[120].

Nas pesquisas referentes à tradutora, são poucas as menções encontradas e o seu nome aparece relacionado apenas à tradução de *Menino de engenho*. A partir de pesquisa feita em *sites* da França, obtivemos na página da *Éditions Faustroll*[121] a informação de que se trata de Jeannine Worms, dramaturga e escritora francesa.

Jeannine Worms nasceu em Buenos Aires (19 de abril de 1923) e faleceu em Paris (28 de abril de 2006). Em obituário da *Éditions Faustroll* (ANEXO R), datado de um dia após o seu falecimento, são dadas algumas informações sobre sua vida e trajetória. Ela nasceu em Buenos Aires e, ainda criança, mudou-se para Paris. Para escapar das guerras, a sua família deixou a França e, munida de passaporte argentino, retornaram ao país natal. Esteve em contato com Roger Caillois e Paul Bénichou, tornando-se próxima deles.

O período pós-guerra foi mais favorável para Worms, que, depois de uma temporada no Brasil – lugar onde se casou (IMEC ARCHIVES, 2015), instalou-se em Paris com seu marido, Gérard Worms. Segundo as informações disponibilizadas pela *Éditions Faustroll*, em seu vasto círculo de amigos contava, entre os mais próximos, com Jean Cocteau, Emil Cioran, Eugène Ionesco, os pintores Youla Chapoval, Pierre Tal Coat, Angel Alonso e Arthur Luiz Piza. Gérard Worms foi editor e diretor da *Éditions du Rocher* e publicou grande parte dos livros de Jean Cocteau nos anos 1950 (BESSIRE, 2002).

Segundo o arquivo da *Éditions Faustroll* (ANEXO R), Jeannine Worms praticou todos os gêneros, recusando-se, sobretudo, a ceder às modas literárias. Escreveu peças de teatro, ensaios, poesias e romances. No campo da tradução, além da obra brasileira, traduziu para o francês a peça *Luces de Bohemia* (1924) do escritor espanhol Ramón

---

[119] *Traduit par J. W. Reims.*

[120] *Catalogue général de la Bibliothèque nationale de France.* <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb325614212>.

[121] http://faustroll.net/presse/index.htm.

María del Valle-Inclán, além de *La base*, das escritoras espanholas Luisa Isabel Álvarez de Toledo e Maura Medina Sidonia (DATA BNF, 2015).

A tradutora enviou cartas para José Lins do Rego um ano antes da publicação da sua tradução[122]. Segundo o pesquisador Meller (1995, p. 21), essa correspondência

> [i]nforma a remessa da já publicada tradução francesa de um dos romances de JLR, sem especificar qual deles. Contudo, não podemos afirmar, categoricamente, que tal romance seria Menino de engenho, o que estabeleceria um elo com a carta de Robert.

No entanto, como veremos mais adiante, J. W. Reims não afirma que a tradução já estava publicada, e sim que espera que ele "tenha recebido a nova versão da tradução" (grifo nosso). Podemos afirmar também, através do cruzamento de informações, que o romance em questão é *Menino de engenho*. Com efeito, a correspondência data de 1952 e a tradução foi publicada no ano seguinte - 1953, bem como o fato de mencionar o possível prefaciador Blaise Cendrars, confirmado na edição publicada.

A primeira das duas correspondências, enviada de Paris em 22 de agosto de 1952, está escrita em francês e à mão[123] (ANEXO S).

Quadro 5 - Tradução da correspondência enviada em 22 de agosto de 1952

M. J. L. Do Rego
Rio de Janeiro
J. W. Reims
Paris - 22 - VIII .52

Caro mestre e amigo,

Ainda não lhe dei sinal de vida desde a sua partida. Eu não tinha nada de novo para lhe dizer.

Espero que você tenha recebido a nova versão da tradução, que lhe enviei por um portador, e que você tenha ficado feliz. Nosso editor francês está encantado.

Ele acabou de me sugerir uma ideia que acho interessante e que lhe proponho. Ele gostaria de publicar em uma pequena partitura as notas das melodias das canções que estão no seu texto. O que você acha? Você teria condição de enviar isso para nós – o mais rápido possível, é claro... não se esqueça da nossa discussão [palavra não identificada] na embaixada.

[122] Tivemos conhecimento da existência de duas missivas de J. W. Reims ao paraibano através do catálogo presente na obra já citada *Retalhos de amizades* (1995). Essas missivas estão disponibilizadas no acervo do Museu José Lins do Rego, em João Pessoa, às quais tivemos acesso.
[123] Reprodução da carta no Anexo S e transcrição no Apêndice C.

> Espero que você tenha guardado uma boa lembrança da sua estadia em Paris, e que tenhamos em breve o prazer de revê-lo.
>
> De minha parte, estou em pleno projeto de teatro. Uma de minhas peças será encenada no próximo inverno. Aguardo o primeiro levantar de cortinas para acreditar. Outros projetos também, do jornal mensal de arte e de combate, a crítica é muito terna, ela se torna coro de elogios...
>
> Despeço-me, pedindo-lhe que creia em minha simpatia e admiração.
>
> J. W. Reims
>
> 70, Fg. St. Honoré. Paris, VIII

A saudação que introduz a carta é "Caro mestre e amigo" e o tratamento utilizado é formal (presença do pronome de tratamento "*vous*"). Através desta correspondência sabe-se que José Lins esteve em Paris, pois a tradutora afirma que ainda não tinha dado notícias desde a partida do autor.

Além dessa primeira informação de que o autor teria estado em Paris, ainda nesse documento a tradutora deseja que o autor tenha guardado uma boa lembrança da estadia em Paris, e espera ter o prazer de revê-lo em breve. Essa correspondência nos remete a outra, enviada por P. Boloney[124], na qual são tratados os detalhes da participação de José Lins no *Congrès pour la Liberté de la Culture* de 15 a 30 de maio de 1952.

Worms afirma ter enviado uma nova versão da tradução e espera que ele esteja satisfeito; comenta que o editor francês declarou estar encantado. Ela transmite ainda uma sugestão do editor, que propõe imprimir em uma pequena partitura as notas das melodias das canções presentes no texto de José Lins do Rego e afirma aguardar a opinião do autor. A tradutora menciona, por fim, um projeto de teatro que possui, antes de se despedir afirmando simpatia e admiração pelo autor.

A segunda correspondência, enviada de Paris em 04 de setembro de 1952, está escrita em francês e datilografada (ANEXO T).

[124] Ver página 83.

Quadro 6 - Tradução da correspondência enviada em 4 de setembro de 1952

70, Rue du Faubourg St. Honoré. 8ème
Paris.
4 de setembro de 1952

Sr. J. L. Do Rego
Rio de Janeiro

Caro amigo,

Retorno das férias, e minha primeira visita foi ao nosso editor. Ele só está aguardando as pequenas partituras que lhe pedi, para enviar o livro à impressão (entreguei a ele em julho a nova tradução). Estamos ansiosos para recebê-las, a menos que você ache uma má ideia; nesse caso, informe-nos a respeito o quanto antes.

Parece que o Sr. Assunção pediu um desconto sobre o preço que o Sr. Defez lhe havia feito. Este último me disse ter feito o preço mais justo, pois as leis sindicais o proíbem de conceder a outros, além dos livreiros, o abatimento de trinta por cento. Pretendo ir amanhã à embaixada, e ver isso mais de perto.

Pensamos em Blaise Cendrars para prefaciar o seu livro. Aqui também, o que você acha disso? É um escritor famoso, um homem simpático, amigo seu e do Brasil, acho-o bem apropriado.

Devo reler Fogo Morto com vistas a sua tradução. Não lhe prometo que isso seja feito rapidamente. Eu mesma tenho várias coisas para terminar, entre as quais uma peça, e talvez uma encenação para montar.

Espero ter em breve o prazer de lê-lo, e mais ainda, o de revê-lo. Afetuosamente,

J. W. Reims

Nesta carta, a saudação é mais breve ("Caro amigo"), porém o tratamento permanece formal (uso do pronome "*vous*") como na primeira. Ela afirma ter voltado de férias e comenta que sua primeira visita foi para encontrar o editor, informando que ele só está esperando a posição do escritor sobre as pequenas partituras para enviar o livro à impressão.

O período que separa a primeira carta da tradutora da segunda é de treze dias; a informação sobre as partituras revela que durante esse período i) a tradutora não recebeu nenhuma carta do autor ou ii) se recebeu alguma carta, não teve resposta sobre as partituras.

Com a publicação, sabemos que a sugestão do editor de imprimir pequenas partituras nas canções presentes no texto não teve desdobramento; podemos supor uma resposta negativa do autor ou a ausência de resposta à sugestão.

Na mesma carta, a tradutora partilha com o autor que pensou em Blaise Cendrars para prefaciar o livro e pede a sua opinião. De fato, a primeira tradução francesa de *Menino de engenho* é prefaciada por Blaise Cendrars, também um mediador nessa relação, tendo em vista que ele revela no prefácio que compartilhava a amizade de Paulo Prado com José Lins do Rego e que recebeu de Prado o "Ciclo da cana-de-açúcar" (*Menino de engenho*, *Doidinho* e *Banguê*) em 1935[125] (CENDRARS, 1953a), como veremos mais adiante.

J. W. Reims afirma estar relendo *Fogo morto* com o objetivo de traduzi-lo. Despede-se desejando ter, em breve, o prazer de ler as suas obras e de revê-lo.

4.2.1.2 EDITOR

Como já foi dito, *L'Enfant de la plantation* (1953) foi publicado pela *Éditions des Deux Rives*. Como veremos adiante, o editor responsável no período da publicação da obra brasileira era René Defez.

A informação de que René Defez era o editor da *Deux Rives* aparece na obra *Paulhan le juste*, em que Frédéric Badré (1996) conta a história do livro *Histoire d'O* (1954), de Pauline Réage. Richard Seaver (2013) também relata a trajetória do livro de Réage, confirmando a informação sobre o editor da *Deux Rives*. Através desses relatos, além da descoberta do nome do editor, temos acesso a uma rápida contextualização da situação da editora *Deux Rives* no período da publicação de *L'Enfant de la plantation* (1953), por meio de personalidades como Jean Paulhan e Jean-Jacques Pauvert.

Jean-Jacques Pauvert (2011), o editor que publicou *Histoire d'O*, conta que durante o inverno de 1953-1954, Jean Paulhan (editor da Gallimard) começou a "irritá-lo". Segundo Pauvert,

> Durante meses, cada vez que nos víamos, ele me falava de um misterioso manuscrito que parecia mantê-lo muito ocupado, e diria

[125] "*Menino de Engenho* est de 1932. *Doidinho* de 1933. *Banguê* de 1934. En 1935, Paulo Prado en me donnant à Paris O Ciclo de Cana de Assucar de José Lins do Rego."

> inclusive que cada vez me falava dele de modo mais urgente. Só você pode publicá-lo, me dizia[126] (PAUVERT, 2011, p. 173).

Pauvert afirma que em uma tarde do mês de dezembro, ou de janeiro, encontrou-se com Paulhan. E este lhe entregou o manuscrito tão falado. Ao ler o manuscrito, Pauvert se encantou com a obra: "É verdade: eu era o editor sonhado para *Histoire d'O*, assim como *Histoire d'O* é o livro que eu sonhava"[127] (PAUVERT, 2011, p. 174). No dia seguinte, ele telefonou a Paulhan disposto a assinar um contrato, porém este lhe informou que o autor já havia assinado um contrato com outro editor: René Defez, da *Éditions des Deux Rives*.

Jean Paulhan informou Pauvert de que Defez atravessava um mal momento e que talvez os dois pudessem chegar a um acordo. O mal momento que Defez atravessava, citado por Paulhan, se devia à publicação do livro de Jacques Despuech, *Le Trafic des Piastres*, em 1953. Segundo Seaver (2013, p. 459-460) era um livro explosivo,

> [e]xpondo a corrupção não só nos escalões mais altos do governo e do Exército francês na Indochina mas atingindo também o parlamento de Paris e, aparentemente, até o círculo íntimo do presidente.

A publicação de *Le Trafic des Piastres* rendeu a Defez inúmeras acusações, tendo a casa e o escritório sido arrombados (SEAVER, 2013). Pauvert afirma que, algumas horas depois de ter entrado em contato com Paulhan, saía do escritório de Defez com o contrato de *Histoire d'O* por um cheque de cem mil francos antigos (equivalente a mil e quinhentos euros) (PAUVERT, 2011).

A partir dessas informações sobre a publicação de *Histoire d'O*, podemos afirmar que René Defez era o editor à frente da *Éditions des Deux Rives* no momento da publicação da obra brasileira, tendo em vista que as publicações tanto de *L'Enfant de la plantation* (1953) quanto de *Le trafic de Piastres* (1953), e a venda de *Histoire d'O* (1953/1954), ocorrem no mesmo período, entre 1953 e 1954. Observa-se, portanto, que o editor se interessava por autores e obras que apresentavam uma posição político-ideológico de esquerda, como foi possível observar através das obras da coleção *Rive Ouest*.

---

[126] No original : "Durante meses, cada vez que nos veíamos me hablaba de un misterioso manuscrito que parecía tenerle muy ocupado, y diría incluso que cada vez me hablaba de él de modo más apremiante. Sólo usted puede publicarlo, me decía".

[127] No original : "Es verdad: yo era el editor soñado para *Historia de O*, igual que *Historia de O* es el libro que yo soñaba."

Através de uma obra organizada por Pascal Fouché (1998, p. 813) temos a informação de que, em 12 de fevereiro de 1959, "a *Chambre syndicale des Libraires de France* foi condenada por ter acusado René Defez, editor proprietário da *Éditions des Deux Rives*"[128]. Nessa nota, no entanto, não há informação sobre o tipo de acusação feita ao editor.

Em um documento de uma audiência pública, datado em 14 de fevereiro de 1963, tem-se a informação de que a condenação da *Chambre syndicale des Libraires de France* foi por difamação e foi considerada legalmente justificada (LEGIFRANCE, 2015).

Quanto ao cargo de Defez, Frédéric Badré (1996), em seu relato sobre *Histoire d'O*, afirma que René Defez era o *editor* da *Deux Rives*. Jean-Jacques Pauvert (2011) associa o nome de Defez ao cargo de *diretor* da editora. Na obra *L'édition française depuis 1945* (1998), a informação é que ele era *editor proprietário* da editora. No relato de Seaver (2013, p. 459), ao nome René Defez segue-se o aposto "dono das *Éditions des Deux Rives*". Com isso, provavelmente, Defez era o proprietário da *Éditions des Deux Rives* e exercia a função de editor, tendo também assumido o papel de tradutor, juntamente com Boris Metzel, em *Les Larmes de Dieu*, publicado pela *Deux Rives* em 1952.

Encontram-se referências ao editor nas três correspondências passivas provenientes de Paris para o autor José Lins do Rego. A primeira, datada em 7 de agosto de 1952, assinada por Robert A. (sobrenome não pode ser decifrado) está escrita à mão e em português (como veremos mais adiante no subtópico 4.2.2.3). Nela, Robert cita o editor - entretanto não revela seu nome - e afirma enviar anexa cópia da carta com o parecer do editor sobre a tradução. No entanto, no acervo do Museu José Lins do Rego, não se encontra tal carta com o parecer de René Defez sobre a tradução de Jeanne Worms-Reims (Jeannine Worms).

A segunda correspondência, datada em 22 de agosto de 1952, assinada por J. W. Reims, escrita à mão e em francês. Como vimos anteriormente, a remetente afirma que o editor - também sem revelar seu nome -está encantado e que sugeriu a ideia de incluir pequenas notas de melodias das músicas que estão no romance.

---

[128] No original : "La Chambre syndicale des Libraires de France est condamnée pour avoir mis en cause René Defez, éditeur propriétaire des Éditions des Deux Rives".

Na terceira correspondência, datada em 4 de setembro de 1952, também assinada por J. W. Reims, datilografada e em francês, ela afirma ter-se encontrado com o editor - novamente não revela o nome -, e mais adiante cita *Monsieur* Defez quando relata uma negociação em andamento entre este e um livreiro.

4.2.1.3 PREFACIADOR

A primeira tradução francesa tem o prefácio assinado por Blaise Cendrars. Essa informação consta na capa do livro (*Présenté par Blaise Cendrars*) (ANEXO U) e na página de rosto ela é repetida acima da informação sobre o responsável pela tradução (*Traduit par J. W. Reims*) (ANEXO V).

Como vimos acima, duas correspondências foram enviadas pela tradutora J. W. Reims ao escritor José Lins do Rego. Na correspondência datada de 4 de setembro de 1952, a tradutora cita Blaise Cendrars, afirmando ter sondado o suíço para prefaciar o livro sem, no entanto, especificar a obra que seria prefaciada. Com isso, confirma-se a sugestão da tradutora presente na correspondência.

Segundo Rivas (1995, p. 319), Cendrars "é um dos primeiros nomes conhecidos da modernidade francesa"; novelista e poeta suíço, ele possui uma história singular com o Brasil, país que ele reconheceu como sua segunda pátria. Essa informação justifica o destaque dado a ele na capa e na página de rosto da obra. Sendo considerado uma autoridade no sistema literário francês, sua opinião sobre uma obra confere credibilidade e legitimidade à obra.

Como dito anteriormente, na operação de marcação, o prefaciador "marca a obra" (BOURDIEU, 2002), ou seja, apresenta a obra apropriando-se e inserindo a sua visão. No prefácio, Cendrars tenta reconstruir o contexto de publicação de *Menino de engenho*, a partir da sua experiência no Brasil e entre os escritores nos anos que antecederam a publicação da tradução.

O prefácio, intitulado *La voix du sang*, foi, segundo Eulalio (2001), preparado a pedido de Mme. J. W. Reims, tradutora de *L'Enfant de la plantation*. Segundo Bastiaenen (2015, p. 2), após a leitura dos romancistas do Nordeste (Jorge Amado,

Graciliano Ramos, Gilberto Freyre e o próprio José Lins do Rego), Blaise Cendrars afirma preferir "o Brasil caloroso do sertão ao Brasil urbano e decadente"[129].

Ao comentar a relação de Blaise Cendrars com os brasileiros e a descoberta do Brasil, Bastiaenen (2015, p. 2) complementa:

> [e]le incita os jovens escritores a não mais embarcar para Le Havre, mas pegar o trem para Minas para se impregnar da "voz do sangue" (título do seu prefácio para o romance de J. Lins do Rego, "*Menino de engenho*", traduzido "*L'Enfant de la plantation*"). Que eles parem de perder suas almas e se reabasteçam nos "*dois seios das letras e das artes brasileiras*", Bahia e Pernambuco[130].

La voix du sang é publicado pela primeira vez em *Les Nouvelles Littéraries* n 1333 em 19 de março de 1953 (EULALIO, 2001). A segunda aparição é na primeira edição de *L'Enfant de la plantation*. No colofão da obra encontramos as informações sobre a impressão e o depósito legal: a impressão data do mês de abril de 1953 e o depósito legal do segundo trimestre de 1953 (abril, maio e junho) (REGO, 1953). É provável que o texto tenha sido escrito, inicialmente, para o prefácio, mas tenha saído como artigo no jornal literário antes da impressão e do depósito legal do livro. Em 1957, as edições *Denoël* publicam *Trop c'est trop*, antologia na qual se encontra *La voix du sang*, sendo a terceira aparição do texto. As três publicações em diferentes espaços (jornal literário, prefácio da tradução e antologia) revelam a relevância do texto e do autor.

Quanto à versão publicada no jornal *Les Nouvelles Littéraires* (CENDRARS, 1953b), tivemos acesso apenas à capa em versão eletrônica (ANEXO W). Quanto ao conteúdo, o texto presente na capa supõe sua continuação na página seguinte, já que a frase da última linha encontra-se interrompida e não apresenta ponto final. Em comparação com o texto do prefácio ao livro, a parte que se encontra na capa do jornal, é semelhante, apresentando apenas uma supressão, que nos sugere adaptação ao espaço limitado (jornal) com um texto sucinto.

No prefácio (CENDRARS, 1953a, p. 8), o trecho suprimido do jornal, aparece separado por um travessão:

---

[129] No original : "le Brésil chaleureux du sertão au Brésil urbain et décadent".

[130] No original : "Il incite les jeunes écrivains à ne plus s'embarquer pour Le Havre, mais à prendre le train pour le Minas pour s'imprégner de la « voix du sang » (titre de sa préface au roman de J. Lins do Rego, « Menino de engenho », traduit sous le titre « L'enfant de la plantation »). Qu'ils cessent de perdre leur âme, et se ressourcent aux « *deux mamelles des belles-lettres et des arts brésiliens* », Bahia et Pernambouc".

> [...] en nous invitant tous à déjeuner dans un caboulot du port, - et je suis au milieu d'eux, et il y a de quoi se tordre tellement nous faisons démodé (j'ai la photo sous les yeux, et ils n'en revenaient pas de me voir si jeune, si jeune, pensez, un auteur arrivant de Paris, quel prestige !...

Na versão presente no jornal (ANEXO W), o texto é reorganizado com ponto final antes do travessão e um novo parágrafo na sentença seguinte:

> [...] en nous invitant tous à déjeuner dans un caboulot du port.
>
> Ils n'en revenaient pas de me voir si jeune, si jeune, pensez, un auteur arrivant de Paris, quel prestige !...

O texto *La voix du sang* aparece pela terceira vez no livro *Trop c'est trop* (1957). Nessa obra, o texto aparece dedicado "*À Pierre et à Annick Berès*". À dedicatória segue-se uma nota de rodapé que nos informa que Pierre Berès era livreiro e especialista em livros antigos e que teria encontrado Cendrars entre 1948 e 1949 por intermédio de um amigo em comum, o livreiro suíço William Kundig (CENDRARS, 1957).

A seção *Notícias e notas sobre Trop c'est trop* contém informações sobre os textos e as respectivas notas de rodapé. Nela há uma subseção dedicada a *La voix du sang* que contém uma breve apresentação sobre o texto. Nesta subseção tem-se a seguinte informação (CENDRARS, 1957, p. 528):

> Publicação original no prefácio para o romance do escritor brasileiro José Lins do Rego, *L'Enfant de la plantation* (*Menino de engenho*), traduzido por J. W. Reims (Paris, Éditions des Deux Rives, 13, rue de Saints-Pères, 1953, p. 7-22) acrescenta a informação sobre a tradutora J. W. Reims. Jornalista e escritor brasileiro, José Lins do Rêgo Cavalcanti (1901-1957) publicou *Menino de engenho* (1932), seu primeiro livro, por conta própria. O primeiro romance do "Ciclo da cana de açúcar" obterá um sucesso considerável e será seguido por *Doidinho* em 1933.[131]

Nessa publicação de 1957, o texto foi visivelmente revisado pelo autor. O texto começa com a palavra "Rio". Diferente das publicações no jornal e como prefácio à obra, esse texto se encontra em uma coletânea com outras produções do escritor suíço, e talvez por essa razão o autor tenha considerado necessário contextualizar *La voix du sang*. Essa versão apresenta alguns acréscimos, como por exemplo, no mesmo trecho

[131] No original : "Publication préoriginale en préface au roman de l'écrivain brésilien José Lins do Rêgo, *L'Enfant de la plantation* (*Menino de Engenho*), traduit par J. W. Reims (Paris, Éditions des Deux Rives, 13, rue de Saints-Pères, 1953, p. 7-22). Journaliste et écrivain brésilien, José Lins do Rêgo Cavalcanti (1901-1957) a publié *Menino de Engenho* (1932), son premier livre, à compte d'auteur. Ce premier roman du "Cycle de la canne à sucre" obtiendra un succès considérable et sera suivi de *Doidinho* en 1933."

suprimido para o jornal; o escritor suíço, em 1957, acrescenta a seguinte informação (em itálico) (CENDRARS, 1957, p. 381):

> [...] en nous invitant tous à déjeuner dans un caboulot du port, - et je suis au milieu d'eux, et il y a de quoi se tordre tellement nous faisons démodé (j'ai la photo sous les yeux*; ils ont tous une canne à la main comme leurs ancêtres anthropophages une massue)* et ils n'en revenaient pas de me voir si jeune, si jeune, pensez, un auteur arrivant de Paris, quel prestige !...

Além disso, observam-se alterações com relação ao prefácio, como, por exemplo, a localização de São Paulo (de 23º36" no prefácio para 36º23" na publicação de 1957), e aos nomes de personalidades brasileiras (de Mario Andrade no prefácio para Mário de Andrade na coletânea, ou ainda de Tasto di Almeida para Tácito de Almeida).

No prefácio, Cendrars apresenta o romance e o autor através da contextualização dos modernistas de São Paulo. Segundo o escritor suíço, houve uma violenta manifestação desse movimento contra "a invasão dos Nortistas"[132], ao anúncio da publicação do ciclo da cana-de-açúcar, de José Lins; de *Terras do sem fim* (1943), *O país do carnaval* (1931), *Cacau* (1933), *Jubiabá* (1935) e *Suor* (1934) de Jorge Amado; de *Angústia* (1936) e *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos. Cendrars cita, equivocadamente, esses autores como "três jovens romancistas da Bahia"[133], afirmando que eles "deixaram falar a voz do sangue"[134]. A informação equivocada de que José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos são "três jovens romancistas da Bahia"[135], presente no prefácio, é transformada, em *Trop c'est trop*, em uma generalização de que são "três jovens romancistas do Norte"[136] – a roda literária formada em Maceió nos anos 30 era denominada, conforme informamos no capítulo anterior, de "os do Norte" e faziam parte desse grupo, entre outros, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos (SOARES, 2006).

Após elogiar os romances citados acima, o prefaciador afirma que, o resultado foi que o Brasil entrou no circuito da literatura mundial moderna e que os romancistas nordestinos aparecem ao lado de Hemingway, John dos Passos, Steinbeck, entre outros escritores norte-americanos.

---

[132] No original : "l'invasion des Nordistes".
[133] No original : "trois jeunes romanciers de Bahia".
[134] No original : "trois jeunes romanciers de Bahia qui ont suivi la voie inaugurée par mon ami Paulo Prado et qui ont, comme lui, laissé parler la voix du sang".
[135] No original : "trois jeunes romancier de Bahia" (CENDRARS, 1953, p. 20)
[136] No original : "trois jeunes romancier du Nord" (CENDRARS, 1957, p. 389)

4.2.2 OUTROS INTERMEDIÁRIOS

Nesta seção, evocamos outras instituições e/ou personalidades que surgiram ao longo do estudo dos três intermediários (tradutor, editor e prefaciador) diretamente implicados nos processos de tradução de *Menino de engenho* na França, com o propósito de obter mais informações sobre o caminho percorrido pelas duas traduções.

4.2.2.1 OSWALD DE ANDRADE E TARSILA DO AMARAL

A partir de informações sobre a relação dos dois artistas brasileiros com Blaise Cendrars percebe-se a importância dele no Brasil e na França. Segundo Amaral (1970), o poeta suíço acompanhou de perto a criação dos poemas do *Pau Brasil*, de Oswald, que acabou sendo editado em 1925, em Paris, pela editora *Au Sans Pareil*, na época dirigida por Cendrars. Oswald assim dedicaria *Pau Brasil*: "A Blaise Cendrars por ocasião da descoberta do Brasil" (AMARAL, 1970, p. 2).

Na edição de suas *Poesias Reunidas O. Andrade* (1945), ainda segundo Amaral, Oswald de Andrade reduziu a dedicatória a "por ocasião da descoberta do Brasil" (AMARAL, 1970, p. 73). A redução na dedicatória deve-se ao distanciamento entre Oswald de Andrade e Blaise Cendrars. O rompimento dos brasileiros Oswald e Paulo Prado teve grande influência nesse distanciamento - uma vez que, desde a primeira visita do suíço - Prado e Cendrars haviam estabelecido uma grande amizade.

Blaise Cendrars, ao relatar sua chegada em 1924, cita em *La voix du sang*, não apenas os brasileiros Oswald, Tarsila e Paulo Prado, mas também outras personalidades com quem também teve contato, entre elas: Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Américo Facó, Prudente de Moraes, Guilherme de Almeida, Sérgio Buarque de Holanda e Paulo da Silveira; em *Trop c'est trop* (1957), há uma foto da chegada do suíço ao Rio de Janeiro com os brasileiros citados no texto.

4.2.2.2 PAULO PRADO

A partir da sugestão de Oswald de Andrade, Paulo Prado convidou o suíço e, por meio dessa primeira visita, ele e Cendrars manteriam uma grande amizade (AMARAL, 1970).

No prefácio, ao se referir a Paulo Prado, Blaise Cendrars afirma já ter falado bastante sobre o brasileiro no livro *Bourlinguer* (1948), mas ainda assim apresenta o amigo. O suíço afirma que Paulo Prado foi o patrocinador do movimento modernista paulista, e que se tornou um amigo íntimo com quem ele manteve relação até a morte do brasileiro, em 1943. Cendrars relata que o amigo foi como um irmão vinte anos mais velho, comparando-o a um homem da família de A. O. Barnabooth - em uma referência a Valery Larbaud. Segundo Blaise Cendrars (1953, p. 11), o brasileiro era "quase tão rico como o herói de Valery Larbaud, porém mais elegante, fino, letrado, erudito"[137]. Ele afirma que estava sempre na biblioteca do brasileiro, e que o amigo o fez ler todos os livros presentes nela.

O suíço ainda afirma que Prado o iniciou na história do Brasil e inspirou o amor pelo povo brasileiro e pelo país, ao ponto de considerá-lo sua segunda pátria espiritual. Cendrars (1953a, p. 14) elogia *Retrato do Brasil*, afirmando se tratar de "um ensaio único no gênero de história e de psicologia"[138]. Blaise Cendrars (1953a, p. 15) reproduz o comentário feito ao amigo: "- Seu pequeno livro é uma obra-prima, disse ao meu amigo Paulo Prado. Você escutou a voz do sangue. Tenho a impressão de que você está em busca do tempo perdido"[139].

Após receber de Paulo Prado o "Ciclo da cana-de-açúcar", Cendrars (1953a, p. 21) relata o comentário do brasileiro:

> - Você se lembra, Blaise, do que você me disse um dia do tempo perdido? Eu finalmente acho que você tinha razão. Entrego-lhe um autor que encontrou o tempo. É o nosso Proust. Um jovem. Leia-o...[140]

---

[137] No original: "presque aussi riche que le héros de Valery Larbaud mais beaucoup plus racé, fin, lettré, érudisant".
[138] No original: "un essai unique en son genre d'histoire et de psychologie".
[139] No original: " - Votre petit livre est un chef-d'œuvre, disais-je à mon ami Paul Prado. Vous avez écouté la voix du sang. J'ai l'impression que vous êtes à la recherche du temps perdu."
[140] No original: " - Vous vous souvenez, Blaise, de ce que vous me disiez un jour du temps perdu? Je finis par croire que vous aviez raison. Je vous apporte un auteur qui a retrouvé le temps. C'est notre Proust. Un jeune. Lisez-le..."

A referência ao “tempo perdido”, feita por Cendrars ao elogiar a obra de Paulo Prado, retorna quando o brasileiro apresenta o "Ciclo da cana-de-açúcar" ao suíço. A expressão "a voz do sangue", empregada por Cendrars ao comentar a obra de Paulo Prado, é retomada como o título do prefácio de *L'Enfant de la plantation* (1953), identificando a obra de Paulo Prado à de José Lins do Rego - em um momento em que os brasileiros (re)descobrem o Brasil e "dão voz ao sangue".

4.2.2.3 ROBERT A.

Robert A. é o remetente da correspondência proveniente de Paris e que tem relação com a tradução francesa do romance *Menino de engenho*, enviada em 7 de agosto de 1952 para o escritor. A correspondência consiste em um bilhete curto escrito em português. Na assinatura, como dito anteriormente, não conseguimos decifrar o sobrenome do remetente (ANEXO X).

Quadro 7 - Transcrição do bilhete enviado em 7 de agosto de 1952

Paris, 7 Agosto 52
Meu caro Zé Lins
A publicação de *Menino de engenho* está em andamento. Tudo o.k. Aí vai cópia da carta com o parecer do editor sobre a tradução. Envio tudo ao Mário Guimarães.
Mande notícias.
Abrace o seu
Robert A.

A forma de tratamento é informal e Robert saúda o escritor com um "Meu caro Zé Lins". Pelo tratamento e uso de linguagem coloquial (“aí vai”, “abrace o seu”), supõe-se que se trata de um amigo bastante próximo do paraibano. O modo como o remetente se dirige ao escritor ("Zé Lins") é comum entre os amigos e escritores brasileiros que, conhecidamente, mantinham relações de amizade com ele – sendo, portanto, uma forma de tratamento muito utilizada entre seus amigos. Não podemos afirmar categoricamente que se trata de um brasileiro, mas que certamente, entre os dois, havia uma relação de proximidade.

Na correspondência, Robert cita uma carta com o parecer do editor e o envio de "tudo" a Mário Guimarães. A cópia da carta com o parecer do editor não se encontra no acervo do Museu José Lins do Rego, onde fizemos nossa pesquisa. A partir dessas informações, pode-se supor que: Robert tinha acesso ao editor – seja como funcionário da *Deux Rives* ou como amigo de Defez e de José Lins do Rego – ao ponto de ter informações sobre o andamento da publicação e de receber uma carta com o parecer do editor sobre a tradução.

4.2.2.4 MÁRIO GUIMARÃES

Mário Guimarães é citado na correspondência de Robert A. e está envolvido na negociação da tradução francesa, como se pode perceber através do bilhete em que há a afirmação de que “tudo” foi enviado a Mário Guimarães.

Como vimos no capítulo anterior, em carta enviada a José Lins que trata da tradução de suas obras na Alemanha, a remetente e tradutora alemã Elfriede Kaut cita o "ministro Mário Guimarães" relacionando-o ao processo de tradução.

Por se tratar de duas cartas que abordam a tradução de obras no exterior (França e Alemanha), em datas muita próximas (7 de agosto de 1952 e 1º de setembro de 1952), acreditamos que o "Mário Guimarães" da correspondência francesa seja o mesmo "ministro Mário Guimarães" da correspondência alemã.

No período dessas cartas, há um Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) chamado Mário Guimarães, nomeado por decreto de 26 de maio de 1951 pelo presidente Getúlio Vargas, e aposentado em 10 de abril de 1956. Com isso, antes das cartas (1952), Mário Guimarães já era Ministro (1951) e no ano da publicação das traduções (*L'Enfant de la plantation* na França e *Santa Rosa* na Alemanha, as duas em 1953) ele ainda ocupava o mesmo cargo.

Segundo o site do STF[141],

> [a]lém de inúmeras decisões reproduzidas na *Revista dos Tribunais*, *Revista Forense*, *Arquivo Judiciário* e *Boletim do TRE de São Paulo*, publicou as seguintes obras: *Recurso de Revista* (1942); *Estudos de Direito Civil* (1946) e *O Juiz e a Função Jurisdicional* (1958).

[141] Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=130>.

Com isso, sabemos que Mário intermediou as duas traduções citadas acima, embora não tenhamos obtido mais informações sobre o meio pelo qual se deu e em que teriam consistido tais intervenções.

4.3 L'ENFANT DE LA PLANTATION, 2013: OPERAÇÕES SOCIAIS E INTERMEDIÁRIOS IMPLICADOS NA TRADUÇÃO

Ao longo deste tópico, abordaremos as operações sociais de seleção e de marcação, bem como os intermediários que atuaram na introdução de *Menino de engenho* (2013) na França. Na operação de seleção, abordaremos o que se publica, quem traduz e quem publica, e, na operação de marcação, tratando da editora em que a tradução foi publicada, da coleção em que está inserida, do tradutor e do prefaciador.

Partindo do ponto de vista da retradução, apresentado por Berman (2013), deve-se distinguir os espaços e tempos das duas traduções, pois, segundo o autor, o retradutor não está mais diante de um só texto (o original), mas diante de dois ou mais textos.

A retradução francesa de *Menino de engenho* foi publicada em 2013, com o mesmo título da edição de 1953, pela *Éditions Anacaona*, editora parisiense especializada em literatura brasileira. A obra integra uma das coleções da editora, *Collection Terra*, tendo sido traduzida e prefaciada por Paula Anacaona.

Em um artigo de Pierre Assouline (2013), a tradutora justifica a escolha por manter o título da primeira tradução nos seguintes termos:

> Em português, o título é: *Menino de engenho*. *Engenho*, em português, pode representar diferentes coisas: a plantação (os campos), e/ou a fábrica (o moinho de açúcar), e/ou a casa-grande e a senzala. Em função do contexto, o brasileiro sabe do que se está falando... mas evidentemente, no título, fala-se do conjunto – o *domínio*, de certa maneira. Menino do domínio? Não fica muito bonito. Menino dos campos e do moinho? Menos ainda. Retomei então o título de 1953, *L'Enfant de la plantation*, deixando de lado toda uma dimensão do *engenho*... Mas pouco importa. O importante, por meio do título, é fixar a paisagem.[142]

[142] No original: "En portugais, le titre est : *Menino do engenho*. *Engenho*, en portugais, peut représenter différentes choses : la plantation (les champs), et/ou la fabrique (le moulin à sucre), et/ou la maison du maître et des esclaves. En fonction du contexte, le brésilien sait de quoi l'on parle… mais évidemment, dans le titre, on parle de l'ensemble – le *domaine*, en quelque sorte. L'enfant du domaine ? Pas très joli. L'enfant des champs et du moulin ? Encore moins. J'ai donc repris le titre de 1953, *l'Enfant de la plantation*, en mettant de côté toute une dimension de l'*engenho*... Mais peu importe. L'important, par le titre, est de planter le paysage".

A partir dessa declaração, vemos a importância da primeira tradução e como esta influenciou na escolha da tradutora em manter o título. A opção por manter o mesmo título, inclusive, corresponde também a uma estratégia para que a retradução seja facilmente identificada pelos leitores que buscarem a primeira tradução.

De acordo com o *site* oficial das *Éditions Anacaona*[143], a editora francesa "pretende ser uma passarela de difusão da literatura brasileira na França"[144]. Criada em 2009, como uma casa editorial independente, "as Edições Anacaona eram essencialmente orientadas para a literatura marginal – uma literatura feita pelas minorias, raciais ou socioeconômicas, fora dos nervos centrais do saber e da grande cultura nacional [...]"[145]. Por volta de 2012, a proposta se ampliou e a editora:

> a editora tomou um novo rumo, publicando autores contemporâneos brasileiros em geral, porque o Brasil não se limita ao Rio, a São Paulo, às favelas – ainda que a desigualdade obscena na distribuição de renda, ou a violência irracional e injusta ligada ao tráfico de drogas sejam temas que ainda nos são caros.[146]

Atualmente, *Anacaona* apresenta três coleções no seu catálogo, são elas: *Collection Urbana*, *Collection Terra* e *Collection Época*.

A *Collection Terra*, na qual foi publicada a tradução de *Menino de engenho*, é apresentada nos seguintes termos pela editora: "*Collection* TERRA: os romances da ruralidade no Brasil"[147]. O mesmo *site* assim define o perfil das obras selecionadas para a coleção: "Os romances brasileiros TERRA são romances áridos, duros e severos, violentos e desesperados – como essas terras secas. Mas também são romances que transportam, romances místicos e contemplativos, poéticos e generosos – como essas terras férteis..."[148].

As demais obras que compõem essa coleção são: *Nos Os* (2014), de Marcelino Freire; *La terre de la grande soif* (2014), de Rachel de Queiroz; *Bernarda Soledade*,

---

[143] http://www.anacaona.fr/

[144] No original: "se veulent une passerelle de diffusion de la littérature brésilienne en France".

[145] No original: "les éditions Anacaona étaient essentiellement axées sur la littérature marginale– une littérature faite par les minorités, raciales ou socio-économiques, en marge des nerfs centraux du savoir et de la grande culture nationale [...]".

[146] No original: "la maison prend un nouveau virage, en publiant des auteurs contemporains brésiliens au sens large, car le Brésil ne se limite pas à Rio, à São Paulo, aux favelas – même si l'inégalité obscène dans la distribution des revenus, ou la violence déraisonnée et injuste liée au trafic de drogues sont des thèmes qui nous sont encore chers".

[147] No original: "Collection TERRA : les romans de la ruralité au Brésil."

[148] No original: "Les romans brésiliens TERRA, ce sont des romans arides, âpres et sévères, violents et désespérés – comme ces terres sèches. Mais aussi dépaysants, mystiques et contemplatifs, poétiques et généreux – comme ces terres fertiles…"

Tigresse du Sertão (2014), de Raimundo Carrero e *L'histoire de Poncia* (2015), de Conceição Evaristo.

Ao lado de *Menino de engenho* (1932), a presença do romance *O Quinze* (1930), da escritora cearense Rachel de Queiroz, que narra a história da pior seca do Nordeste até então (em 1915), auxilia na contextualização para o público francês de um período e de um movimento literário que marcou a literatura brasileira do século XX. Além desses, os romances *Ponciá Vicêncio* (2003), da escritora mineira Conceição Evaristo, e *Nossos Ossos* (2013), do pernambucano Marcelino Freire, retratam a trajetória de personagens que deixam o interior em direção à cidade grande. Entre os romances dos anos 1930 e os dos anos 2000, a presença de *A história de Bernarda Soledade - A tigre do sertão* (1975), do pernambucano Raimundo Carrero, também remete a um cenário situado no sertão do Nordeste, retratando a luta pelo poder e controle de territórios.

Dos títulos da *Collection Terra* é possível observar a presença tanto de clássicos da literatura brasileira como de romances contemporâneos que retratam os diferentes aspectos da ruralidade no Brasil. Por vezes, essa ruralidade está representada pelo ambiente do interior; em outros casos, pelos desafios que os personagens encontram ao deixar o interior em direção à cidade grande.

A publicação da retradução de *Menino de engenho* por uma editora especializada em literatura brasileira e inserida em uma coleção que aborda a ruralidade do Brasil apresenta a obra ao público francês como um romance regionalista, diferentemente da primeira tradução, que apresentou a obra ao público francês como um romance de cunho político e social. Esse é também um aspecto citado por Bourdieu (2013) ao tratar da retradução. Segundo o autor, a primeira tradução consiste em um movimento de anexação do original à língua estrangeira (o romance brasileiro inserido em um contexto de obras internacionais e sem destacar a sua origem), enquanto a retradução consiste em um movimento de invasão da língua materna pela língua estrangeira (o romance brasileiro é claramente apresentado como tal, dá-se destaque a sua origem e ao contexto literário do regionalismo).

A retradução de *L'Enfant de la plantation* em 2013, sessenta anos depois da primeira tradução, garante a sobrevivência da obra literária na França - não apenas como impresso que, como veremos mais adiante, estava esgotado, mas com uma nova escrita diferente da publicada em 1953. Além disso, o contexto editorial no qual a obra encontra-se inserida (*Collection Terra*) valoriza a literatura brasileira e a reescreve a

partir de uma perspectiva que abrange diferentes regiões e épocas, com títulos clássicos e contemporâneos.

4.3.1 INTERMEDIÁRIOS

Os intermediários que abordaremos a seguir são atores diretamente relacionados à tradução e à publicação de *L'Enfant de la plantation* (2013): o tradutor, o editor e o prefaciador. O estudo dos intermediários, como vimos anteriormente, esclarece o processo de translação da obra e o papel de cada um deles, auxiliando a compreensão do caminho percorrido pelo romance.

4.3.1.1 TRADUTORA

Na segunda tradução francesa de *L'Enfant de la plantation* (2013), a informação sobre a tradução consta na página de rosto: "Traduzido do brasileiro por Paula Anacaona"[149]. A tradutora é a fundadora da *Éditions Anacaona* e o sobrenome Anacaona, aparece relacionado apenas às demais traduções suas publicadas pela editora. Quanto ao seu sobrenome de registro (Salnot), a tradutora afirma que se trata do seu sobrenome "particular", e que assina Paula Anacaona desde que criou a editora (APÊNDICE D). Com o sobrenome Salnot, no entanto, assina traduções publicadas por outras editoras, como por exemplo *Depuis que la samba est samba* (2014), de Paulo Lins, pela *Asphalte Éditions*.

Diferentemente da situação da primeira tradução francesa, em que a tradutora assina "J. W. Reims" na obra, tratando-se de "Jeannine Worms", a contextualização sobre a tradutora Paula Anacaona é possível (apesar de ela utilizar dois nomes para assinar as traduções), uma vez que, em entrevistas e reportagens sobre as suas traduções ou sobre a editora *Anacaona*, ela é tratada por Paula Anacaona, constituindo referências para estudos posteriores.

A tradutora francesa tem formação em Tradução pela Universidade Paris VIII – Sorbonne. Com mestrado em tradução técnica, começou a se envolver com a tradução

[149] No original : *Traduit du brésilien par Paula Anacaona.*

literária em 2005, através do contato com a escritora brasileira Heloneida Studart[150] (AJALA, 2013). Após traduzir três obras de Heloneida Studart publicadas pela *Les Allusifs*, decidiu criar sua própria editora em 2009.

A tradução de textos é a sua atividade principal, associada ao trabalho de editora na *Anacaona*. Atualmente, traduz textos técnicos para ONGs e Organizações Internacionais, literatura e outros gêneros (ensaio, por exemplo) para demais editoras (APÊNDICE D).

De acordo com o catálogo da *Éditions Anacaona*, Paula Anacaona é a tradutora da quase totalidade dos títulos publicados pela editora. Entre os romances, traduziu: *Manuel pratique de la haine* (2009), de Ferréz; *Troupe d'élite 2* (2011), de Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista e Rodrigo Pimentel; *L'Océan dans lequel j'ai plongé sans savoir nager* (2012), de Marçal Aquino; *Charbon animal* (2013), de Ana Paula Maia; *Nos Os* (2014), de Marcelino Freire; *La terre de la grande soif* (2014), de Rachel de Queiroz; *A sept et à quarante ans* (2015), de João Anzanello Carrascoza; *Du bétail et des hommes* (2015), de Ana Paula Maia e *L'histoire de Poncia* (2015), de Conceição Evaristo (tradução com Patrick Louis). Traduziu também as seguintes coletâneas, cada uma das quais reunindo contos de diferentes autores: *Je suis favela* (2011), *Le football au Brésil* (2014) e *Je suis toujours favela* (2014).

4.3.1.2 EDITOR

Como dito anteriormente, a *Éditions Anacaona* foi fundada pela tradutora e ela exerce a função de editora. Em entrevista publicada na *Revue de l'Association des Bibliothécaires de France* (ANACAONA, 2015), quando questionada sobre o modo como descobre os autores que publica, Paula Anacaona (2015, p. 74) afirma:

> Eu vou ao Brasil com frequência: uma ou duas vezes por ano. As pessoas se dirigem com facilidade a mim. No começo - e eu sinto um pouco de nostalgia disso, eu ia vasculhar nas livrarias, eu perguntava aos amigos o que eles tinham lido, eu lia os jornais eletrônicos. Atualmente, uma profissão que está se desenvolvendo no Brasil, é a do agente literário. Eles vêm a mim, me enviam PDFs e eu me deparo com uma pilha enorme de livros para ler.[151]

---

[150] Entrevista a nós concedida em 6 de julho de 2013, quando da elaboração de nossa monografia de conclusão do curso de Bacharelado em Tradução (UFPB) intitulada *Menino de engenho (José Lins do Rego) na França: um estudo descritivo-comparativo de duas traduções*.

[151] No original : "Je vais au Brésil très souvent : 1 ou 2 fois par an. Les gens s'adressent facilement à moi. Au début - et j'en suis un peu nostalgique, j'allais farfouiller dans les librairies, je demandais à des amis ce

Em outra entrevista[152], publicada em 18 de outubro de 2012, referindo-se à criação da editora e à escolha dos escritores para tradução e publicação, Paula Anacaona assegura:

> Senti o desejo de montar uma editora porque, na França, eu sempre lamentei ao ver poucas heroínas de ficção juvenil, urbana, cosmopolita, miscigenada, sentada entre duas cadeiras, o coração balançando entre dois países. A problemática em torno dessa bi-cultura, desses questionamentos identitários - enriquecedores e paralelamente esquizofrênicos - se refletirá claramente nas minhas escolhas editoriais. [...] [A escolha dos escritores é c]ompletamente sem razão! Me dou ao luxo de publicar apenas o que me arrebata.[153] (BARNY; TONUS, 2012).

Quanto à negociação dos direitos para a tradução de *Menino de engenho*, a editora afirma que foi um processo um pouco complicado, já que as herdeiras (filhas do autor) não têm um agente literário (APÊNDICE D). O responsável pelos direitos autorais é a editora que publica as obras de José Lins do Rego no Brasil: a *José Olympio*. A editora francesa afirma que tratou diretamente com a diretora da editora *José Olympio*, comentando que isso não é completamente incomum, mas que considera o processo com os agentes literários mais profissional e mais rápido (APÊNDICE D).

A editora afirma que publicou *Menino de engenho* primeiro por "pura estratégia comercial, porque era o menor [dos romances dele], e eu poderia traduzir mais rápido; e também por ser o primeiro livro dele" (AJALA, 2013, p. 59). *Menino de engenho* não foi a primeira obra do autor paraibano com a qual a editora teve contato, e segundo informação presente no prefácio da edição, há ainda a previsão de publicação de outras duas obras de José Lins do Rego: *Cangaceiros* e *Fogo morto*.

---

qu'ils avaient lu, je lisais les journaux sur internet. Maintenant, une profession est en train de se développer au Brésil, celle d'agent littéraire. Ils viennent me trouver, m'envoient des PDF et je me retrouve avec une pile énorme de livres à lire".

[152] Entrevista concedida a Jean-Claude Barny e Leonardo Tonus e publicada no *blog Études Lusophones de l'Université de Paris IV*.

[153] No original : "J'ai ressenti l'envie de monter ma maison d'édition car j'ai toujours regretté, en France, de voir peu d'héroïne de fiction jeune, urbaine, cosmopolite, métissée, assise entre deux chaises, le coeur balançant entre deux pays. La problématique autour de cette bi-culture, de ces interrogations identitaires – enrichissantes et parallèlement schizophréniques – se reflètera clairement dans mes choix éditoriaux. [...] [Le choix des écrivains est] Complètement déraisonné ! Je m'accorde le luxe de ne publier que mes coups de coeur."

4.3.1.3 PREFACIADOR

A segunda tradução francesa tem o prefácio assinado por Paula Anacaona, como dito anteriormente. Essa informação consta no fim do texto introdutório com a data de publicação em março de 2013 (*Paula Anacaona, mars 2013*).

O processo de criação do prefácio foi, segundo a prefaciadora (APÊNDICE D),

> [u]ma mistura de vários textos que li: prefácio francês, prefácio brasileiro de Tristão de Athayde, o prefácio da edição brasileira de 1971, pesquisas e teses que encontrei disponíveis na Internet sobre o romance.

Como observado, *Éditions Anacaona* é uma casa editorial independente e, na obra em questão, Paula Anacaona assume as funções de tradutora, editora e prefaciadora.

Na quarta capa, no entanto, consta um trecho do prefácio da primeira edição francesa assinado por Blaise Cendrars: "*Lisez donc L'Enfant de la plantation. Je ne sais pas comment cela se fait, mais quand je lis ces pages, des oiseaux sautent d'une ligne à l'autre. Mon sang bat plus vite. Tout le Brésil est dans ce livre transparent*".

A escolha por inserir um trecho do prefácio de Blaise Cendrars confirma a asserção de Bourdieu (2013) de que aquele que retraduz não está mais à frente de um só texto, mas de dois ou mais, e revela que a editora reconhece a autoridade de Cendrars no espaço literário francês e faz uso do prestígio do escritor suíço. Além disso, expõe a opinião de Cendrars em um lugar considerado estratégico do peritexto editorial.

4.3.2 OUTROS INTERMEDIÁRIOS

Como dito anteriormente, ao propor o estudo de outros intermediários - além dos intermediários já discutidos - evocamos instituições e/ou personalidades que surgiram ao longo do estudo dos três intermediários (tradutor, editor e prefaciador) ou que aparecem relacionados ao processo tradutório em questão, com o propósito de obter mais informações sobre o caminho da tradução.

4.3.2.1 PAULO LINS

Em entrevista realizada em julho de 2013, ao ser questionada quanto ao contato com a obra *Menino de engenho* e com o autor José Lins do Rego, Paula Anacaona cita Paulo Lins como intermediário (AJALA, 2013).

Paula Anacaona conheceu o escritor brasileiro Paulo Lins (Paulo Cesar de Souza Lins), que se tornou conhecido com a publicação de *Cidade de Deus* (1997), em viagens do autor à França entre 2005 e 2006, e trabalhou como intérprete do autor (AJALA, 2013). Depois de várias idas do brasileiro à França, a intérprete e o autor se tornaram amigos, e ele compartilhou com a francesa a sua admiração por José Lins do Rego, assim como apontou a sua obra preferida: *Fogo morto* (AJALA, 2013).

Na mesma entrevista, Paula Anacaona afirma que *Menino de engenho* não foi a primeira obra do paraibano com que teve contato, e sim *Fogo morto* (1943) (AJALA, 2013). Após o primeiro contato com *Fogo morto*, a tradutora afirma ter lido *Cangaceiros* (1953) e, então, *Menino de engenho*. A opção por traduzir *Menino de engenho* primeiro, como dito anteriormente, consistiu em uma estratégia comercial.

4.3.2.2 FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

A tradução de *L'Enfant de la plantation* (2013) recebeu o apoio da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil (FBN), informação que consta no verso da página de rosto da edição.

Como já vimos, a FBN vem fornecendo, desde 2011, bolsas de apoio à tradução e publicação de obras de autores brasileiros a editoras estrangeiras que desejam traduzir, publicar e distribuir no exterior livros impressos já editados em português, no Brasil.

Em 2013, a reformulação do Programa oferece ajuda financeira para projetos de traduções inéditas, novas traduções ou reedições de obras já traduzidas, contanto que estivessem esgotadas (e fora do mercado há pelo menos três anos). A oferta de ajuda financeira para novas traduções reabre o acesso às obras, segundo a noção de retradução apresentada por Bourdieu (2013).

O apoio concedido para *L'Enfant de la plantation* (2013) inscreveu-se no segundo caso, com a primeira tradução esgotada há mais de três anos. A editora Paula

Anacaona afirmou que recorre "com frequência a esse apoio; mais ou menos 2/3 dos livros publicados pela *Anacaona* receberam essa ajuda" (APÊNDICE D).

Essa afirmação da editora revela o modo de funcionamento de uma casa editorial independente, voltada para a constituição de um acervo variado (no caso, de literatura brasileira) fundado no critério do valor literário; para tanto, é imprescindível recorrer à patronagem (LEFEVERE, 2007) sob a forma dos apoios concedidos pela FBN. Esse modo de funcionamento é característico do polo de produção restrita definido por Bourdieu (1996) ao se referir ao campo de produção cultural, que, segundo o autor, obedece a duas lógicas econômicas, dois modos de produção e de circulação da literatura: um simbólico (polo de produção restrita) e outro mercadológico (polo de grande produção).

No caso das editoras, o polo de produção de restrita, segundo Bourdieu (1996), além de objetivar a constituição de acervo, tem como características a rentabilidade a longo prazo, as pequenas tiragens, um ciclo de produção longo e uma produção baseada em um sistema de auxílios à edição e à tradução. Com isso, e a partir das informações obtidas, podemos afirmar que a editora *Anacaona* encontra-se inserida nesse polo de produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, inserido nos Estudos Descritivos da Tradução, consistiu na investigação dos caminhos das traduções francesas do romance *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego, publicadas em 1953 e em 2013 sob o título *L'Enfant de la plantation*, através da abordagem sociológica da tradução e da perspectiva das transferências culturais.

Através da abordagem sociológica saímos de uma problemática voltada para o texto e nos detivemos nas funções das traduções e dos intermediários nos respectivos espaços nos quais essas publicações se situam. A partir da abordagem da transferência cultural, proposta por Espagne (2012), pudemos evidenciar as ligações e mestiçagens entre os espaços nacionais e culturais, determinando os caminhos usados pela exportação e considerando os intermediários implicados nesse processo. O fato de essa abordagem considerar os contextos de produção e de recepção da obra, o papel dos intermediários e os impressos permitiu observar: i) o lugar que o romance e o autor ocupavam no Brasil no período da publicação; ii) a participação dos intermediários na divulgação da obra no país e no exterior, e iii) a importância dos impressos para elucidar algumas das relações existentes entre o autor e os intermediários do romance.

As operações sociais, propostas por Bourdieu (2002), destacam as relações implicadas na tradução e nas trocas internacionais através de questionamentos que buscam revelar os motivos e as funções das traduções, tendo os contextos de produção e de recepção papéis determinantes. A partir das operações de seleção e de marcação identificadas por Bourdieu foi possível destacar o romance *Menino de engenho* e a sua importância, os intermediários imediatos (tradutor, editor, prefaciador), a editora, a coleção em que está inserida a tradução, entre outros aspectos que marcam uma obra e, com isso, dão um novo sentido ao romance. As operações permitiram valorizar o contexto de publicação original e compreender o sentido e a função da tradução inserida em um contexto diferente.

Com isso, de forma ampla, traçamos um breve panorama da literatura brasileira na França por meio de alguns intermediários e das obras publicadas em quase dois séculos, observando a relação entre os países e a imagem do Brasil que foi sendo construída no decorrer dos anos. Foi possível observar o aumento no número de obras traduzidas e uma maior abertura do espaço literário francês à nossa literatura, através de

eventos literários e programas de apoio à tradução; no entanto, esse fato não implica uma maior visibilidade e um aumento nas vendas. A partir desse breve panorama foi possível ainda observar a importância dos eventos relacionados ao livro e do programa de auxílio para o aumento das traduções de literatura brasileira. No entanto, não há uma continuidade na divulgação e, como visto, nos anos posteriores aos eventos, o número de obras traduzidas não se mantém.

Ao percorrer a trajetória de José Lins do Rego, nos deparamos com diversos intermediários, brasileiros e estrangeiros e, entre eles, amigos e profissionais do livro. O percurso das publicações brasileiras foi, inicialmente, intermediado por amigos do autor; com a repercussão das primeiras obras, outros profissionais da área (como críticos e editores) serviram como mediadores. Através das correspondências passivas do paraibano foi possível observar alguns intermediários, as suas relações no exterior e o interesse em traduzir as obras do escritor. O estudo das correspondências, como a materialização das transferências culturais, possibilitou a reconstituição das relações revelando o interesse na tradução de uma obra (como no presente caso), as sugestões (a exemplo da correspondência enviada pela tradutora J. W. Reims ao escritor paraibano), as dificuldades, entre outras situações que podem esclarecer os motivos e o caminho da tradução de uma obra.

Com relação à contextualização do romance brasileiro e da relação do autor com a França, o estudo da correspondência passiva revelou, por exemplo, o contato com Anderson Weaver, americano residente no Brasil (Juiz de Fora/MG), em 1933, ano seguinte à publicação de *Menino de engenho*, demonstrando o interesse em traduzir a obra para o inglês; outro contato do autor foi com um grande divulgador da literatura brasileira na França, Manoel Gahisto, bem como com editores, tradutores e escritores estrangeiros. Este estudo também indicou a presença do autor em Paris a convite do governo francês; assim como tornou conhecida a relação do autor com a tradutora J. W. Reims, responsável pela primeira tradução francesa de *Menino de engenho*.

Para investigar os caminhos das traduções francesas estudamos primeiramente, de modo breve e geral, o contexto de publicação nos dois períodos (1953 e 2013), levando em consideração o contexto das obras traduzidas. Em seguida, passamos à identificação das operações sociais e dos intermediários das traduções, inicialmente através da contextualização do romance a partir do contexto da editora e, em seguida,

através da identificação dos intermediários diretamente relacionados à tradução da obra (tradutor, editor e prefaciador) e de outros que participaram do processo.

O período que separa as duas traduções já apontava que os caminhos deveriam ser, de fato, diferentes. Houve mudanças não apenas nos meios de comunicação (correspondência, e-mail), nos intermediários (amigos, editores) e no contexto da literatura brasileira na França (número de traduções publicadas), mas também a pesquisa com as correspondências para o estudo da primeira tradução e da entrevista para o estudo da retradução.

A identificação das operações sociais (seleção e marcação) implicadas permitiu mostrar os novos significados e funções das duas traduções no contexto de chegada. Na primeira tradução (1953), a obra encontra-se inserida em um contexto em que o espaço concedido à literatura brasileira era bem menor (se comparado com o contexto de 2013); inserida também em uma coleção que apresenta obras provenientes de diferentes países e de posição político-ideológica de esquerda (*Menino de engenho* é o único título de língua portuguesa entre obras de outras línguas e países que integram a coleção). O romance é identificado, nessa primeira tradução, como uma obra de cunho político e social.

Um aspecto favorável para a primeira tradução (1953) foi a presença de viajantes franceses no país e o contato deles com os autores brasileiros. É o caso de Blaise Cendrars, que manteve contato com vários escritores brasileiros e, posteriormente, se tornou um grande divulgador na França da literatura brasileira e do Brasil. Foi o prefaciador da primeira tradução, tendo esse texto sido publicado mais duas vezes, além de ter um trecho citado na retradução – sessenta anos após a primeira publicação. No período dessa publicação, José Lins do Rego viajava pela Europa a convite do governo francês, divulgando sua literatura e exercendo o papel de intermediário de sua própria obra; além disso, mantinha contato com alguns franceses, a exemplo da tradutora J. W. Reims.

A retradução (2013), por sua vez, surge em um contexto editorial favorável, em que o espaço concedido à literatura brasileira é relativamente maior, posterior a uma série de acontecimentos: uma maior abertura das editoras à literatura brasileira (inclusive com a criação de coleções); a realização de eventos literários em que o Brasil foi homenageado (Feira de Frankfurt/1994 e 2013, *Salon du livre* de Paris/1998,); o Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior da

Fundação Biblioteca Nacional, reformulado em 2011. A obra encontra-se inserida em uma editora especializada em literatura brasileira e em uma coleção voltada para obras de temática rural. O romance é, então, identificado como uma obra regionalista. A retradução recebeu o incentivo da FBN, sendo este incentivo recente e que revela uma maior abertura e visibilidade à literatura brasileira na França, embora isso não signifique um aumento no número de vendas, e sim aumento no número de obras traduzidas. Além disso, convém mencionar que a editora tomou conhecimento da obra através da indicação de um amigo e escritor brasileiro, sem a mediação de um agente literário.

O estudo dos intermediários, tanto no contexto de produção como no de recepção, permitiu retraçar os caminhos da publicação e das traduções da obra de José Lins do Rego. Através do estudo desses intermediários foi possível confirmar a importância desses atores na publicação da obra de José Lins no Brasil e no exterior. Pode-se verificar também os diversos intermediários (de amigos e escritores a profissionais da área, como críticos e editores). Além disso, o papel fundamental do próprio autor paraibano como intermediário na divulgação e na negociação de traduções verificadas por meio das viagens que realizou e das correspondências recebidas.

O estudo dos impressos (correspondências) foi fundamental para a compreensão das relações que se estabeleceram entre o autor e os intermediários de sua obra. Através desse estudo foi possível ver o interesse de editores brasileiros e estrangeiros na obra do escritor, bem como as negociações que obtiveram (ou não) sucesso e o modo como se deu.

Verificamos que os contextos das editoras que publicaram as traduções francesas são diferentes: no que diz respeito à *Éditions de Deux Rives*, inferimos tratar-se de uma editora de maior porte se comparada à segunda editora, a *Éditions Anacaona*, tendo em vista as informações obtidas e a presença de um prefaciador renomado. A *Éditions Anacaona*, como dito anteriormente, é uma editora independente, em que, com frequência, um indivíduo assume diversas funções - no caso da tradução em questão, Paula Anacaona acumula as funções de editora, tradutora e prefaciadora. Outro ponto em que as editoras diferem diz respeito à utilização ou não do auxílio à publicação; nas pesquisas referentes à primeira tradução, não encontramos qualquer informação referente a auxílio à edição ou à tradução; já a retradução traz, no verso da página de rosto, a informação de que contou com apoio institucional, e a própria editora, em

entrevista, afirma recorrer com frequência a esse tipo de auxílio por parte do governo brasileiro para tradução e publicação.

Além da perspectiva aqui adotada, as duas traduções francesas de *Menino de engenho* poderiam ser objeto, entre outras abordagens, de um estudo comparativo textual tendo em vista os sessenta anos que separam as edições e o desenvolvimento nos Estudos da Tradução nesse período.

O presente estudo expande as possibilidades de pesquisa tanto dos caminhos de outras obras de José Lins do Rego quanto de outros autores, com a finalidade de observar como se deram as transferências culturais, bem como verificar se outros autores também exerciam o papel de mediadores da sua própria obra, como foi o caso de José Lins do Rego.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Estela dos Santos. *Ouvrages brésiliens traduits en France*. 3e. ed.augm. Rio de Janeiro: Bureau du Livre, Consulat Général de France/Biblioteca Nacional/UFF, avr. 1994.

_____. *Ouvrages brésiliens traduits en français*. 6e. ed. mise à jour. Rio de Janeiro: ABL, 2008.

ABREU, Márcia. A Circulação Transatlântica dos Impressos: a globalização da cultura no século XIX. In: *Livro - revista do núcleo de estudos do livro e da edição*. Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo. 2011, pp. 115-130. Disponível em: <http://migre.me/ujMdi>. Acesso em: 19 abril 2016.

AJALA, Flora Marina Figueiredo. *Menino de engenho (José Lins do Rego) na França: um estudo descritivo – comparativo de duas traduções*. Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2013.

ALMEIDA, José Américo de. O contador de histórias. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). *José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Paraíba: FUNESC, 1991, p. 70-75.

AMARAL, Aracy A. *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970.

AMARAL, Gloria Carneiro do. A atuação de Roger Bastide no Mercure de France. In: III CONGRESSO ABRALIC, v. 1, 1992. *Limites: Anais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Niterói, RJ: ABRALIC, 1995.

AMARAL, Ruy Pacheco de Azevedo. *O ano do Brasil na França*: um modelo de intercâmbio cultural. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. Disponível em: <http://migre.me/ujMdP>. Acesso em: 16 fev. 2016.

ANACAONA, Paula. Paula Anacaona, un désir de Brésil. *Revue de l'Association des Bibliothécaires de France*, Paris, n. 78, p. 72-76, mars 2015. Propos recueillis par Lucille Bion et Aude Jouanne.

ASSOULINE, Pierre. La république des livres. Comment transcrire le régionalisme de José Lins do Rego. França, 2013. Disponível em: <http://larepubliquedeslivres.com/comment-transcrire-le-regionalisme-de-jose-lins-do-rego/>. Acesso em: 17 out. 2016.

BADRÉ, Frédéric. *Paulhan le juste*. Paris: B. Grasset, 1996.

BARBOSA, Francisco de Assis. Foi a Velha Totônia quem me ensinou a contar histórias. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). *José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Paraíba: FUNESC, 1991, p. 57-67.

BARBOSA, Sara Rogéria Santos. Ferdinand Denis e a formação da literatura brasileira. *Anais do Seminário Nacional Literatura e Cultura*. Vol. 1, agosto de 2009. UFS - São Cristóvão. Disponível em: <http://migre.me/ujMey>. Acesso em: 19 abril 2016.

BARNY, Jean-Claude; TONUS, Leonardo. *Anacaona Éditions*. Les marginaux, moteurs de la culture? França, 2012. Disponível em: <http://www.anacaona.fr/uncategorized/les-marginaux-moteurs-de-la-culture-interview-de-paula-anacaona-par-luniversite-de-paris-sorbonne/>. Acesso em: 17 out. 2016.

BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. Prefácio geral dos organizadores. In: LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 11-12.

BASTIAENEN, Etienne. Quand les écrivains brésiliens adulaient Blaise Cendrars. *L'OBS*, mar. 2015. Disponível em: <http://migre.me/ujPSv>. Acesso em: 05 jul. 2016.

BASTIDE, Roger. La littérature brésilienne. In: CARNEIRO DO AMARAL, Gloria; RAVELET, Claude (Org). *Bastidiana - Études de littérature brésilienne et autres essais*. N. 37-38. janvier-juin 2002.

BELIAKOVA, Elena. Jorge Amado e a literatura brasileira na Rússia. *Amerika* [En ligne], 10 | 2014, mis en ligne le 22 juin 2014, consulté le 16 avril 2016. URL : http://amerika.revues.org/4546 ; DOI : 10.4000/amerika.4546

BERMAN, Antoine. *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2 ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BESSIRE, François (dir.). *Travaux de Littérature*: L'écrivain éditeur, Deuxième partie (XIXe-XXe siècles).Genève: l'ADIREL, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Le marché des biens symboliques. *L'Année sociologique*, vol. 22, 1971, p. 49-126.

_____. A economia das trocas linguísticas. In: ORTIZ, Renato (org). *Bourdieu - Sociologia*. São Paulo: Ática, vol. 39, 1983, p. 156-183.

_____. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa: Difusão Editorial, 1989.

_____. Le champ littéraire. *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 89, septembre 1991. Le champ littéraire. pp. 3-46. Disponível em: <http://migre.me/ukLYw>. Acesso em: 06 maio 2016.

_____. *As Regras da Arte*: Gênese e Estrutura do Campo Literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 145, 2002. pp. 3-28. Disponível em: <http://migre.me/ukLY3> Acesso em: 22 de abril de 2016.

CASANOVA, Pascale. A república mundial das letras. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002a.

_____. Consécration et accumulation de capital littéraire [La traduction comme échange inégal]. *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 144, septembre 2002b. Traductions: les échanges littéraires internationaux. pp. 7-20. Disponível em: <http://migre.me/ukLXt>. Acesso em: 06 maio 2016.

CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rego*: nordeste e modernismo. 2 ed. João Pessoa: Editora Universitária/UEPB, 2001.

CENDRARS, Blaise. La voix du sang. In: REGO, José Lins do. *L'Enfant de la plantation*. Traduit par Jeanne Worms-Reims. Paris: Deux-Rives, 1953a.

_____. La voix du sang. *Les Nouvelles Littéraires*: artistiques et scientifiques, Paris, Nº 1333, 19 mars 1953b.

_____. La voix du sang. In: _____. *Trop c'est trop*. Paris: Éditions Denoël, 1957.

COOPER-RICHET, Diana. Transferts culturels et passeurs de culture dans le monde du livre (France - Brésil, XIX siècle). São Paulo, Unesp, v. 9, n.1, p. 128-143, janeiro-junho, 2013. Disponível em: <http://migre.me/ukLXf>. Acesso em: 06 maio 2016.

CUNHA, Teresa Dias Carneiro da. A literatura brasileira traduzida na França: o caso de Macunaíma. *Cadernos de Tradução* (UFSC), v. II, p. 287-330, 1997.

DANTAS, Marta Pragana. Le flux des traductions de la littérature française au Brésil. Enjeux politiques et economiques (1984-2002) In: SAPIRO, Gisèle (Org). *Les contradictions de la globalisation éditoriale*. Paris: Nouveau Monde, 2009, p. 315-333.

_____. Réflexions autour des inégalités littéraires : la littérature brésilienne traduite en France (2000-2015). Capítulo de livro no prelo.

DATA BNF. *[Site]*. Jeannine Worms. Disponível em: <http://data.bnf.fr/11929402/jeannine_worms/>. Acesso em: 10 jul. 2015.

DUARTE, Arnon. *História*. Disponível em: <http://migre.me/ulEOI>. Acesso em: 19 fev. 2016.

ÉDITIONS FAUSTROLL. *[Site]*. Communiqué de presse. Disponível em: <http://faustroll.net/presse/index.htm>. Acesso em: 26 jun. 2015.

ESPAGNE, Michel. *Transferências Culturais e História do Livro*. In: Livro – revista do núcleo de estudos do livro. Tradução de Valéria Guimarães. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

_____. La notion de transfert culturel. Revue Sciences/Lettres [En ligne], 1 | 2013, mis en ligne le 01 mai 2012, consulté le 06 février 2015. URL : http://rsl.revues.org/219 ; DOI : 10.4000/rsl.219

EULALIO, Alexandre. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*: ensaio, cronologia, filme, depoimentos, antologia, desenhos, conferências, correspondência, traduções. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Unesp, 2001.

FIGUEIREDO JÚNIOR, Nestor Pinto de. *Onde nasceu José Lins do Rego, afinal?*. João Pessoa: Idéia, 2000.

_____. *José Lins do Rego*. João Pessoa: Edições FUNESC, 2001a.

_____. A correspondência passiva de José Lins do Rego. In: Conferência na Academia Brasileira de Letras, p. 25-44, 2001b, Rio de Janeiro. *Culto da Imortalidade*. Disponível em: <http://migre.me/ulEPN>. Acesso em: 10 mar. 2016.

_____. Menino de engenho - a história de um livro. *D.O. Leitura*, São Paulo, v. 20, n. 6, p. 27-39, jun. 2002.

FOUCHÉ, Pascal (dir.). *L'édition française depuis 1945*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 1998.

FREY, Luisa. *Traduções de autores brasileiros dão um salto após programa de incentivo*. DW, 2011. Disponível em: <http://migre.me/ujMfJ>. Acesso em: 18 fev. 2016.

GARCIA JR, Afrânio. Meninos de engenho: tradições e dramas familiares feitos símbolos da brasilidade. *Antropolítica*, Niterói, n. 30, p. 21-47, 1. sem. 2011. Disponível em: <http://migre.me/ulESz>. Acesso em: 02 mar. 2016.

GIRALDI, Renata. *Cultura brasileira será destaque pela segunda vez na Feira do Livro de Frankfurt*. Agência Brasil, 2010. Disponível em: <http://migre.me/ujMgC>. Acesso em: 18 fev. 2016.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*: sua história. Trad. Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1985.

HEILBRON, Johan; SAPIRO, Gisèle. Por uma sociologia da tradução: balanço e perspectivas. Tradução de Marta Pragana Dantas e Adriana Cláudia de Sousa Costa. In: *Graphos* – Revista da Pós-Graduação em Letras. João Pessoa, Vol. 11, nº. 2, 2009, p. 13-28. Disponível em: <http://migre.me/ukLVK>. Acesso em: 03 maio 2016.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *ABC de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

IMEC ARCHIVES. *[Site]*. Fonds Worms, Jeannine. Disponível em: <http://migre.me/ujPTu>. Acesso em: 26 jun. 2015.

LAMBERT, José. A tradução. In: GUERINI, A.; TORRES, M.H.C.; COSTA, W.C. (Org.) *Literatura e tradução: textos selecionados de José Lambert*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p. 183-196.

LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. Sobre a descrição de traduções. In: GUERINI, A.; TORRES, M.H.C.; COSTA, W.C. (Org.) *Literatura e tradução: textos selecionados de José Lambert*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p. 208-223.

LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: Edusc, 2007.

LEGIFRANCE. *[Site]*. Le service public de la diffusion du droit. Disponível em: <http://migre.me/ujPTJ>. Acesso em: 17 jun. 2015.

LES BELLES ÉTRANGÈRES. *[Site]*. Éditions 2010 des Belles Étrangères. Disponível em: <http://www.belles-etrangeres.culture.fr/>. Acesso em: 17 fev. 2016.

LIMA, Mariana Gonçalves de. A trajetória de Sant'Anna Nery: um mediador entre o Brasil e a França. *Anais - XIV Congresso Internacional Abralic*. jun-jul de 2015. UFPA - Belém. Disponível em: <http://migre.me/ujMhI>. Acesso em: 19 abril 2016.

LIMA, Sônia M. van Dijck et al. *Retalhos de amizades*: correspondência passiva de José Lins do Rego. João Pessoa: Edições FUNESC, 1995.

MARTINS, Marcia do Amaral. Peixoto. O papel da patronagem na difusão da literatura brasileira: o Programa de Apoio à Tradução da Biblioteca Nacional. In: GUERRINI, A.; TORRES, M.H.C.; COSTA, W.C. (Org.) *Literatura Traduzida & Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 39-52.

MELLER, Lauro. Correspondência passiva de José Lins do Rego. In: LIMA, Sônia M. van Dijck et al. *Retalhos de amizades*: correspondência passiva de José Lins do Rego. João Pessoa: Edições FUNESC, 1995, p. 19-28.

MERCURE DE FRANCE. *[Site]*. Disponível em: <http://visualiseur.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2021321>. Acesso em: 12 jul. 2015.

MÉRIAN, Jean-Yves. Jorge Amado dans la collection « La Croix du Sud » de Roger Caillois. *Amerika* [En ligne], 10 | 2014, mis en ligne le 22 juin 2014, consulté le 16 avril 2016. URL : http://amerika. revues.org/4992 ; DOI : 10.4000/amerika.4992

NEVES, João Alves das. Cendrars e o Brasil. In: AMARAL, Aracy A. *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970, p. 173-178.

PAUVERT, Jean-Jacques. *La travesía del libro*: memorias de Jean-Jacques Pauvert. Traducción de María José Furió Sancho. Madrid: Trama editorial, 2011.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. Dois momentos sobre José Lins do Rego e o Menino de engenho. In: REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. [recurso eletrônico] 104. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. Roger Bastide, professor da Universidade de São Paulo. *Estud. av.*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 215-220, Dec. 1994. Disponível em: <http://migre.me/ujMcA>. Acesso em 03 maio 2016.

QUEIROZ, Rachel. Menino de engenho: 40 anos. In: REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. [recurso eletrônico] 104. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

RANGEL, Lívia de Azevedo Silveira. Lídia Besouchet : mediações culturais e políticas na trajetória de uma escritora brasileira no exílio platino (1938 a 1948) [en línea]. *I Jornadas de Trabajo sobre Exilios Políticos del Cono Sur en el siglo XX*, 26, 27 y 28 de septiembre de 2012, La Plata, Argentina. En Memoria Académica. Disponible en: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.2559/ev.2559.pdf>.

RAVELET, Claude. Roger Bastide et la littérature brésilienne. In: CARNEIRO DO AMARAL, Gloria; RAVELET, Claude (Org). *Bastidiana - Études de littérature brésilienne et autres essais*. N. 37-38. janvier-juin 2002.

REGO, José Lins do. *Menino de engenho - Doidinho*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.

_____. *Menino de engenho*. Primeira edição. Rio de Janeiro: Adersen-Editores, 1932.

_____. *L'Enfant de la plantation*. Traduit par J. W.-Reims. Paris: Éditions des Deux-Rives, 1953.

_____. *Menino de engenho*. [recurso eletrônico] 104. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

_____. *L'Enfant de la plantation*. Traduit par Paula Anacaona. Paris: Éditions Anacaona, 2013.

_____. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2016. Disponível em: <http://migre.me/ujMcV>. Acesso em: 18 fev. 2016. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

RIAUDEL, Michel (dir.). *France Brésil*, catalogue bibliographique commenté du Brésil dans l'édition en langue française. Paris: Association pour la diffusion de la pensée française, 2005.

RIBEIRO, Maria Aparecida. A sertaneja que não quis ser traduzida: Rachel de Queiroz e a Livros do Brasil. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 53, p. 13-26, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://seer3.fapa.com.br/index.php/arquivos>. Acesso em: 08 mar. 2016.

RITUI, Christine. Présentation. In: BASTIDE, Roger. *Brésil, Terre des contrastes*. Paris, Montréal (Québec), l'Harmattan, 1999.

RIVAS, Pierre. *Encontro entre literaturas*: França-Brasil-Portugal. Trad. Coordenada por Durval Ártico e Maria Letícia Guedes Alcoforado. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. A recepção da literatura brasileira na França. In: RIAUDEL, Michel (dir.). *France Brésil*, catalogue bibliographique commenté du Brésil dans l'édition en langue française. Paris: Association pour la diffusion de la pensée française, 2005, p. 73-78.

_____. Matériaux pour une étude de la réception de la littérature brésilienne en France. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada/ABRALIC*. 9 ed. Rio de Janeiro, 2006.

SEAVER, Richard. *A hora terna do crepúsculo*: Paris nos anos 1950, Nova York nos anos 1960: memórias da era de ouro da publicação de livros. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2013.

SKIDMORE, Thomas E. *Uma história do Brasil*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

SOARES, Lucila. *Rua do Ouvidor 110*: uma história da Livraria José Olympio. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

SORÁ, Gustavo. Livros de Autores Brasileiros na Argentina: Uma Força de Alteridade Negada. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras Culturais*: Brasil - Uruguai - Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p. 171-208.

SPÉZIA, Karla. *A literatura brasileira traduzida na França de 2000 a 2013*: Uma perspectiva descritiva e sociológica. 2015. Dissertação - Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TOOGE, Marly D' Amaro Blasques. Traduzindo o Brazil : o país mestiço de Jorge Amado. *Amerika* [En ligne], 10 | 2014, mis en ligne le 22 juin 2014, consulté le 09 mars 2016. URL : http://amerika.revues.org/5008 ; DOI : 10.4000/amerika.5008.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Traduzir o Brasil literário*: história e crítica, Volume 2. Trad. Clarissa Prado Marini, Sônia Fernandes, Aída Carla Rangel de Sousa, Germana Henriques Pereira de Sousa. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2014.

YRIARTE, Gabrielle. La littérature brésilienne en France : qu'en disent les traducteurs ? *Revue de l'Association des Bibliothécaires de France*, Paris, n. 78, p. 46-50, mars 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Transcrição e tradução da carta enviada em 18 de agosto 1934 por Manoel Gahisto

Paris le 18 août 1934

155 Faubourg Poissonnière (9ème)

Mon cher Confrère,

Je vous envoie ci-joint les pages du *Mercure de France*, numéro du 15 août, renfermant une chronique des *Lettres brésiliennes* dans laquelle votre dernier ouvrage a été signalé à nos lecteurs. (page 204)

Il m'est difficile de parler longuement de tous les livres que je reçois dans le nombre de pages fixé pour chaque chronique. Je joins donc à cette étude tous mes compliments pour votre bel effort. Il me sera toujours agréable de m'occuper de vos ouvrages par la suite car on ne peut douter qu'ils ne soient remarquables.

Je vous prie d'agréer, mon cher Confrère, l'assurance de ma vive sympathie.

Gahisto

Paris, 18 agosto de 1934

155 Faubourg Poissonnière (9ème)

Meu caro colega,

Envio-lhe em anexo as páginas da *Mercure de France*, número de 15 de agosto, contendo uma crônica das *Lettres brésiliennes* na qual a sua última obra foi apresentada aos nossos leitores. (página 204)

É difícil para mim, falar longamente de todos os livros que recebo dentro do número de páginas estabelecido para cada crônica. Acrescento, portanto, a esse estudo todos os meus cumprimentos pelo seu belo trabalho. Para mim, será sempre agradável tratar de suas obras daqui em diante, pois não há dúvida de que são notáveis.

Queira aceitar, meu caro colega, a afirmação da minha verdadeira simpatia.

Gahisto

APÊNDICE B - Transcrição da carta enviada em 09 de janeiro de 1945 por Eduardo Mallea

1845, Avenida Santa Fe, 3º D

Buenos Aires, 9 enero 1945

Querido y admirado José Lins:

Lidia me da la gran noticia de que propos a su traducción de Todo Verdor. No sabe usted cuánto me alegra y me honra la idea de que usted va a traducir y prologar un libro mío: se trata de un sentimiento del tipo de los que la gente entiende poco y sólo algunos novelistas pueden contar, una alegría infantil, muy llena de ingenuo y desenfrenado orgullo. La lectura de Fogo morto y de Bangué (que acabo de hacer en la [palavra não identificada] versión española de Navarro) redoblará mi devoción por su calidad de novelista, tan extraña en América y también en Europa, una calidad de gran estirpe, de la que sólo se sabe en los comienzos de las grandes culturas.

¿Qué escribe usted ahora? Yo, en los ratos que puedo hurtar a la grave inquietud política en que estamos, escribo una novela, menos simple de asunto y más extensa que Todo Verdor. Mis vacaciones, que ahora comienzo, me permitirán, espero, avanzar bastante en el libro.

Me gustaría que me escribiera. Vivimos demasiado incomunicados, ustedes y nosotros. Mucho de lo que nos sucede pasa por eso.

Le mando un gran abrazo y mi gran deseo de recibir noticias suyas.

Eduardo Mallea

Acabo de dar su nombre a un excelente crítico italiano para que comente su obra en Roma. Él le escribirá. Naturalmente, lo conocía; pero ignoraba el carácter cíclico de su obra, su sinfonía temática, a mi juicio tan importante.

APÊNDICE C - Transcrição da carta enviada em 22 de agosto de 1952 por J. W. Reims

M. Lins do Rego
Rio de Janeiro
J. W. Reims
Paris - 22 - VIII .52

Cher maître et ami,

Je ne vous ai pas encore donné signe de vie depuis votre départ. Je n'avais rien de neuf à vous apprendre.

J'espère que vous avez reçu la nouvelle version de la traduction, que je vous ai fait parvenir par porteur, et que vous en aurez été content. Notre éditeur français s'en déclare enchanté.

Il vient de me suggérer une idée que je trouve interessante et que je vous propose. Il voudrait publier sur une petite partition les notes des melodies des chansons que comprend votre texte. Qu'en pensez-vous? Seriez-vous en mesure de nous le faire parvenir - le plus rapidement possible, bien entendu... vous n'oubliez pas notre discussion (palavra não identificada) à l'ambassade.

J'espère que vous aurez gardé un bon souvenir de votre séjour à Paris, et que nous aurons bientôt le plaisir de vous y revoir.

Je suis pour ma part en plein projet de théâtre. On doit jouer une de mes petites pièces l'hiver prochain. J'attends de voir le premier lever de rideau pour y croire. D'autres projets aussi, du journal mensuel d'art et de combat, la critique est trop tendre, elle devient choeur d'éloges...

Je vous laisse, en vous priant de croire à ma vive sympathie et à mon admiration.

J. W. Reims
70, Fg. St. Honoré. Paris VIII

APÊNDICE D - Entrevista concedida pela editora e tradutora Paula Anacaona para a autora desta dissertação, via *e-mail*, em 27 de julho de 2015, em português.

Qual foi a edição brasileira de *Menino de engenho* a que você teve acesso para a tradução?

Paula Anacaona: Para traduzir, utilizei uma edição antiga de *Menino de engenho* (1971), que comprei em um sebo. Quando fechei a negociação para a tradução, a editora *José Olympio* me enviou uma edição impressa em 2012.

Na edição de *L'Enfant de la plantation* (2013), a informação sobre a autoria da tradução indica Paula Anacaona, assim como em outras traduções suas publicadas pela *Éditions Anacaona*. Já em outras traduções suas, publicadas por outras editoras, aparece o seu nome de registro Paula Salnot. Qual o motivo de assinar com o nome da editora?

PA: Desde que eu criei a *Anacaona*, eu assino com o sobrenome Anacaona. Salnot é o meu sobrenome 'particular'.

Atualmente o seu trabalho como tradutora está restrito à literatura brasileira e à sua editora, ou você traduz outros tipos de textos e/ou literatura para outras editoras? Quais são as outras obras que você traduziu?

PA: Sim, faço muitas traduções técnicas para ONGs e Organizações Internacionais. Nos últimos trabalhos para outras editoras, traduzi um romance brasileiro; no momento, estou traduzindo uma série de livros infantojuvenil e; para o ano que vem, tenho a tradução de um ensaio.

Na função de editora, como se deu a negociação dos direitos para a tradução de *Menino de engenho*?

PA: Foi um pouco complicado, porque as herdeiras não têm um agente literário. O responsável pelos direitos é a diretora da editora *José Olympio*. Foi com ela que eu tratei diretamente. Isto não é completamente incomum, mas eu acho que com os agentes é mais profissional e mais rápido.

Na função de prefaciadora, como foi o processo de criação do texto introdutório de *L'Enfant de la plantation*? Os prefácios das edições brasileiras ou o prefácio da primeira tradução francesa tiveram importância nesse processo?

PA: Eu fiz a partir de uma mistura de vários textos que li: prefácio francês, prefácio brasileiro de Tristão de Athayde, o prefácio da edição brasileira de 1971, pesquisas e teses que encontrei disponíveis na Internet sobre o romance.

***L'Enfant de la plantation* foi publicado com o apoio da Fundação Biblioteca Nacional. Como surgiu esse apoio?**

PA: Esse apoio é um edital aberto a todas as editoras estrangeiras. Como critério de seleção, a tradução proposta deve ser nova ou, quando se trata de uma segunda tradução, a primeira deve estar esgotada, que foi o meu caso com *Menino de engenho*. Eu recorro com frequência a esse apoio, mais ou menos 2/3 dos livros publicados pela *Anacaona* receberam essa ajuda.

ANEXOS

ANEXO A - Autorização do Museu José Lins do Rego para a utilização e a reprodução de documentos

AUTORIZAÇÃO

Eu Maria do Carmo de B. P. Diniz, abaixo assinado, responsável pelo Museu José Lins do Rego (FUNESC), autorizo a realização do estudo ***De Menino de engenho a L'enfant de la plantation: os caminhos das traduções francesas da obra de José Lins do Rego***, conduzido pela pesquisadora e mestranda Flora Marina Figueiredo Ajala, abaixo assinado. Fui informado pelo responsável do estudo sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades realizadas na instituição a qual represento. Declaro ainda autorizado a utilização e a reprodução dos documentos pesquisados na presente instituição.

João Pessoa, 14 de julho de 2016.

Maria do Carmo de B. P. Diniz

Assinatura do responsável institucional

Mª do Carmo P. Diniz
Coordenação
Museu José Lins do Rêgo
Mat: 94.729-6 / FUNESC

Flora Marina Figueiredo Ajala

Flora Marina Figueiredo Ajala

ANEXO B - Carta enviada em 30 de julho de 1933 por Anderson Weaver

Granbery, Juiz de Fora

July 30, 1933

Dr.Jose´Lins do Rego -

Maceio.

My dear Friend -

Thank you for your very kind letter received last week, and also for the excellent photograph which came afew days later. I prize that picture, and like to show it to my friends. The ladies among them seem to be especially attracted by the expression of yourface and eyes, and frequently ask if you are married. As Brazil is not yet publishing a "Who's Who" Volume, I'm unable to give the information.

This afternoon I shall finish the revised translation of "Menino do Engenho," , "Sonny-Boy of a Brazilian Sugar-Mill." And I plan to send it to some American Publishers, probably this week. I may send it to Curtis in Philadelphia, publishers of Saturday Evening Post, Ladies' Home Journal, and so forth. I'd like for it to be published first as a serial in some magazine with 2,000,000 subscribers, and then published in book-form.

At least a dozen times I have gone over each page, revising, correcting, touching up; so that it might not be surprising if I soon know the story by heart. Well, I confess to you that with all the repeated readings it has not grown monotonous to me. And I'm eager to see the sequel. May I insist again that it have just a little more brightness, especially at the conclusion; and also a touch of humor here and there.

You ought to become a celebrated humorist. I see by your photography that you are a Man who has suffered; and only a person who has endured much can really be a great humorist. The sane good humor comes in as an antidote to counteract the sorrow.

The Brazilian-American would publish the translation only in the weekly review, "Brazilian-American." And publishing it thus in Rio might interfere with the sale in the U.S.A.

Your modest logic about what may interest the citizens of my country may be incorrect, as may be observed by the fact that the most popular books now on sale in the United States are novels about China by Pearl Buck. See "New York Times."

Yes, Dona Alice Tibiriçá is one of Brazil's greatest women. We enjoyed her visit in our home, and then a trip to Belo Horizonte in her Company. The Campaign here for the hundred contos was a great success, and the Pavilion at the Colony for Lepers is now in construction.

My wife joins me in sending cordial greetings to you.

Sincerely,

Your friend,

Anderson Weaver

ANEXO C - Carta enviada em 18 de agosto de 1934 por Manoel Gahisto

83

Paris le 18 août 1934
155 Faubourg Poissonnière (9e),
Poissonnière

Mon cher Confrère,

Je vous envoie ci-joint les pages du Mercure de France, numéro du 15 août, renfermant une chronique des Lettres Brésiliennes dans laquelle votre dernier ouvrage a été signalé à nos lecteurs. (page 204)

Il m'est difficile de parler longuement de tous les livres que je reçois dans le nombre de pages fixé pour chaque chronique. Je joins donc à cette étude tous mes compliments pour votre bel effort. Il me sera toujours agréable de m'occuper de vos ouvrages par la suite car on ne peut douter qu'ils ne soient remarquables.

Je vous prie d'agréer, mon cher Confrère, l'assurance de ma vive sympathie

Gahisto

ANEXO D - Recorte da crônica sobre *Doidinho* na seção *Lettres brésiliennes* da revista *Mercure de France* assinada por Manoel Gahisto em 1934

LETTRES BRESILIENNES

Dante Costa: *Feira Desigual*, Editorial Duco à Rio. — F. Mangabeira Albernaz: *O Homem e a Mulher*, éditions A Luva, Bahia. — José Lins do Rego: *Doidinho*, éditions Ariel, à Rio. — Marques Rebello: *Tres Caminhos*, id. — Jorge de Lima: *Poemas escolhidos*, Adersen, éditeurs, Rio. — Benjamin Lima: *Esse Jorge de Lima*, id. — Francisco Karam: A Hora espessa, Ariel, id.

Doidinho est une histoire de collège, récit dont le succès a été vif parce que l'auteur, José Lins do Rego, nous avait fait connaître précédemment son héros dans un autre roman, *Menina do Engenho*, sincère et coloré. Ce petit Carlinhos, dont le père a tué sa femme dans un accès de folie, a grandi à la campagne près d'un oncle et d'une tante d'une rare bonté, témoin de scènes curieuses comme le retour en raz de marée des eaux dans le lit de la rivière mis à sec par l'été, ou la visite de « courtoisie » du chef de bande Silvino et de ses douze malandrins, et l'incendie de toute une étendue de plants de canne desséchés, venant assaillir en pleine nuit les chaumières isolées. A douze ans, une métisse lui cède et lui passe les premières brûlures du libertinage. Comment n'aurait-on pas été curieux de connaître la suite des aventures de l'enfant, paradoxalement « dessalé » par la vie rurale des plantations à sucre? Au collège, après cette enfance débridée, sa personnalité s'assouplit aux contraintes de l'institution, jusqu'au moment où il s'enfuit, exécédé. Les bizarreries pédagogiques de *Seu* Maciel, directeur de l'institution en province lointaine, la mort de son petit camarade Aurelio, un amour platonique pour Maria-Luiza, permettent au romancier de dépeindre avec délicatesse le milieu nouveau et les personages qui entourent son héros, avec un talent qui ne se force pas, sans amplifications ni parti pris. Sans doute va-t-il le suivre désormais dans la vie où, « enfant de fou », chargé d'hérédités inquiétantes, patronné par des collatéraux bienveillants, il va mettre ses aspirations à l'épreuve des réalités. Si José Lins do Rego garde alors la même homogénéité de ton et s'il est aussi heureux dans la rencontre des épisodes, sans prétendre au roman-fleuve, il s'assurera une notoriété enviable de narrateur séduisant et sobre.

ANEXO E - Lista de obras traduzidas de José Lins do Rego disponíveis no site da *Enciclopédia Itaú Cultural*

Traduções e edições estrangeiras

Obra publicada no exterior

Alemão
Santa Rosa [Menino de Engenho, Bangüê e O Moleque Ricardo]. Tradução Elfried Kaut. Hamburg: Robert Mölich, 1953.
Rhapsodie in Rot [Cangaceiros]. Tradução Waldemar Sonntag. Bonn: Verlag der Europäischen Bücherei H. M. Hieronimi, 1958.

Coreano
[Menino de Engenho]. Tradução Sung-Duck Lee. Seul: Pyoung-Min Sa., 1972.

Espanhol
El Niño del Ingenio [Menino de Engenho]. Tradução Raúl Navarro. Buenos Aires: Emecé, 1946.
El Viejo Ingenio [Bangüê]. Tradução Raúl Navarro. Buenos Aires: Emecé, 1946.
Fuego Muerto [Fogo Morto]. Tradução Raúl Navarro. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1946.
Piedra Bonita [Pedra Bonita]. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1947.
Cangaceiros. Tradução André Fernandes Romera e Manuel José Arce y Valadares. Barcelona: Caralt, 1957.
El Niño del Ingenio de Azúcar [Menino de Engenho]. Tradução Juan Martín Ruíz. Madrid: Celeste Ediciones, 2000.

Francês
L'Enfant de la Plantation [Menino de Engenho]. Tradução Jeanne Worms-Reims. Paris: Deux Rives, 1953.
Cangaceiros. Tradução Denyse Chast. Paris: Plon, 1956.

Inglês
Pureza: A Brazilian Novel [Pureza]. Tradução Lucie Marion. London: Hutchinson Intarnational Authors, 1947/1948.
Plantation Boy [Menino de Engenho, Doidinho e Bangüê]. Tradução Emmi Baum. New York: Alfred A. Knof, 1966.

Italiano
Fuoco Spento [Fogo Morto]. Tradução Luciana Stegagno Picchio. Roma: Fratelli Bocca Editori, 1956.
Il Treno di Recife [Menino de Engenho e O Moleque Ricardo]. Tradução Antonio Tabucchi. Milano: Longanesi ed., 1974.

Romeno
Negrul Ricardo [O Moleque Ricardo]. Tradução A. Lambrino e H. R. Ramian. Bucareste: Editura Pentru Literatura Universala, 1966.

Russo
Herp Рикардо [O Moleque Ricardo]. Tradução B. Zagorcki. Moscou: Editora do Estado, 1937.
Herp Рикардо [O Moleque Ricardo]. Tradução E. Schischmareva. Moscou: Editora do Estado, 1938.
Кангасейро [Cangaceiros]. Tradução V. Iermolaiev. Moscou: Editora do Livro Estrangeiro, 1960.
Угасший Огонь [Fogo Morto]. I. A. Terterian. Moscou: Editora do Livro Estrangeiro, 1966.

Sueco
Poyken pa Söckerplantagen [Menino de Engenho]. Tradução Carl-Erhard Lindhal. Stockholm: Nordan, 1990.

ANEXO F - Carta enviada em 06 de setembro de 1941 pelo Director del Depto. Editorial da Editora Zig-Zag

EMPRESA
EDITORA
ZIG-ZAG

SECCION EDITORIAL

SANTIAGO DE CHILE - BELLAVISTA 069 - CASILLA 84-D. - CABLES: ZIGZAG

Ref. N.º s/n..
D/. N.º Egs/MM
Arch. Aut.....

Santiago de Chile, 6 de Setiembre de 1941.-

Señor
José Lins do Rego
a/c José Olympio
Rúa Ouvidor 110
Río de Janeiro.-

Muy señor nuestro:

Nos referimos a nuestra última carta de fecha 15 de Febrero p.pdo. en la que le remitíamos un borrador de contrato para que Ud. lo hiciese extender en ésa, devolviéndonoslo debidamente firmado y nos extraña sobremanera que Ud. no nos haya dado todavía ninguna respuesta a esta carta.-

En la confianza de que Ud. había dado conformidad a los términos del primer borrador de contrato que enviamos en fecha 7 de Noviembre de 1940 y de acuerdo con su deseo, habíamos encargado la traducción, al escritor argentino Bernardo Kordon; por ello rogamos a Ud. respondernos a la brevedad posible, ya que al parecer, el Sr. Kordon tiene lista la traducción, sin que nosotros podamos pagarle el importe de este trabajo hasta tener en nuestro poder, el contrato correspondiente a los derechos de la obra.-

Quedamos pues, en espera de su grata respuesta, y entretanto le saludamos muy atentamente,

EMPRESA EDITORA ZIG-ZAG, S. A.
Director del Depto. Editorial

ANEXO G - Carta enviada em 09 de janeiro de 1942 por Bernardo Kordon

CP-DR-34

Buenos Aires, Enero 9 de 1942

Mi querido amigo José Lins do Rego:

le escribo desde Buenos Aires, donde estoy pasando un tiempo entre los míos. Hace ya un par de meses que la traducción de Piedra Bonita está en poder de Zig-Zag. Me han asegurado que será impreso dentro de poco tiempo. Armando Bazán, escritor peruano, asesor literario de Zig-Zag, después de leer la traducción, comentó conmigo de que nunca había leido una novela en América Latina de la fuerza de Piedra Bonita.

En Buenos Aires termino de conversar con un editor muy amigo mío: el sr. Gregorio Schuartz. Para este año tiene anunciada la publicación de una gran serie de novelas, con obras de Ilya Eremburg, Thomas Mann, Jhon Doss Passos, etc. Le he interesado por la publicación del "Ciclo de la Caña de Azúcar". Sus condiciones son las que siguen: 200 pesos argentinos por derechos de autor por cada una de las cinco novelas que integran el "Ciclo". Esta cantidad sería pagada al aparecer en venta cada uno de los títulos. Se trata de un editor joven, intelectual, entusiasta y serio, que garantizaría una excelente edición. Mi entusiasmo para vertir al castellano las cinco novelas del "Ciclo" es tal, que ya estoy trabajando en "Menino de Engenho".

Espero pues unas líneas suyas aceptando las condiciones ya descritas para la edición del Ciclo. Mucho le agradecería además que me remitiese su última novela.

Hasta fines de Febrero estaré en Buenos Aires, fecha aproximada en que tengo que volverme a Santiago de Chile. Espero pues un libro y unas líneas suyas, a mi dirección de esta: Córdoba 2752 - Bs. Aires.

Y se despide de usted con un abrazo cordial

Bernardo Kordon

ANEXO H - Carta enviada em 10 de março de 1943 pelo Director Gerente da Emecé Editores S.A, de Buenos Aires.

EMECÉ EDITORES S. A.

AVENIDA ROQUE SAENZ PEÑA 547 • TELEFONOS: U. T. 34, DEFENSA 4227 Y 5094 • BUENOS AIRES

Buenos Aires, 10 de Marzo de 1943.

Señor José Luís Do Rego

Livros - O

De nuestra consideración:

Nuestra distinguida amiga la señora Lydia Besouchet de Freitas nos brinda la oportunidad de entrar en relaciones directas con V.

Ella le explicará nuestros propósitos de editar varias de las principales obras de autores brasileños en nuestra colección "Nave de América" que dirige el señor Eduardo Mallea.

De momento nos interesa publicar su libro "Menino de Eugenho" y agradeceremos a V. que nos escriba determinándonos sus derechos para la exclusiva de traducción en idioma español, teniendo en cuenta que la primera edición constará de 2.500 a 3.000 ejemplares.

Mucho nos agradará llegar a un acuerdo é incorporar a V. a nuestra colección "Nave de América".

Aprovechamos esta ocasión para saludar a V. con nuestra mayor consideración.

EMECE EDITORES - S. A.

DIRECTOR GERENTE

ANEXO I - Carta enviada em 09 de janeiro de 1945 por Eduardo Mallea

1845, AVENIDA SANTA FE, 3º D

Buenos Aires, 9 enero 1945

Querido y admirado José Lins:

Lidia me da la gran noticia de que prosigue su traducción de Todo verdor. No sabe usted cuánta me alegra y me honra la idea de que usted va a traducir y prologar un libro mío: se trata de un sentimiento del tipo de los que la gente entiende poco y sólo algunos novelistas pueden contar, una alegría infantil, muy llena de ingenuo y desenfadado orgullo. La lectura de Rosa Mota y de Banqué (que acaba de hacer en la buena versión española de Navarro) redobló mi devoción por su calidad de novelista, tan extraña en América y también en Europa, una calidad de gran estirpe, de la que sólo se sabe en los comienzos de las grandes culturas.

¿Qué escribe usted ahora? Yo, en los ratos que puedo hurtar a la grave inquietud política en que estamos, escribo una novela, menos simple

2

de asunto y más extensa que Todo verde. Mis vacaciones, que ahora comienzo, me permitirán, espero, avanzar bastante en el libro.

Me gustaría que me escribiera. Vivimos demasiado incomunicados, usted y nosotros. Mucho de lo que nos sucede pasa por eso.

Le mando un gran abrazo y mi gran deseo de recibir noticias suyas.

Eduardo Mallea

Acabo de dar su nombre a un excelente crítico italiano para que comente su obra en Roma. Él le escribirá. Naturalmente, lo conocía; pero ignoraba el carácter cíclico de su obra, su sinfonía temática, a mi juicio tan importante.

ANEXO J - Carta enviada em 08 de julho de 1946 por João H. Rosenfeld

AGENCIA LITERARIA DONA CARLOTA

Rua Almirante Alexandrino, 306
Rio de Janeiro

Author's and publisher's representatives

- New York
- London
- Paris
- Buenos Aires

Representantes de autores e editores

Cables: CARLOTAG
Tel. 22-0427

8 de Julho de 1946.

Illmº. Snr.
Lins do Rego
a/c Livraria José Olympio
Rua do Ouvidor 110
N e s t a

Prezado Sr. Lins,

Referindo-me á nossa palestra ficaria imensamente grato se V.S. me mandasse uma lista das suas obras que ainda estão disponiveis para edições estrangeiras e que considera especialmente aptos para este fim. Gostaria fazer uma tentativa nos seguintes paizes onde estamos bem representados:

Estados Unidos, Argentina, França, Suissa, Estados Escandinavos (Suecia, Noruega, Dinamarca e Finlandia), Czechoslovakia.

De todos estes paizes temos pedidos de oferecer obras primas da literatura Brasileira. Queira marcar na lista de suas obras o paiz para o qual os direitos ainda estão livres.

Precisarei dos necessarios exemplares de exame, os quais peço a V.S. de providenciar.

Entretanto mandei PUREZA a Buenos Aires, e chamei a atenção para o seu novo romance CERCA VIVA.

Estou ao seu dispôr a qualquer lugar e hora que V.S. queira marcar pelo telefone 22-0427.

Com as mais sinceras e atenciosas saudações, sou

seu amº., atº., e obrº.

D. João H. Rosenfeld

Dr. João H. Rosenfeld

JHR/ER

ANEXO K - Carta enviada em 26 de março de 1947 por Ruth Woodward

CP-DR-82

SHERATON BON AIR
AUGUSTA, GEORGIA

EXECUTIVE OFFICE
PAUL E. LEFTON
GENERAL MANAGER

26 de março de 1947

Caro Senhor José,

Suponho que já tinha recibido minha ultima carta com as duas cartas dos agentes. Agora lhe mando outra negativa do agente Sydney Sanders. Mas, patiença! A cousa curiosa e que os affiliados de Sanders na Grã Bretanha, John Farquharson, escrevem-me o seguinte:

"The script of PEDRA BONITA came to hand a little while back, and I am offering it. Meantime I do not seem to have any notes about the South American author, and it would therefore be a great help to me if you could tell me something about him. Also, as I think I told you when we met, I think it would be wise for you to let me have a letter from him authorising me to handle this translation on your joint behalf, and also laying down what the division of the proceeds, if any, is going to be. The simplest way would probably be for Senhor do Rego to authorize me to make all payments less my commission to you, and for you to settle up with him. However, it is for you to decide.

Yours sincerely , INNES ROSE "

Eu penso que seus amigos, Tarquino de Souza, poderiam traduzir esta peça para Vôce e ajudar-lhe para esta carta que gostaria de receber em breve para que ob-

tevemos algum successo!!! Penso que a Grã Bretanha e o pais mais especializado em traduções.

Eu sei que tenho a autorização que nos fizemos juntos em Rio o ano passado, mais si Vôce puder escrever uma carta em inglés autorisando o Senhor Innes Rose, manager de John Farquharson, 8 Halsey ~~Square~~ House, Red Lion Square, London WC1, England, para tratar da tradução em Inglaterra em nome de nos dois, e tambem dizendo que nos vamos 50/50, e que eu me encarreria de manda-lhe sua metade (Vôce tem confiança em mim?) ou como quizer, penso que essa carta serviria melhor. ~~Não precisa~~ Seria melhor enviar isto para mim por avião o mais breve possivel.

encargaria

Meu endereço é % Security Trust Company
Rochester, New York.

Não esquece tambem de enviar-mim os datos seus: biografia breve, quantos livros já escreveu, onde demorou, quantos anos, etc. Vôce sabe que precisa....

Meus saudades de Rio como sempre. Desculpe os erros, mais não tenho muito oportunidade de falar nem escrever em portugues agora. Saudações para os camaradas literarios que conheço e para Vôce um abraço sincero da amiga e colaboradora,

Ruth Woodward

ANEXO L - Carta enviada em 17 de abril de 1952 por P. Boloney

L'ŒUVRE DU XXE SIÈCLE

EXPOSITION INTERNATIONALE DES ARTS

Sous les auspices du Congrès pour la Liberté de la Culture

PARIS, MAI 1952

THÉATRE DES CHAMPS-ÉLYSÉES, 15 AVENUE MONTAIGNE, PARIS VIIIe

TÉL.: BALZAC 29-64

CABLES : THÉLYSÉES

PRÉSIDENTS D'HONNEUR

Benedetto Croce
John Dewey
Karl Jaspers
Salvador de Madariaga
Jacques Maritain
Bertrand Russell

COMITÉ DE DIRECTION

Nicolas Nabokov
Président
Hervé Dugardin
Julius Fleischmann
Denise Tual
René Huyghe
James Johnson Sweeney
Roger Caillois
René Tavernier
François Bondy
Frederick Goldbeck

Paris, le 17 Avril 1952

Monsieur Jose Lins Do Rego

Comme suite à la correspondance échangée entre vous-même et notre Comité de Direction, nous sommes heureux de pouvoir à présent vous donner quelques précisions sur les conditions matérielles que le Congrès compte prendre à sa charge à l'occasion de votre venue à Paris.

1°- VOYAGE.- Notre Comité prend à sa charge les frais de votre voyage aller et retour du lieu de votre résidence à Paris.

Sauf avis contraire de votre part au 30 Avril, nous comptons procéder de la façon suivante : nous donnerons des instructions à l'American Express de Paris de faire mettre à votre disposition par le Bureau de l'American Express de votre résidence, un billet "open date" aller et retour.

2°- FRAIS DE SEJOUR.- Notre Comité a décidé de mettre à la disposition de chaque membre participant ne résidant pas d'ordinaire à Paris, une somme de 4.500 Frs français par jour du 15 au 30 Mai (16 jours), à titre de per diem, pour assurer vos frais de logement et de repas à Paris.

3°- MANIFESTATIONS MUSICALES.- Nous vous remettons ci-joint un programme détaillé des différents spectacles qui se dérouleront dans le cadre de l'Exposition

.....

Internationale des Arts pendant votre séjour à Paris. Pour nous permettre de réserver des places aux membres participants des conférences littéraires aux concerts auxquels ils désireraient assister, nous vous prions de bien vouloir nous faire savoir le plus rapidement possible la liste des réservations que nous aurons à faire pour vous.

Veuillez avoir l'obligeance de nous renvoyer par retour le questionnaire ci-joint nous donnant les détails de votre arrivée à Paris et nous indiquant si vous désirez que nous fassions pour vous une réservation d'hôtel.

Un Secrétariat fonctionnera en permanence à l'adresse suivante : 41, Avenue Montaigne, Paris 8e, téléphone : Elysées 56-61. Dès votre arrivée à la gare ou l'aérodrome, veuillez prendre contact avec ce Secrétariat qui vous donnera toutes les indications nécessaires sur votre séjour à Paris (hôtels, transports, etc...).

D'avance, nous vous remercions et vous prions de croire à l'assurance de nos sentiments les plus distingués.

P. Bolomey

P. BOLOMEY
Trésorier.

ANEXO M - Carta enviada em 21 de julho de 1952

LIVROS DO BRASIL, LIMITADA

PORTUGAL / BRASIL

LISBOA / RUA VITOR CORDON, 29, 31 / END. TELEG. *LIBRASIL* / TEL. 32621

Lisboa, 21 de Julho de 1952

Meu querido e ilustre Amigo:

Os azares da vida fizeram com que não lhe desse o meu abraço de despedida antes da sua partida o que, pode crer, me desgostou imenso.

Depois disso, não só o inesperado prolongamento da minha ausência, como o trabalho que se amontoou sobre a minha mesa, não me permitiram o cumprimento deste dever, ou seja o de dar-lhe esta satisfação com todos os pedidos de desculpa e dizer-lhe que de todo o coração faço votos para que a viagem de regresso tenha decorrido o melhor possivel e tanto o Amigo como sua Exma. Esposa, a quem beijo as mãos, estejam de muito boa saude.

Sob capa separada envio-lhe a fotografia que me concedeu e que eu muito desejaria conservar valorizada com a sua assinatura; por isso lha mando em duplicado, esperando o favor da devolução de uma delas.

Espero poder receber muito em breve o original do "Cangaceiros", conforme me prometeu. Contando com isso, já programei o seu lançamento para breve.

Peço-lhe que apresente, em meu nome, os mais respeitosos cumprimentos a sua Exma. Esposa e aceite um abraço de boa amizade do seu

admirador e
amigo fiatissimo

Jorge Amado

ANEXO N - Carta enviada em 1 de setembro de 1952 por Elfriede Kaut

CP - DR - 33

Blankenese, 1º de setembro 52
Hilgendorfweg 24

Prezado sr. Lins do Rego,

recebi sua carta de 23 de Agosto e fiquei muito satisfeita.

Agradeço-lhe especialmente o seu passo junto ao sr. ministro Mario Guimarães e mais os outros favores quanto à tradução dos seus livros que me concedéu.

Li o seu romance "Eurídice" e já traduzi trechos compridos para alguns amigos lerem, pois o achei interessantíssimo. Ainda estou a desenvolver minha opinião final, ficam

nisto, aliás, no lugar modesto que convem a quem analisa.

Teria grande prazer em receber "Fogo Morto" para ir conhecê-lo.

Soube hoje que "O ciclo" foi remetido para a Holanda, onde vae ser impresso. Logo que tenha noticias novas, vou lhe escrever.

Com a mais alta estima e consideração

Elfride Kaul.

ANEXO O - Carta enviada em 13 de setembro de 1952 por José Osório de Oliveira

Meu caro Camarada:

Sou dos que não se esquecem dos outros, quando os outros (como no seu caso) merecem, pelo seu valor, que a gente se lembre deles. Conversando com o importante editor de Barcelona: José Janés (proprietário de cinco editoriais), com o qual firmei um contrat para a tradução de um livro meu; conversando, ia eu dizer, da literatura brasileira e do pouco ou nada que era conhecida em Espanha, pediu-me êle que lhe indicasse romances brasileiros que pudesse lêr para verificar pessoalmente (trata-se de um editor culto, que é poeta e que lê o português) da possibilidade de os fazer traduzir. Indiquei-lhe os seus romances (e só os seus) sem indicar a minha preferência, que vai para "Pedra Bonita" sem menos apreço por "Fôgo Morto" e tantos outros. Fiquei de lhe escrever para que você lhe mandasse os romances que entendesse. Endereço é: Muntaner, 316 - Barcelona.

Quando me empenhei em despertar o interesse desse editor pelas suas obras (o proveito material

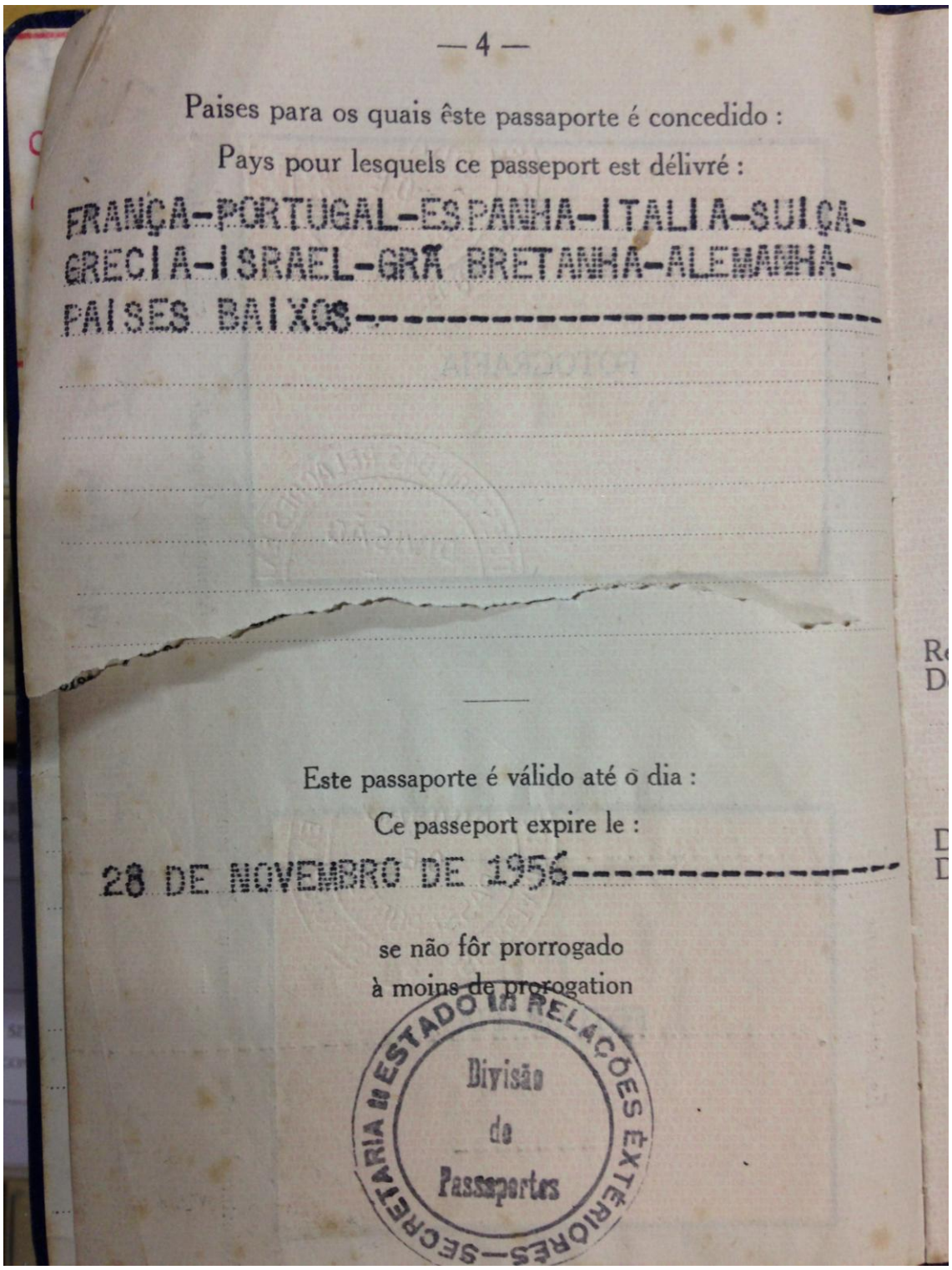
das traduções para espanhol é pequeno, mas interessa sempre, moralmente, a divulgação noutras línguas) estava longe de pensar em utilizar a sua camaradagem. Só no regresso de Espanha tomei a resolução, que vou pôr em prática, de mudar a minha residência para Madrid, obtida (se a conseguir) a minha aposentação, por não querer continuar a viver em Portugal e já não ter ilusões sôbre a possibilidade (tantos anos decorridos) de me trasladar para o Brasil. Precisarei de ganhar mais algum dinheiro e proponho-me, para isso, ser correspondente de jornais portugueses e brasileiros. É claro que sou espanófilo, mas nada tenho que vêr com o regime de Franco e, sim, com a alma e o génio da Espanha. Interessará uma correspondência minha para qualquer jornal brasileiro que pague regularmente (pensei no "Globo") e poderá ou quererá você intervir nesse sentido? Muito lhe agradecia o seu camarada muito admirador e amigo.

José Osório de Oliveira.

Lisboa, 13/9/952.

S/c: Av. da Igreja, 21, 2º, E.

ANEXO P - Página do passaporte de José Lins do Rego



— 4 —

Paises para os quais êste passaporte é concedido :

Pays pour lesquels ce passeport est délivré :

FRANÇA-PORTUGAL-ESPANHA-ITALIA-SUIÇA-GRECIA-ISRAEL-GRÃ BRETANHA-ALEMANHA-PAISES BAIXOS----------

Este passaporte é válido até o dia :

Ce passeport expire le :

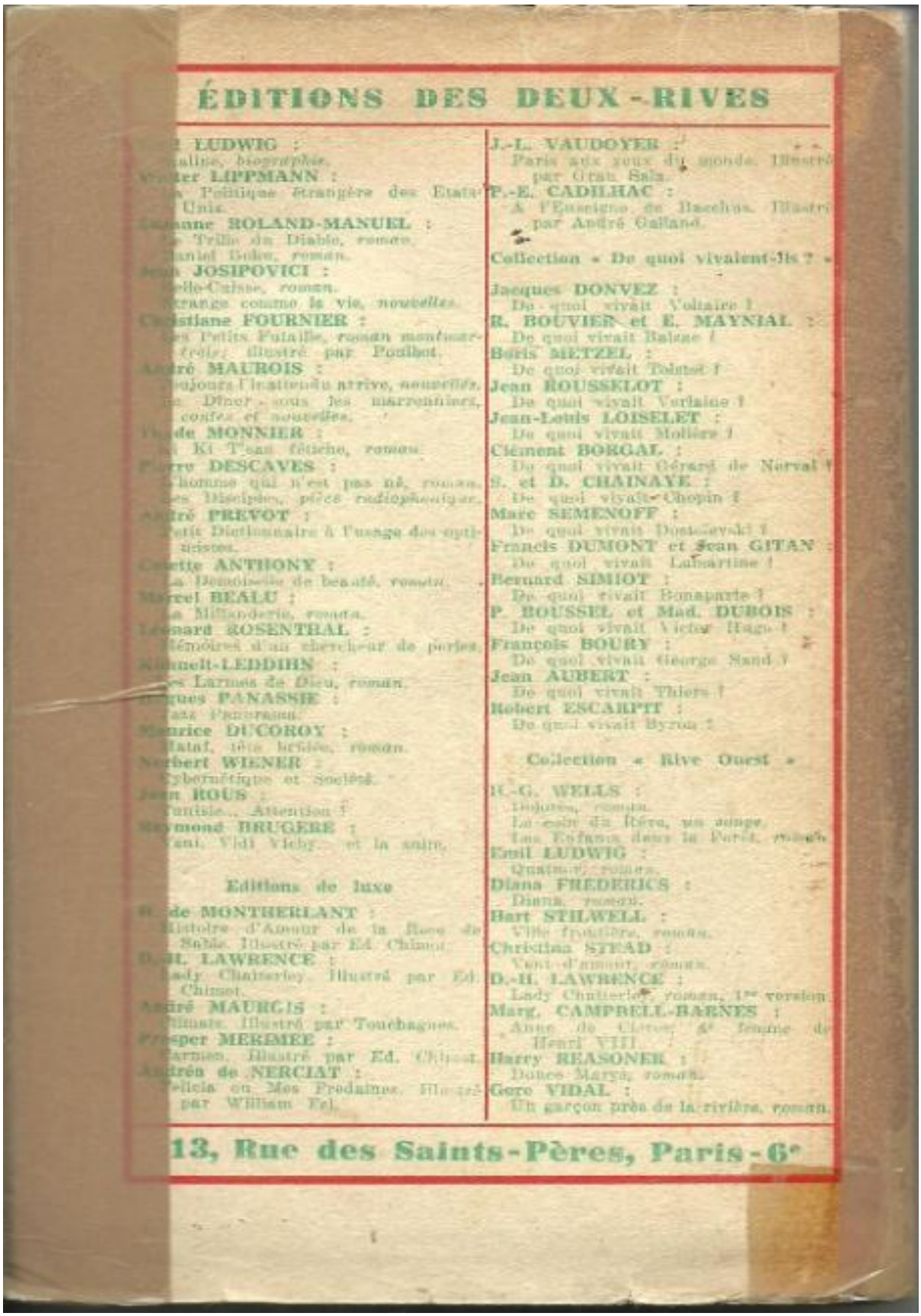
28 DE NOVEMBRO DE 1956----------

se não fôr prorrogado

à moins de prorogation

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES — Divisão de Passaportes

ANEXO Q - Quarta capa de *L'Enfant de la plantation* (1953)



ÉDITIONS DES DEUX-RIVES

LUDWIG :
alins, *biographie*.
Walter LIPPMANN :
La Politique étrangère des Etats-Unis.
Suzanne ROLAND-MANUEL :
Le Trèfle du Diable, *roman*.
Daniel Defoe, *roman*.
Jean JOSIPOVICI :
Belle-Cuisse, *roman*.
Étrange comme la vie, *nouvelles*.
Christiane FOURNIER :
Les Petits Fulaille, *roman montmartrois*, illustré par Poulbot.
André MAUROIS :
Toujours l'inattendu arrive, *nouvelles*.
Un Dîner sous les marronniers, *contes et nouvelles*.
Claude MONNIER :
Ki T'an fétiche, *roman*.
Pierre DESCAVES :
L'homme qui n'est pas né, *roman*.
Les Disciples, *pièce radiophonique*.
André PREVOT :
Petit Dictionnaire à l'usage des optimistes.
Colette ANTHONY :
La Demoiselle de beauté, *roman*.
Marcel BEALU :
La Mitonderie, *roman*.
Léonard ROSENTHAL :
Mémoires d'un chercheur de perles.
Khamelt-LEDDIHN :
Les Larmes de Dieu, *roman*.
Jacques PANASSIE :
Jazz Panorama.
Maurice DUCOROY :
Mataf, idée brûlée, *roman*.
Norbert WIENER :
Cybernétique et Société.
Jean ROUS :
Tunisie... Attention !
Raymond BRUGERE :
Veni, Vidi Vichy... et la suite.

Editions de luxe

R. de MONTRERLANT :
Histoire d'Amour de la Rose de Sable. Illustré par Ed. Chimot.
D.-H. LAWRENCE :
Lady Chatterley. Illustré par Ed. Chimot.
André MAURGIS :
Mimaste. Illustré par Touchagues.
Prosper MERIMEE :
Carmen. Illustré par Ed. Chimot.
Andréa de NERCIAT :
Félicia ou Mes Fredaines. Illustré par William Fel.

J.-L. VAUDOYER :
Paris aux yeux du monde. Illustré par Gran Sala.
P.-E. CADILHAC :
A l'Enseigne de Bacchus. Illustré par André Galland.

Collection « De quoi vivaient-ils ? »

Jacques DONVEZ :
De quoi vivait Voltaire ?
R. BOUVIER et E. MAYNIAL :
De quoi vivait Balzac ?
Boris METZEL :
De quoi vivait Tolstoï ?
Jean ROUSSELOT :
De quoi vivait Verlaine ?
Jean-Louis LOISELET :
De quoi vivait Molière ?
Clément BORGAL :
De quoi vivait Gérard de Nerval ?
S. et D. CHAINAYE :
De quoi vivait Chopin ?
Marc SEMENOFF :
De quoi vivait Dostoïevski ?
Francis DUMONT et Jean GITAN :
De quoi vivait Lamartine ?
Bernard SIMIOT :
De quoi vivait Bonaparte ?
P. BOUSSEL et Mad. DUBOIS :
De quoi vivait Victor Hugo ?
François BOURY :
De quoi vivait George Sand ?
Jean AUBERT :
De quoi vivait Thiers ?
Robert ESCARPIT :
De quoi vivait Byron ?

Collection « Rive Ouest »

H.-G. WELLS :
Tonopah, *roman*.
La Guerre du Rêve, *un songe*.
Les Enfants dans la Forêt, *roman*.
Emil LUDWIG :
Quatre-vingt, *roman*.
Diana FREDERICS :
Diana, *roman*.
Bart STILWELL :
Ville frontière, *roman*.
Christina STEAD :
Vent d'amour, *roman*.
D.-H. LAWRENCE :
Lady Chatterley, *roman*, 1re version.
Marg. CAMPBELL-BARNES :
Anne de Clèves, 4e femme de Henri VIII.
Harry REASONER :
Douce Marya, *roman*.
Gore VIDAL :
Un garçon près de la rivière, *roman*.

13, Rue des Saints-Pères, Paris-6e

ANEXO R - Obituário de Jeannine Worms no *site Éditions Faustroll*

Editions Faustroll
Descartes
Association loi de 1901
La culture est un droit, ce n'est pas une denrée commerciale

Descartes, le 29 avril 2006

Communiqué de presse

Jeannine Worms (1923-2006)

Jeannine Worms s'est éteinte.
Son histoire traverse ce siècle brutal. Elle a parcouru le monde en des temps troublés. Sa famille avait quitté l'Est de la France puis la France même pour échapper aux guerres. Elle naquit en Argentine. Enfant elle vint à Paris, mais, devant la menace des persécutions, elle dut repartir avec les siens, heureusement munis du passeport argentin. A Buenos Aires, elle tira profit des enseignements de Roger Caillois et Paul Bénichou dont elle resta proche. L'après-guerre fut plus faste, après un séjour au Brésil, elle s'installa à Paris et savoura avec son mari Gérard Worms les belles années de Saint-Germain des Prés ou Saint-Tropez. Elle rejoignit alors à la fois la « vie parisienne » et la société des lettres. Son vaste cercle d'amis comptait parmi les plus proches Cocteau, Cioran, Ionesco, des peintres tels Champoval, Tal Coat, Alonso et Piza. Elle se trouvait bien parmi ces Roumains, ces latino-américains avec lesquels elles partageait et le sentiment de l'exil et une redoutable exigence morale.

Femme de lettres, Jeannine Worms a parcouru tous les genres refusant de se laisser enfermer et surtout de céder aux modes. Parisienne certes, mais intègre d'abord. Le *leitmotiv* de son œuvre aura été la réflexion sur les mensonges et les apparences. Mensonges véniels mais quotidiens qui minent le couple et masquent la violence sous-jacente. Mensonges collectifs devant la mort, portés par des prêches où l'homme devrait porter la culpabilité d'un destin qu'il n'a pas choisi. Le théâtre, l'essai et le roman portent tous la marque de ce travail.
Son goût pour l'aphorisme lui a fait privilégier la brièveté sur scène. Des œuvres courtes, des saynètes cruelles, au plus près du trivial et déjà contraignant le spectateur à se mettre soi-même en cause. Quand elle écrit ou revoit ses textes, Jeannine Worms traque le « gras », tout ce qui ralentit. Dans ses essais, son style reste aigu, véhément. Son souci d'élégance intellectuelle va de pair avec celui de l'honnêteté ne laissant pas de place pour les compromis.

Elle a aimé les acteurs et n'a jamais cessé jusqu'à la fin de ses jours de fréquenter les théâtres. Ses pièces sont des classiques contemporains, étudiées dans les écoles d'art dramatique et encore régulièrement jouées. Elles ont été abondamment traduites et mises en scène dans le monde.

Chez Jeannine Worms l'affirmation d'un style l'emporta sur celui d'un genre, et ce à partir d'une posture intellectuelle très déterminée. En aucun, elle ne porta une pensée systématique, effrayée par l'esprit de sérieux sorbonnicole et élevée loin des bornages académiques, elle peut être située dans le rang des adeptes du *Gai savoir*. Elle a traqué le conformisme en jouant sur les vertus du divertissement théâtral et en maniant ces flèches qui faisaient le bonheur des moralistes du grand siècle. Dans son dernier texte, *Les Ratés de l'éternité* (Ed. Faustroll, 2005), Jeannine Worms reprit son dialogue avec la Funeste et fit d'elle le personnage central d'un *Theatro mundi* impitoyable. Cette cosmogonie rapportée à celles de la physique contemporaine ou des grandes religions est irrespectueuse, blasphématoire.

Jeannine Worms fut une sorte de Diogène au féminin. Elle a assumé la bassesse de l'homme et magnifié son courage. La camarde contre laquelle, petite femme, elle s'était dressée avec véhémence, vient d'emporter une rebelle. La rebellion portée par ses textes nous reste.

Editions Faustroll
37, rue du Commerce
37160 - Descartes
Tel. : 06 87 70 96 22
Fax : +49 5445 98 49 21
Mél : docteur@faustroll.net
Internet : www.faustroll.net

ANEXO S - Correspondência enviada em 22 de agosto de 1952 por J. W. Reims

M. Luis de Rego.
Rio de Janeiro.

J. W. Reims
Paris - 22 - VIII . 52.

Cher Maître et ami,

J'ai reçu vos deux lettres depuis votre départ. J'ai eu avec vous
J'espère que vous avez reçu la nouvelle version de la traduction que je vous ai fait parvenir par portuguais et que vous en avez été content. Votre éditeur français sera sûrement enchanté.

Il vient de me suggérer une idée que je trouve intéressante et que je vous propose. Il voudrait publier sur une petite portée les notes des mélodies des chansons que composent votre texte. Qu'en pensez-vous ? Serait-ce vous

on pourra le nous le faire parvenir le plus rapidement possible bien entendu... vous n'oublierez pas notre discussion rapport à l'ambassade.

J'espère que vous aurez gardé un bon souvenir de votre séjour à Paris et que nous aurons bientôt le plaisir de vous y revoir.

Je suis pour ma part en plein projet de théâtre. On doit jouer une de mes petites pièces l'hiver prochain. J'attends de voir le premier lord du rideau pour y croire. D'autres projets aussi, le journal mensuel d'art et de combat, la critique de Dor Toulouse. Ils sont chacun d'époque...

Je vous laisse, en vous priant de croire à ma vive sympathie et à mon admiration.

Jean Lurçat

344,554
8941 B

S. W. REIMS.
70. Fg. St. HONORÉ.
PARIS. VIII.

ANEXO T - Correspondência enviada em 4 de setembro de 1952 por J. W. Reims

W R

70. RUE DU FAUBOURG ST HONORÉ.8e

Paris.
4 Septembre 1952

M. J.L.Do Rego
Rio de Janeiro

Cher ami.

Je rentre devaccances , et ma première visite a été pour ~~maxéditeur~~ notre éditeur.Il n' attend que lespetites partitions que je vous ai demandées pour mettre le livre sous presse (je lui ai remis en Juillet la nouvelle traduction). Nous sommes impatients de les recevoir,à moins que vous ne trouviez l' idée mauvaise; dans ce cas, faites le nous savoir au plus vite.

Il parait que M. Assunçao a demandé un rabais sur le prix que M. Defez lui avait fait.Celui-ci m' a dit le lui avoir fait au plus juste, les lois syndicales lui interdisant de faire à tout autre qu' aux libraires la remise de trente pour cent. Je compte aller demain à l' ambassade , et voir cela de plus près.

Nous avons songé à Blaise Cendrars pour prefacer votre livre. Ici encore, qu' en pensez_vous? Il est un écrivain célèbre, un homme sympathique, votre ami et celui du Bresil, je le trouve tout indiqué.

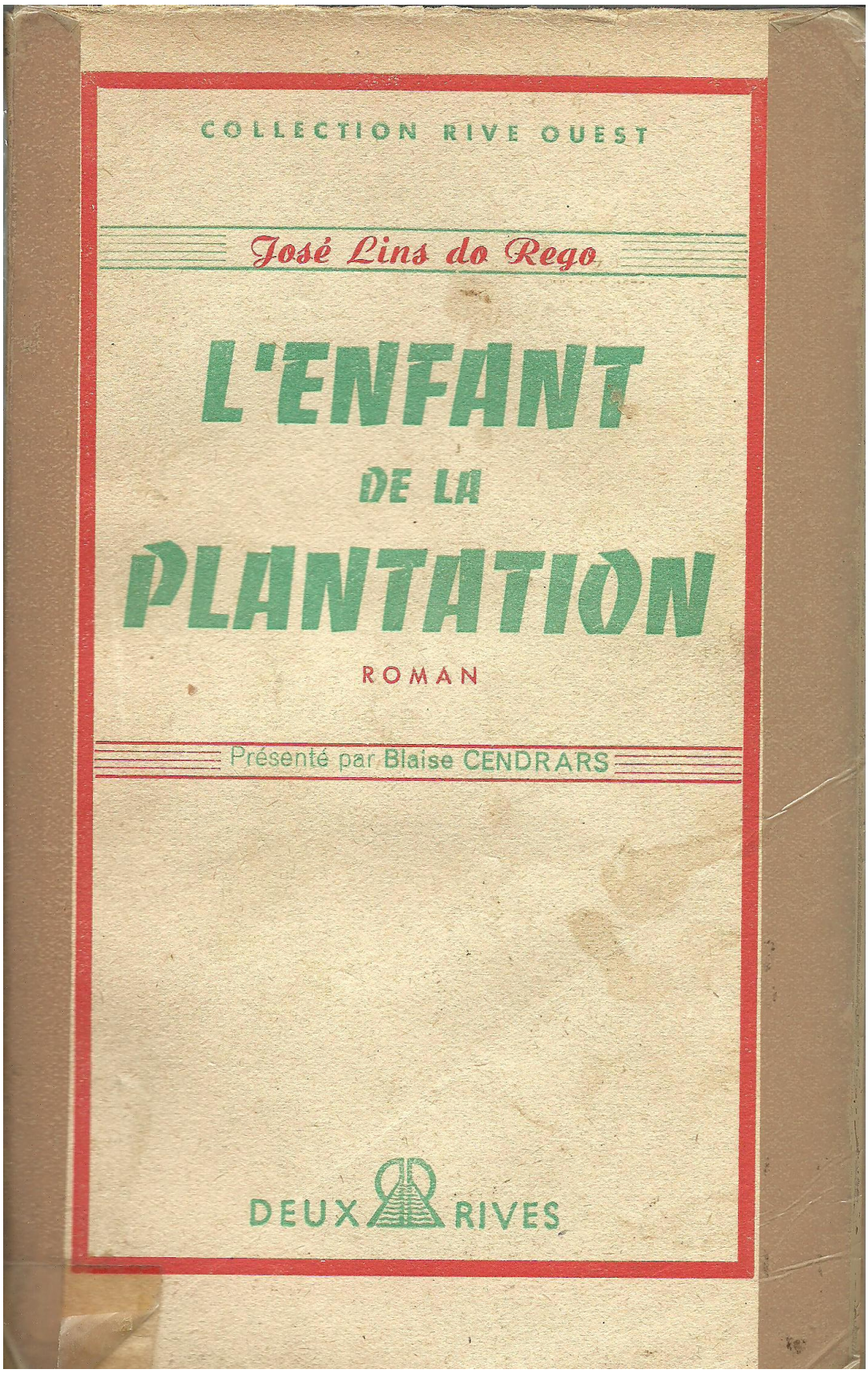
Je dois relire Fogo Morto en vue de satraduction.Je ne vous promets pas que cela se fasse rapidement.Moi_même; j' ai plusieurs choses à finir, dont une pièce, et peut-être un théatre à monter.

J' espère avoir bientôt le plaisir de vous lire, et plus encore, celui de vous revoir. Bien affectueusement à vous.

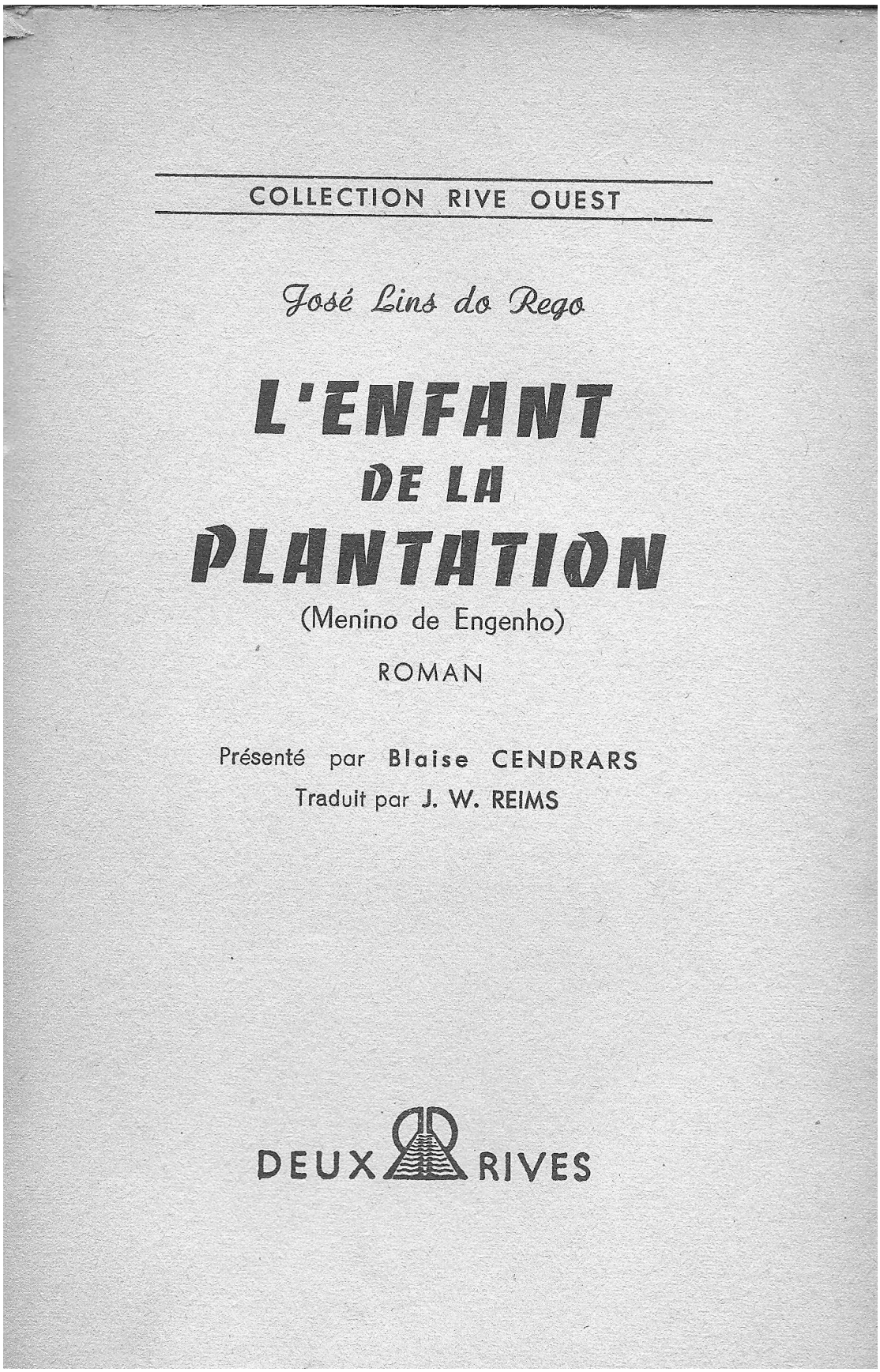
J. W. Reims

J.W Reims

ANEXO U - Capa de *L'Enfant de la plantation* (1953)



ANEXO V - Página de rosto de *L'Enfant de la plantation* (1953)



COLLECTION RIVE OUEST

José Lins do Rego

L'ENFANT DE LA PLANTATION

(Menino de Engenho)

ROMAN

Présenté par Blaise CENDRARS

Traduit par J. W. REIMS

DEUX RIVES

ANEXO W - Capa do jornal *Les Nouvelles Littéraires* (1953)

LES NOUVELLES LITTÉRAIRES
ARTISTIQUES ET SCIENTIFIQUES

JEUDI 19 MARS 1953
Administration et vente :
LAROUSSE
13 à 21, RUE DU MONTPARNASSE — PARIS-6e
Rédaction — Publicité
146, RUE MONTMARTRE-PARIS-2e
N° 1333 30 fr.

IL Y A ENCORE DES MÉCÈNES

par A. t'Serstevens

Un mécène exemplaire : Laurent de Médicis, par Michel-Ange

LE mécénat, qui comportait loisirs et munificence, n'est plus guère à la portée des hommes d'aujourd'hui. Le labeur constant, même dans les classes les plus aisées, ne laisse ni le temps ni peut-être le goût de la culture et des artistes. Auguste, en dépit de son empire mondial, pouvait se distraire du pouvoir en écoutant Virgile, et même s'endormir au ronron des hexamètres. Le grand industriel ne connaît que celui des machines. Le clavier de Mozart enchantait des désœuvrés de classe ; celui des dactylos crépite dans le subconscient des forçats du capital, je veux dire les patrons. Il suffisait, aux temps dorés de l'intelligence et du nonchaloir, d'être un homme d'esprit pour trouver le vivre et le couvert ; il peut compter aujourd'hui sur l'indifférence des ploutocrates et trouvera peut-être un asile sur les pontons de l'Armée du salut.

Une sorte de mécénat à la petite semaine subsiste cependant dont les artistes sont obligés de se contenter. Il est parfois publicitaire, copie ou dessins payés fastueusement en bouteilles d'apéritifs, parfums en flacons, rasoirs mécaniques ou soutien-gorge brevetés. On pourrait aussi considérer comme de lointains protecteurs des arts le client des séances de signatures et le collectionneur de peintres débutants qui mise sur la roulette du destin.

J'ai connu toutefois quelques mécènes un peu plus généreux, à la manière, cela va sans dire, d'une époque d'inflation et de pressurement fiscal. Nous ne sommes plus au temps où La Bruyère, qui n'avait encore rien publié, vivait en permanence chez le prince de Condé, où Jean-Jacques Rousseau pouvait développer son existence de parasite entre Mme de Warens et M. de Girardin. On peut bien trouver une hospitalité transitoire chez un riche qui s'ennuie aux champs, mais elle meurt avec les vacances.

Dans l'après-guerre de 1914, Jacques Doucet, couturier retraité, pratiquait un mécénat plein d'originalité et de nuances. Il invitait des écrivains, des jeunes le plus souvent, d'autres aussi célèbres qu'impécunieux, à lui envoyer des lettres ou les chapitres inédits d'un livre, le tout manuscrit, qu'il mettait sous cartons avec des soins de collectionneur. On recevait en échange, et sans délai, la visite de son valet de chambre porteur d'une enveloppe garnie de menus billets, ceux de l'ère prépoincaréenne, avec les remerciements du donateur. Cette initiative nous a valu, par exemple, *L'Eubage* de Cendrars, divisé en douze mois, c'est-à-dire en douze mensualités, ce que mon vieux Blaise nous a conté lui-même dans un de ses livres. Je dois à Jacques Doucet, de la même façon, mes *Petites Trilogies*, en huit parties seulement, le mécène ou moi s'étant découragés avant la fin de l'année. Bien d'autres, dont André Salmon, je crois, ont puisé à la même source d'inspiration, somme toute fructifiante et qui honore son inventeur (1).

Max Jacob, avant la guerre, la dernière dans le passé, vivait en partie d'un mécénat d'habitués ou de souscripteurs bénévoles. L'hiver 1918-1919, je l'ai rencontré plusieurs fois portant sous le bras, enveloppés dans du papier-journal, des exemplaires du *Cornet à dés* et du *Phanérogame* qu'il allait présenter à ses protecteurs en titre, ce qui ne l'empêchait pas d'en offrir à ses amis, d'un cœur généreux. C'est sur le trottoir du boulevard Saint-Germain et de la rue Lepic qu'il m'a donné l'un et l'autre de ces livres qu'il diffusait comme un facteur, à grande et patiente usure de semelles. Je ne sais ce que les dédicataires lui offraient pour ces exemplaires aujourd'hui recherchés, mais, à en juger par son taudis de Montmatre, ils devaient se montrer moins larges que le duc de Ferrare.

LA SUITE A LA QUATRIEME PAGE

(1) Ces trésors forment la collection Doucet à la bibliothèque Sainte-Geneviève.

LA QUESTION DU JOUR

Avez-vous besoin de RIRE ?

Notre collaboratrice Claude Cézan ne pouvait trouver « Question du jour » plus actuelle, à la veille du quatrième centenaire de celui qui proclama que « le rire est le propre de l'homme ».

PIERRE GAXOTTE
de l'Académie française

J'ai besoin du rire, bien sûr. D'ailleurs, je suis gai et je ris facilement. Je trouve le rire salutaire : il aide à vivre. Et je ris de tout ! enfin... de presque tout !

GEORGES LECOMTE
de l'Académie française

Comme la vie ne nous apporte pas seulement des joies et des divertissements, et puisque « le rire est le propre de l'homme », je saisis avec allégresse toutes les occasions de rire d'une situation ou d'une attitude comiques, d'une parole enjouée, d'un trait piquant. Mais je n'ai jamais la tentation de rire d'une vulgarité, d'une laideur, d'une rosserie malfaisante, d'une vanité bouffonne. Si elles sont arrogantes, je leur oppose le mépris du silence. Si elles sont anodines, nous avons à leur égard la riposte du sourire discret ou railleur qui nous soulage et nous venge.

MARCEL ACHARD

J'ai sacrifié au rire beaucoup de choses. Y compris le souci de me faire prendre au sérieux. C'est le rire qui m'a permis d'arriver à la cinquantaine sans maladies graves. Je recommande à tous cette thérapeutique. Mais le rire ne se commande pas et je n'ai pas voulu lire l'essai de Bergson : j'aurais eu peur de ne pas faire rire suivant les règles.

DUSSANE

Si j'ai besoin du rire ? je pense bien, et tous les grands actifs, comme les grands sensibles, sont gais. C'est là un indice de vitalité. Je considère le rire comme une vertu et je fais tout à fait mienne l'assertion de Rabelais. Croyez-moi, l'aptitude au rire est un signe de santé et d'équilibre. Aussi bien quelle ressource dans la vie ! Songez à tant de ridicules prétentieux qui ne relèveraient que d'un éclat de rire.

JEAN DUTOURD

Si j'ai besoin de rire ? Oui. Autant que je peux. Du reste, je crois que c'est mon tempérament. Les optimistes écrivent des tragédies, les pessimistes seraient plutôt des auteurs comiques. Je suis pessimiste. Comme je m'attends toujours au pire, je n'ai à peu près que des surprises agréables.

GABRIEL MARCEL

Certes — et plus que jamais — je crois au rire, à la valeur insigne du rire. Refuser le rire, c'est très précisément refuser l'humain, car le rire se situe à l'articulation de la nature et de la liberté. Un monde où on ne rirait plus serait un monde condamné, étouffé par l'automatisme ou par la peur, et ce sont là au surplus, nous ne le voyons que trop, des possibilités qui ne s'excluent point.

JEAN PAULHAN

Ce que le rire m'apporte ? La preuve, agréable, qu'il y a des tas de choses que je ne comprends pas.

FRANÇOIS PÉRIER

Si j'ai besoin de rire ? je crois bien ! Mais, plus encore, de faire rire les autres.

JEAN SCHLUMBERGER

Si l'humanité savait honorer ses bienfaiteurs plus que ses tyrans, elle placerait les auteurs qui ont su la faire rire à un rang élevé. Quelle immense gratitude ne mérite pas un écrivain qui, de génération en génération, a donné de la joie aux hommes !

Réponses recueillies par CLAUDE CEZAN.

Sur les pas de Van Gogh

Reportage par
ANDRE BOURIN

CES maisons mi-paysannes mi-villageoises qui se pressent en commères curieuses le long de la route, au pied du coteau, avec leurs clôtures branlantes, leurs grilles hérissées de hallebardes inoffensives et les moignons noirs de leurs tilleuls, c'est Auvers-sur-Oise. La rivière, invisible, coule derrière la voie ferrée, rectiligne au milieu des champs. Quelques poules, dans un jardin désolé, grattent de l'ongle une terre noire. Des buis dessinent des parterres autour de pavillons qui s'ornent d'un perron, d'une véranda, d'une girouette rouillée. On repousse la campagne, on la tient en respect derrière des murs bas chapeautés de tuiles. Et voilà le cœur du village. Sur la grand-place un café :

A Van Gogh

Entre les deux fenêtres du premier étage, une plaque de marbre blanc rappelle que Van Gogh vécut ici les derniers mois de sa vie et qu'il y mourut au petit matin du 29 juillet 1890. Auvers, pourtant, ne devait être pour lui qu'une étape entre la Provence, qu'il avait quittée au mois de mai, et son Brabant natal, qu'il aspirait à retrouver avec ses landes, ses tourbières, ses chaumières écrasées sous le ciel. Mais Auvers voulut le garder à jamais, et le nom de Van Gogh reste attaché à ce coin de l'Ile-de-France qui, « près Pontoise », a peut-être vu naître Villon, où Daubigny eut son atelier, où vint Corot, puis où, plus tard, Pissarro, Cézanne, Guillaumin, Renoir ont vécu, attirés là par celui qui fut à la fois un artiste (1) et un amateur que les audaces des impressionnistes n'effrayaient pas, le docteur Gachet. Mais, de tous ces peintres, n'est-ce pas celui des *Tournesols* qui reste, dans cette vallée, le plus proche de nous derrière les paysages auxquels il a conféré sur ses toiles son démentiel frémissement ?

De sa maison natale, à Zundert, en Hollande, il ne subsiste rien, et c'est devant celle qu'on a édifiée sur le même emplacement qu'on célébrera, le 30 mars prochain, le centième anniversaire de sa naissance. Le rechercher là-bas ? Les morts ne hantent pas les maisons neuves. C'est dans ce village où il gît, enfin apaisé, que sa présence est le plus sensible.

Et d'abord dans ce café. Car je doute qu'elle ait beaucoup changé depuis soixante ans, cette longue salle au plafond bas, avec son dallage noir et blanc, son comptoir de chêne ciré, son billard recouvert d'une housse, son poêle, son piano droit pour faire danser garçons et filles le dimanche, et ses tables de bois alignées contre les murs. Un rapin y a dessiné à la sépia des couples roucoulants dans le style bohème de Gustave Charpentier, et une pauvre copie de *L'Homme à l'oreille coupée* est suspendue au fond de la salle. N'est-ce pas à cette place, près de la fenêtre, que Van Gogh peignit Mlle Ravoux, la fille de son logeur ? Vit-elle encore ? A-t-elle quitté le pays ? J'interroge un groupe de buveurs, attablés comme *Les Joueurs de cartes* de Cézanne.

— Ravoux ? Ravoux ? me dit l'un d'eux. Non, ce nom-là ne me rappelle rien. Moi, de mon temps, c'était Leleu.

Auprès de la cuisine, un escalier tortueux mène aux chambres. Les deux plus belles s'ouvrent sur la place, mais à l'impécunieux Van Gogh on ne donna qu'une étroite cellule où pouvaient tout juste tenir un lit et une chaise, et qui prenait jour sur une ruelle. Ce qu'elle était lorsqu'il l'habita, nous ne pouvons plus le savoir aujourd'hui qu'on a remplacé son papier aux rayures fanées par une tapisserie bleu comme un ciel de juin, et un divan occupe la place où l'on avait dressé son lit de camp. Mais n'importe ! C'est entre ces murs resserrés qu'il agonisa, veillé par le fils du docteur Gachet, son protecteur, qui l'avait attiré à Auvers, et par son frère Théo, accouru de Paris. Odeur des dernières pipes fumées. Echo des dernières paroles échangées :

— Aie confiance, confiance. Nous te sauverons.

— C'est inutile, répondait Vincent. La tristesse durera toute la vie.

Face au café (*restaurant, casse-croûte à toute heure*), bien assise au milieu de la place, se dresse la mairie d'Auvers, et je la vois telle que Van Gogh la peignit de la terrasse de Ravoux, le jour du 14 Juillet, ornée de drapeaux et de lanternes vénitiennes. Mais la pelouse qui l'entourait a disparu ; disparus aussi les bornes et les chaînes qui ceinturaient la place, et les contrevents des fenêtres ; mais le petit campanile se dresse toujours au-dessus du fronton ; seulement la guerre a passé par là et il laisse apercevoir maintenant les haut-parleurs d'une sirène menaçante.

Comme il est aisé, en dépit des façades ragréées, des trottoirs neufs, du halètement des grues employées à la reconstruction du pont sur l'Oise, d'imaginer, dans cette longue rue, Van Gogh tel qu'il était apparu quelques jours auparavant, à Paris, à sa belle-sœur, « solide, large d'épaules », avec « de saines couleurs, une expression de visage joyeux et, dans tout son être, quelque chose de ferme ». Avant la crise qui devait l'abattre définitivement, quel brûlant désir de travailler, de peindre ! Soixante-dix tableaux, trente-deux dessins, voilà la moisson de ses deux derniers mois.

Je cherche à faire des études de blé, écrit-il à Paul Gauguin. *Rien que des épis tiges bleu vert, feuilles longues comme des rubans vert et rose par le reflet, épis jaunissant légèrement bordés de rose pâle par la floraison poussiéreuse — un liseron rose dans le bas enroulé autour d'une tige.*

Les marronniers en fleurs qu'il peignit dès son arrivée à Auvers ont été abattus, le vieil escalier n'existe plus et les tuiles ont remplacé le chaume sur les vieilles maisons de la rue du Gré, au hameau voisin de Chaponval. J'en ai remonté cependant le chemin pierreux où il était venu avec sa boîte de couleurs et ses pinceaux ; près d'un puits, un vieil homme en cotte bleue m'a parlé du temps où ces masures étaient encore coiffées de chaume. Van Gogh ? Non, il ne l'a pas connu, mais il n'ignore pas sa peinture...

— Et même, monsieur, que mon fils a reproduit son tableau de l'église d'Auvers sur un programme des fêtes quand il était écolier.

Non loin, rue des Vessenots, abrité par un haut mur de forteresse qui soutient une terrasse, se dresse la maison du docteur Gachet, que peignit Cézanne et où Van Gogh avait son couvert deux fois par semaine, le dimanche et le lundi.

(1) Le Dr Gachet, sous le pseudonyme de Van Ryssel, fut un dessinateur et un graveur à qui on doit en particulier un admirable portrait de Van Gogh sur son lit de mort.

LA SUITE A LA QUATRIEME PAGE

Le café « A Van Gogh », à Auvers. *Photos Ina Bandy.*

La conclusion à la série des
GRANDES CONFÉRENCES
des
NOUVELLES LITTERAIRES
sur la Littérature et la Vie
sera apportée par
ANDRE MAUROIS
de l'Académie française
Samedi 21 mars, à 17 h. 30, à la Salle d'Iéna, 10, avenue d'Iéna, Paris (VIIIe) (Métro Iéna). Un certain nombre de places seront mises à la disposition du public au prix de 250 francs.

L'AIGLON ASSASSINÉ

Celui qu'Edmond Rostand a immortalisé sous le nom de l'Aiglon a-t-il été empoisonné par Metternich ? Les travaux récents sur l'arsenic, ceux, en particulier, du professeur René Fabre, de l'Académie de médecine, ont permis à M. Jean de Marceley de nous présenter une thèse qui s'appuie sur des arguments politiques et médicaux qu'il développera dans un livre important à paraître aux Editions Corrêa, « Le Meurtre de Schœnbrunn ». Les principaux témoignages dont fait état M. de Marceley sont ceux du chevalier Prokesch-Osten, le fidèle ami du duc de Reichstadt, et du capitaine de Moll, son aide de camp. Le tableau de la situation de l'Europe en 1832 qu'on va lire place ce meurtre politique dans son contexte historique.

LES événements extérieurs sont graves et se précipitent. Partout on réclame le fils de Napoléon, le nom de Napoléon II est sur toutes les lèvres. C'est la Belgique qui le prendrait pour roi avec une joie non dissimulée, c'est la Pologne qui ne rêve que de conquérir son indépendance et d'ériger le pays en royaume dont la couronne ceindrait le front du fils de l'Aigle, c'est la Grèce qui ne veut pas d'un prince allemand dont le culte ne s'accorderait pas avec la religion orthodoxe et qui, désireuse de se donner un souverain, pense tout naturellement au duc de Reichstadt. Enfin c'est l'Italie, en pleine insurrection, menée par le parti bonapartiste, qui n'attend que l'évasion de l'ancien roi de Rome pour le proclamer roi d'Italie.

Cette évasion peut se réaliser d'un jour à l'autre. Prokesch a promis son appui à Reichstadt. Metternich ne l'ignore pas, alors ce sera la catastrophe pour le cabinet de Vienne et, malgré ses machiavéliques combinaisons, la ruine de la politique menée par le chancelier depuis 1809. La communication qui vient de lui être faite du grand complot bonapartiste des régions militaires de France ajoute à son angoisse.

Non ! Il ne permettra pas que le duc de Reichstadt s'enfuie de Vienne pour rejoindre un peuple frémissant qui l'attend au pont de Strasbourg.

Il double les policiers, la surveillance se resserre, se fait encore plus étroite autour du duc de Reichstadt, des instructions précises sont données aux frontières. Maintenant l'infernal chancelier va mettre au point tous les détails du plan qu'il vient d'échafauder. Il éloigne Prokesch une première fois, en l'envoyant à Bologne, chargé d'une mission diplomatique.

L'ami fidèle du jeune prince hors d'Autriche, il a les mains plus libres ; il transforme la maison du duc de Reichstadt et prend ce prétexte pour lui ravir son cuisinier Verlaine en le remplaçant par celui de la cour. Désormais la toile est tissée ; c'est dans ce mortel réseau que s'achèvera la vie sans joie de l'Aiglon.

Jean de Marceley.

LA SUITE A LA CINQUIEME PAGE

AU PAYS DE RABELAIS

Ainsi que nous l'avons annoncé la semaine dernière, notre première promenade littéraire de printemps aura lieu le samedi 11 et le dimanche 12 avril prochain et elle sera consacrée à Rabelais, dont le quatrième centenaire de la mort sera célébré le 9 avril. C'est donc dans le Chinonais que nous conduira André Bourin, à la Devinière d'abord, puis à la Roche-Clermault à l'abbaye de Seuilly, au gué de Vède, au château du Coudray-Montpensier, sur tous les lieux enfin où se déroulèrent les fabuleux combats de la guerre picrocholine.

Nos promeneurs, traversant le Blésois, s'arrêteront en outre au château de Talcy, qui conserve le souvenir de Cassandre et de Ronsard, et aussi d'Agrippa d'Aubigné. Ils s'arrêteront également devant la Chavonnière, où fut assassiné Paul-Louis Courier ; enfin ils seront reçus dans sa propriété des Vernelles par M. Maurice Genevoix, de l'Académie française. A Tours aura lieu, le samedi soir, un dîner suivi d'une visite du Musée des Beaux-Arts, spécialement éclairé à cette occasion, sous la conduite de M. Bernard Loosky, son conservateur. On trouvera d'autres précisions sur cette promenade à la septième page

Nous consacrerons une partie de notre prochain numéro aux
LECTURES DE PRINTEMPS
Notre numéro spécial à l'occasion du
quatrième centenaire de
FRANÇOIS RABELAIS
paraîtra le jour même de cet anniversaire, le 9 avril prochain

La voix du sang

Blaise Cendrars

ILS étaient tous venus au bateau : Graça Aranha, le représentant de l'esprit moderne à l'Académie brésilienne, l'auteur de *Canaan*, de *Malasarte*, le théoricien du nationalisme intégral, un esthéticien avec une touche de Barrès, de Renan, de Gœthe et tout pénétré de nietzschéisme, accompagné des grands poètes Ronald de Carvalho, Americo Faco, déjà célèbres et de plus jeunes qui allaient le devenir dès la décade suivante, Prudente de Moraes, Guilherme de Almeida et, le dernier-né, Sergio Buarque de Hollanda, qui avait l'âge et la témérité intimidée de Radiguet, sans oublier, bien sûr, Paulo da Silveira, le chroniqueur le plus rosse de Rio-de-Janeiro, une grande gueule de Tupinamba qui m'initia séance tenante à la cuisine afro-brésilienne, en nous invitant tous à déjeuner dans un caboulot du port.

Ils n'en revenaient pas de me voir si jeune, si jeune, pensez, un auteur arrivant de Paris, quel prestige !... C'était en 1924, j'avais trente-sept ans. Mais ils n'en avaient encore jamais vu un comme moi qui n'en avais pas l'air. Je buvais, je mangeais, heureux de déguster tant de bonnes choses exotiques, je riais, je trinquais et je m'étonnais qu'on se soit dérangé jusqu'au bateau, avec des photographes et la presse pour venir rendre hommage au poète. La barbe ! C'était bien la première fois...

A Sao-Paulo (*23° 36' de latitude sud et 43° 27' de longitude ouest*), où je me rendais et où j'avais été invité, la réception ne fut pas respectueuse pour un sou et d'emblée le groupe des modernistes de Sao-Paulo, qui houspillaient et tiraient à boulets rouges sur celui de Rio, Oswaldo de Andrade, Mario Andrade, l'espiègle Serge Millet, le grand poète Tasto di Almeida, le fin Couto do Barros, le bon Rubens de Moraes sans malice, Luiz Aranha, Antonio de Alcantara Machado, qui allait de l'avant tambour battant, et ce pince-sans-rire de Yan, m'accueillit comme un des leurs, ce qui n'empêcha pas Mario Andrade, le pape du mouvement moderniste de Sao-Paulo, dans un grand article où il me saluait et me souhaitait la bienvenue (*Revista do Brasil*, mars 1924) d'enfourcher son cheval de bataille et de pester contre la néfaste influence de la littérature française en général et plus particulièrement de la poésie moderne sur la littérature et la poésie brésiliennes, de crier haro et de féliciter la police de Santos d'avoir fait des difficultés pour me laisser débarquer parce qu'il me manquait un bras !

— La police avait raison, s'écriait Mario. Le Brésil n'a que faire de mutilés. Le Brésil importe de la main-d'œuvre !...

Ah, ces jeunes gens de Sao-Paulo, ils me faisaient rire et je les aimais bien. Bien sûr qu'ils exagéraient. Après Baudelaire, Whitman et les poètes de Paris, les Paulistes venaient de découvrir la modernité chez eux. Et ils l'accaparaient. Et ils l'exploitaient. Ils voulaient battre tous les records. Ne construisait-on pas dans leur petite ville de province une maison par heure, un gratte-ciel par jour ? Sao-Paulo allait devenir une capitale, une métropole. Ils voulaient que leur poésie marche à la cadence des riveteuses pneumatiques qui édifiaient les échafaudages d'acier. C'est beau l'enthousiasme. Mais en attendant, mes amis étaient insupportables, car c'était tout de même un cénacle, et écrivains, journalistes et poètes paulistes singeaient de loin ce qui se faisait à Paris, New-York, Berlin, Rome, Moscou. Ils honnissaient l'Europe mais ils n'auraient pu vivre une heure sans le modèle de sa poésie. Ils voulaient être à la page, à preuve : c'est qu'ils m'avaient invité...

C'est Oswaldo de Andrade, le prophète du modernisme à Sao-Paulo, qui était venu

« Une maison par heure, un gratte-ciel par jour... »

ANEXO X - Bilhete enviado em 7 de agosto de 1952 por Robert A

COPIA.

Paris 7 Agosto 52

Meu caro Zé Lins

A publicação do Menino de Engenho está em andamento. Tudo O. K. Aí vai cópia da carta com o parecer do editor sobre a tradução. Envio tudo ao Mario Guimarães.

Mande notícias.

Abraço o seu

Robert Ange